

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO – UENF

ANDRÉA DE FÁTIMA SANTOS

PROJETOS DE VIDA E JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS:
UM ESTUDO A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DE JOVENS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ

2011

ANDRÉA DE FÁTIMA SANTOS

PROJETOS DE VIDA E JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS:

um estudo a partir das representações sociais de jovens
de uma comunidade quilombola

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociologia Política, linha de pesquisa: Processos Globais, Sociabilidades e Identidades, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientação: Dr. Augusto Cesar Freitas de Oliveira

Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro

2011

ANDRÉA DE FÁTIMA SANTOS

PROJETOS DE VIDA E JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS:

um estudo a partir das representações sociais de jovens
de uma comunidade quilombola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, linha de pesquisa: Processos Globais, Sociabilidades e Identidades, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação do professor Dr. Augusto Cesar Freitas de Oliveira.

Aprovada em 13 de setembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Augusto Cesar Freitas de Oliveira (Orientador) UENF - UFF

Professora Dra. Márcia Leitão Pinheiro - UENF

Professora Dra. Luciane Soares da Silva - UENF

Professora Dra. Andréa Barbosa Osório - UFF

Dedico essa produção a todas as consciências que de alguma forma tentam driblar os restringimentos impostos pela loucura que a vida contemporânea se tornou a partir do advento do capitalismo e suas conseqüências, e que ainda assim buscam resgatar suas subjetividades, sonhar e criar.

Agradecimentos

Primeiramente aos participantes dessa pesquisa, que disponibilizaram suas experiências, seu tempo e suas histórias de vida, para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Em especial ao Leonardo e a Luzia pelo acolhimento e a Sara que foi a minha guia dentro da comunidade.

A minha família, meu pai Miguel, minha mãe Antonia (*in memoriam*) e meus irmãos Marcelo e Tiago. Por fazerem parte da minha formação e darem tonalidades ao meu jeito de ver o mundo. Ao Tiago em especial, por me agüentar no msn nos dias mais críticos.

Ao meu querido companheiro Luis Marcelo, que tanto me apoiou, torceu e vibrou com cada fase deste empreendimento. E principalmente por ter me ajudado a passar na prova de inglês no processo seletivo, pela troca de idéias sobre o projeto, pelas incursões feitas comigo na comunidade de Monte Alegre e pelas revisões de texto. Sem esse grande parceiro eu não teria conseguido.

Ao Centro Universitário São Camilo – ES, onde surgiu pela primeira vez em 2008 a idéia de cursar um mestrado. Ao professor Marcos Athayde, professora Regina Helena e professora Adriane Fin pelo apoio, incentivo e confiança... e em especial à professora Solange Prado, que torceu, incentivou e acreditou em mim quando eu mesma não acreditava que seria possível realizar esse e outros projetos de vida. Sem o olhar da professora Solange, eu não conseguiria achar a saída... e essa luz somente os grandes mestres nos conseguem mostrar.

Ao professor Wellington Correa, que me forneceu todo o material inicial para elaborar o projeto de pesquisa apresentado no processo seletivo de ingresso no mestrado.

Aos meus queridos professores de Psicologia, que instigaram em mim a necessidade de pesquisar, conhecer e me relacionar com diversos campos dos saberes ligados às áreas de ciências humanas. E que me abriram as portas para a construção do caminho permanente na busca reflexiva e crítica da Psicologia.

A UENF, pela acolhida desde o primeiro dia do processo seletivo para este programa de mestrado, pelo abertismo e pela seriedade do programa ofertado, possibilitando que alunos de outras áreas do conhecimento possam desenvolver seus projetos de pesquisa.

Aos docentes do PPGSP (Programa de Pós-graduação em Sociologia Política) da UENF que compartilharam desde o primeiro dia seus conhecimentos, experiências e saberes. Em especial aos meus queridos professores: Márcia Leitão, Wânia Mesquita, Lana Lage, Vania Sierra, Hugo Borsani, Sérgio de Azevedo e Vitor Peixoto pelas aulas que eu pude assistir semanalmente, cansada das viagens de idas e vindas, mas muito contente, pela oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal.

Aos meus colegas do programa de mestrado e doutorado pelos diversos momentos vividos e em especial as minhas amigas Desiane Rosa e June Ferreira, pelo companheirismo durante a trajetória e por me auxiliarem em diversos momentos cruciais.

Aos pesquisadores e autores citados nesse estudo, pois sem a contribuição e a divulgação de suas pesquisas relacionadas ao tema investigado não seria possível pensar, problematizar ou mesmo tentar compreender as expressões das juventudes contemporâneas.

Em especial, ao meu grande orientador, professor Augusto, pela paciência, companheirismo, dedicação, revisões, dicas, sugestões e principalmente por tentar me ensinar os caminhos da Sociologia, respeitando sempre a liberdade de idéias e possibilidade de trocas interdisciplinares. Agradeço imensamente ao professor Augusto por acreditar nesse projeto de pesquisa. E não poderia também deixar de agradecer por ter ofertado a disciplina “Sociedade do Consumo”, que tanto me ajudou a pensar diversas questões contemporâneas no campo da juventude.

A banca de qualificação do projeto composta pelo meu orientador Dr. Augusto Cesar Freitas de Oliveira, Dra. Andréa Barbosa Osório e Dra. Márcia Leitão, pelas sugestões de melhoria do projeto e pelas leituras indicadas. E principalmente a banca examinadora da defesa da dissertação composta por Dr. Augusto Cesar Freitas de Oliveira, Dra. Andréa Barbosa Osório, Dra. Márcia Leitão e Dra. Luciane Soares da Silva, por suas contribuições, sugestões e pela leitura dos resultados dessa pesquisa.

E por fim, a todos aqueles colegas de trabalho e amigos que estiveram comigo durante esta jornada dividindo as angústias e as conquistas de cada fase desse projeto e aos meus alunos de ensino superior, pelo incentivo e torcida.

*...“o mundo é largo, se aperta quem quer.
Se a gente não pode cantar a gente assobia”.*

(D.Neuma, comunidade quilombola de Monte Alegre)

RESUMO

Esta dissertação tem como tema central a discussão sobre projetos de vida e juventudes contemporâneas a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre a Psicologia e a Sociologia Política, inserida na linha de pesquisa: processos globais, sociabilidades e identidades. O objeto de estudo e o campo de pesquisa é demarcado junto a jovens moradores de uma comunidade quilombola localizada no estado do Espírito Santo. As indagações desta pesquisa visam compreender a elaboração de projetos juvenis dentro de um campo de possibilidades, trajetórias individuais e coletivas; compreender em que medida diversos elementos sociais externos e a complexidade das relações internas afetam a produção de projetos de vida; e identificar tensões que surgem no campo a partir das relações entre família, cultura, comunidade, educação e inserção no mercado de trabalho. Participaram da pesquisa 16 jovens, sendo 8 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. A metodologia utilizada é qualitativa, realizada através do trabalho de campo, por meio de entrevistas semi-estruturadas com os jovens moradores da comunidade estudada. Os resultados apontam para dois tipos de tensões: uma relacionada ao papel da educação na constituição de projetos individuais e outra proveniente do discurso do resgate da “identidade cultural” pela comunidade através de agentes externos. Frente a estas tensões os jovens elaboram situações criativas de negociação entre o individual e o coletivo.

Palavras-chaves: juventudes contemporâneas; projeto de vida; representações sociais; comunidade quilombola

ABSTRACT

This dissertation is focused on discussing life plannings and contemporary youth from an interdisciplinary perspective between Psychology and Political Sociology, inserted in research lines such as: global processes, identity and sociability. The object of study and field research is outlined with young residents of a slave reminiscent community in the state of Espirito Santo. The questionings in this research aimed to understand the development of youth projects within a field of possibilities, individual and collective trajectories; understand the extent to which various external social factors and the complexity of internal relations affect the elaboration of life plannings and to identify strains that arise in the realm of relations between culture, community, education and integration into the labor market. There were 16 young people who participated in the study, 8 female and 8 male. The methodology is qualitative, through field work and semi-structured interviews with the studied community young residents. Partial results indicate two types of strains: one related to the role of education in the individual projects constitution and another from the speech of the communitary redemption of "cultural identity" by external agents. Partial results indicate two types of strains: one related to the role of education in the individual projects constitution and another from the speech of the communitary redemption of "cultural identity" by external agents. Faced with these tensions these young people formulate creative negotiations between the individual and the collective.

Keywords: contemporary youths; life planning; social representations; slave reminiscent community

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS: AS JUVENTUDES NO PLURAL ...	20
2.1.	A construção social das juventudes	24
2.2.	Problemáticas atuais relativas ao estudo das juventudes.....	32
2.3.	As representações sociais e as juventudes contemporâneas.....	38
3.	PROJETOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS: NOVAS CONFIGURAÇÕES DAS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS	43
3.1.	Projetos de vida e construções biográficas juvenis.....	46
3.2.	As instituições e os projetos juvenis: família, educação e trabalho.....	51
3.3.	Os “jovens de projetos”, novas formas de inclusão social?	59
4.	PERCURSO METODOLÓGICO	62
4.1.	Instrumento de coleta de dados	63
4.2.	Procedimentos para coleta de dados	63
4.3.	Sujeitos da pesquisa	64
4.4.	Procedimentos para análise dos resultados	66
5.	JOVENS MORADORES DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: ENTRE PROJETOS E TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS.....	69
5.1.	Resultados da pesquisa	69
5.1.1.	<i>Eixo 1: Representações da juventude em uma comunidade quilombola</i>	<i>69</i>
5.1.2.	<i>Eixo 2: Representações dos elementos constituintes dos projetos de vida para os jovens da comunidade.....</i>	<i>74</i>
5.1.3.	<i>Eixo 3: Representações do rural e do urbano e sua implicação na constituição dos projetos de vida.....</i>	<i>82</i>
5.1.4.	<i>Eixo 4: A implicação do “outro”, interconexões e tensões na constituição dos projetos individuais e coletivos</i>	<i>86</i>
6.	DISCUSSÕES.....	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
	ANEXO 1:.....	109

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do **CCH / UENF**

009/2011

S237 Santos, Andréa de Fátima.

Projetos de vida e juventudes contemporâneas : um estudo a partir das representações sociais de jovens de uma comunidade quilombola / Andréa de Fátima Santos -- Campos dos Goytacazes, RJ, 2011.

113 f. : il

Orientador: Augusto Cesar Freitas de Oliveira

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2011

Bibliografia: f. 101 - 108

1. Juventude – Aspectos Sociais. 2 Projeto de Vida. 3. Representações Sociais. 4. Quilombolas I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro de Ciências do Homem. II. Título.

CDD – 305.235

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema central a discussão sobre projetos de vida e juventudes contemporâneas a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre a Psicologia e a Sociologia Política, inserida na linha de pesquisa: processos globais, sociabilidades e identidades, do programa de mestrado em Sociologia Política.

O tema juventude tem sido objeto de debates em diversas áreas do conhecimento no cenário brasileiro, principalmente após os anos 90, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que passou a empregar a concepção de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

Mas apenas este fato não é suficiente para justificar o crescente interesse pelo tema nas últimas décadas, como descreveremos no corpo desta dissertação. A nosso ver, questões sociais, políticas, ideológicas e econômicas permeiam a temática e precisam ser inseridas se quisermos entender a juventude como parte das expressões das sociedades contemporâneas.

Nesse sentido vários autores destacam que se por um lado parece ter um enaltecimento da condição juvenil em nossa sociedade, podemos constatar também uma tendência a não reconhecê-los como sujeitos ativos capazes de tomar parte nos processos em que estão inseridos (CASTRO e CORREA, 2005).

Nos últimos anos ampliaram-se a quantidade de pesquisas sob diferentes questões relacionadas à juventude, tais como relação do jovem com o trabalho, escola, família, cultura, política, sexualidade, violência, drogas, entre outros temas relevantes. No campo das áreas acadêmicas existem confluências e diferentes perspectivas em pesquisas sociológicas, antropológicas, psicologia social entre outras áreas, com o desafio de compreender a juventude na atualidade, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares.

Partindo de leituras atuais sobre o tema, esta pesquisa foi organizada a partir dos seguintes objetivos: a) identificar as representações sociais de jovens moradores de uma comunidade quilombola sobre seus projetos de vida dentro de um campo de possibilidades, trajetórias individuais e coletivas; b) compreender em que medida diversos elementos sociais externos e a complexidade das relações internas afetam a produção de “projetos de vida” e; c) identificar se existem tensões

pertinentes aos projetos a partir das relações entre cultura, família, comunidade, educação e inserção no mercado de trabalho.

No contexto atual falar de “juventude” é falar de uma construção social de difícil definição. Nas culturas ocidentais costuma ser vista como um período crítico do ciclo de vida, tanto pelas mudanças relacionadas à puberdade, quanto pelo processo de construção de identidade em meio às demandas sociais. De acordo a corrente geracional funcionalista, a juventude delimitada entre a faixa etária de 15 a 24 anos é vista como um processo linear e homogêneo em que acontecem mudanças biológicas, psicológicas e sociais, na fase compreendida entre a infância até a entrada na vida adulta, com a incorporação de novos papéis sociais.

Por outro lado, para os autores que trabalham a partir da perspectiva histórico-social a classificação de pessoas em faixas etárias representa uma visão restrita frente à diversidade das condições juvenis nos contextos contemporâneos. Nesta concepção os jovens não experimentam da mesma maneira as formas de entrada no mundo adulto. Suas trajetórias assim como a incorporação de papéis não são lineares, mas ao contrário, são cada vez mais paradoxais (BOURDIEU, 1983; PAIS, 1993).

Com base nestas referências, adotamos nesta pesquisa a concepção histórico-social sobre juventude. Nesta visão, a juventude contemporânea é vista como plural e heterogênea e sua compreensão depende, portanto, das circunstâncias sociais, culturais e históricas na qual está inserida (BOCK, 2004; BOURDIEU, 1983; MENANDRO, 2010; OZELLA, 2003; PAIS, 1993).

O interesse pelo tema ‘projetos de vida e juventudes’ surgiu a partir de estudos realizados durante minha formação em psicologia com orientação clínico-social. Questões como a influência das interações sociais na elaboração de projetos, culturas juvenis, educação e inserção no mercado de trabalho acompanham desde o início as inquietações sobre o tema proposto, visando deste modo, integrar os conhecimentos teóricos adquiridos aos campos práticos onde as juventudes se manifestam, ou seja, na vida cotidiana.

A grande questão que me acompanha em relação ao tema gira em torno das novas organizações e configurações de planos de vida que o indivíduo contemporâneo elabora no período da juventude, frente às diversas complexidades impostas pelo mundo atual. Tomando como ponto de partida que as juventudes são reflexos de determinados momentos sócio-históricos e se constituem subjetivamente

a partir do tempo histórico em que vivem, nos perguntamos como elas refletem a noção de projetos em nossas sociedades atuais. Essas inquietações permeiam toda a dissertação, no momento em que procuramos dialogar com autores que debatem e pesquisam o tema.

Apesar das inquietações sobre a questão entendemos que essa discussão é muito ampla e optamos por realizar um recorte buscando compreender a noção de projetos e seus principais elementos constituintes baseados na idéia de representação social de jovens de uma comunidade quilombola. Buscamos dessa forma, observar em um micro-universo com características particulares, reflexos mais amplos da noção de projetos em um contexto social em que se articulam situações políticas, ideológicas e culturais procurando identificar como estas questões se refletem na representação de projetos e trajetórias individuais e coletivas.

A questão quilombola entrou no contexto das políticas públicas a partir da Constituição Federal de 1988, relacionada à mobilização do movimento negro, através da inclusão do Artigo 68 do ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.”

Em 1994, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) divulgou um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais em que define o termo “remanescente de quilombo”, com a finalidade de esclarecer e auxiliar a aplicação do Artigo 68 do ADCT:

Contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.

Desde modo, atualmente admite-se que a classificação atual de uma comunidade quilombola, não se baseia em provas de um passado de rebelião e isolamento, mas sim do critério de auto-definição. Para ser considerado “quilombola” o próprio grupo precisa se definir como tal no meio em que vive.

O campo de estudo dessa investigação se refere a uma pesquisa com jovens de uma comunidade quilombola, portanto é preciso destacar o contexto das relações sociais onde os jovens estudados estão inseridos. Neste cenário não podemos deixar de lado questões relativas à globalização, e conseqüentemente a mundialização da cultura, em que estão presentes questões referentes ao consumo como forma de elaboração de desejos e como forma de participação social, ou seja, o desejo do consumo de marcas e objetos que garantem aceitação social. Sendo assim, no entroncamento entre a “luta por direitos” e a busca por uma parcela acessível e imediata de satisfação social, os significados de uma e outra atitude podem mudar. Opondo luta por direitos e luta por progresso, Castelo Branco (2003), discorre sobre o assunto:

Neste cenário, as lutas contra a exclusão e pelos direitos, se não explicitam a raiz dos problemas, correm o risco de se transformarem em lutas pelo ‘progresso’ e pela inclusão de grupos específicos, sem que se rompa, de vez, com qualquer forma de exclusão. Ao se ficar na superficialidade das questões de direitos no limite daquilo que se estabelece juridicamente, se produzem identificações com este grande ‘nós’ absorvente e alienante que carrega toda racionalidade do capitalismo (CASTELO BRANCO, 2003, p. 2).

Estudar sobre projetos de vida no cenário escolhido representa um duplo desafio, uma vez que o contexto social dos jovens estudados também se insere na discussão da juventude rural. Neste sentido, a queda de fronteiras do rural e urbano, permanência ou evasão das áreas rurais e inserção no mercado de trabalho são questões permanentes de debate nos estudos relacionados à juventude inserida na categoria rural.

Diversos estudos vem tentando problematizar a juventude rural, procurando desmistificar estereótipos relacionados a homogeneidade de suas condições. Segundo Carneiro (2005):

Uma das dificuldades para se caracterizar a juventude rural ocorre no desafio de se estabelecer o que é o rural frente as novas possibilidades de interação campo-cidade que se apresentam em sociedades complexas. A intensa mobilidade espacial tem transformado o meio rural, principalmente naquilo que se refere a juventude (Carneiro, 2005 apud Carneiro, Castro, 2007, pg. 264)

Bastos e Carrano (2006) destacam que apesar de ter se estabelecido um certo consenso social sobre a “impossibilidade de se falar do jovem urbano como um

tipo único”, uma vez que nos estudos, pesquisas e até políticas públicas, já se admite a expressão “juventudes”, o mesmo não acontece ao se referir a juventude rural. Ainda podemos encontrar a noção da existência de um “jovem rural” homogêneo, como se os problemas, interesses e visão de mundo fossem compartilhados da mesma forma.

Partindo da indicação de alguns autores que discutem a temática estudada (ABRAMO, 2004; CANEVACCI, 2005; OZELLA, 2003; PAIS, 1993), optamos por ouvir dos próprios jovens suas percepções de mundo, através das representações de seus projetos de vida e suas atribuições de sentidos e significados. Segundo Abramo (2005) apesar do grande interesse da academia nos últimos anos pelo tema juventude, a maior parte da reflexão é ainda destinada aos sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens; família, sistemas jurídicos ou penais no caso de adolescentes em situação de risco, ou mesmo estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens. Apenas recentemente alguns estudos passaram a focar o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações, suas experiências, suas formas de sociabilidade, atuação e percepções do mundo em que vivem (ABRAMO, 2005, p. 74).

Os jovens participantes dessa pesquisa são moradores da comunidade quilombola “Monte Alegre”, localizada no distrito de Monte Alegre em Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo. Vivem atualmente na comunidade aproximadamente 80 jovens¹ na faixa etária dos 15 aos 29 anos que na maioria moram com pais ou avós e alguns em sua casa própria. Alguns jovens não trabalham ou estudam e vivem da renda familiar ou da aposentadoria dos mais velhos, enquanto outros trabalham na agricultura próximas à comunidade, ou saem para trabalhar e estudar nas cidades vizinhas.

O estudo exploratório de campo, realizado previamente a esta pesquisa, apontou um contexto juvenil multifacetário e extremamente heterogêneo, ao contrário do que inicialmente se supunha. Diversas questões emergiram possibilitando a opção pelo aprofundamento nos temas desenvolvidos nesta dissertação.

¹ O fluxo de entrada e saída de jovens na comunidade é bastante variado. Muitos jovens saem para trabalhar e se mudam da comunidade, por isso, o número de moradores na faixa etária (15-29 anos) tem sido bastante variado desde o início desta pesquisa em 2009.

Para situar o leitor, apresentamos sinteticamente alguns elementos de contextualização da comunidade e dos jovens estudados.

No estado do Espírito Santo, existem atualmente 25 comunidades remanescentes de quilombos com certidões de autodefinição expedidas pela Fundação Cultural Palmares e publicadas no Diário Oficial da União.²

A comunidade de Monte Alegre localiza-se na zona rural e é formada por 130 famílias, totalizando 560 moradores, dos quais 450 são descendentes de escravos. Essas famílias vivem da agricultura de subsistência. A maioria das pessoas trabalha como diaristas ou meeiros nas fazendas da região, com renda média mensal em torno de um salário mínimo. A comunidade não possui saneamento básico, posto de saúde e telefonia fixa. Possui uma escola de ensino fundamental, a coleta de lixo é semanal e não existem programas ou ações governamentais para geração de emprego e renda.

Em 2007, iniciativas privadas desenvolveram junto à comunidade projetos de incentivo à sustentabilidade por meio do turismo étnico, do resgate da cultura e do investimento na educação universitária. A comunidade ganhou visibilidade na mídia e na sociedade, sendo constantemente associada à preservação da cultura afro-descendente, desenvolvimento sustentável e preservação ambiental. Frequentemente a comunidade é chamada para realizar apresentações culturais em outros municípios e estados e recebe turistas interessados em conhecer a cultura local.

A concessão de 20 bolsas de estudos em 2007 para adultos e jovens permitiu a alguns moradores obterem formação universitária nas áreas de pedagogia, biologia, administração e turismo³. Em 2009, 11 novas bolsas foram cedidas para formação de jovens em diversos cursos universitários, dos quais até o início de 2011 apenas 3 jovens permaneciam estudando, tema que nos chamou a atenção e foi incluído na discussão.

Para tentar dar conta da complexidade das relações entre projeto de vida, juventude e o campo estudado, esta pesquisa foi estruturada a luz da teoria das

² Fonte: A Gazeta, 19 de outubro de 2008. Matéria: Herdeiros da Miséria.

³ As bolsas de estudo foram concedidas a partir da iniciativa de lideranças da comunidade que se mobilizaram em busca de parcerias com algumas instituições privadas da cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Uma das instituições que ofertou as bolsas de estudo citadas foi o Centro Universitário São Camilo – ES.

representações sociais. Segundo Moscovici (2010, p. 21) as representações sociais estão intimamente ligadas ao:

[...] sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função, primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros da comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social.

A fundamentação teórica foi escolhida devido à especificidade do objeto estudado. Para Santos (2002, p. 29) as “representações sociais surgem de ocorrências do cotidiano social e estão espalhadas na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e nos pensamentos individuais”. As representações sociais, sendo definidas como formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Nesta perspectiva, para Spink (1993):

“as correntes que se debruçam sobre os saberes enquanto saberes quer formalizados ou não, procuram superar a clivagem entre ciência e senso comum, tratando ambas as manifestações como construções sociais sujeitas às determinações sócio-históricas de épocas específicas” (SPINK, 1993, p. 302).

A temática ‘projeto de vida’ é trabalhada neste estudo a partir do referencial de Gilberto Velho inspirado na teoria de Alfred Schutz. Para esses autores, projeto é “instrumento básico de negociação da realidade com outros atores”, sejam eles indivíduos ou coletivos. Portanto pode ser considerado como instrumento de comunicação e forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos e concepções de mundo (VELHO, 1994, p.103).

A proposta deste estudo não é apenas levantar e discutir se existem ou não projetos e quais os conteúdos destes, mas, sobretudo compreender como a referência de projetos está relacionada à visão de mundo, interpretação da realidade e reflexos sociais relacionados a tais questões.

Para Moscovici (2010) as pessoas e grupos não são meros receptores passivos, elas pensam, produzem e comunicam suas próprias representações às questões que elas mesmas colocam. Por outro lado, é a partir dos acontecimentos, das ciências e das ideologias, que as pessoas se apropriam e “alimentam seu pensamento”.

[...] as pessoas analisam comentam, formulam 'filosofias' espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como educam seus filhos, como planejam o seu futuro, etc (MOSCOVICI, 2010, p.45).

A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com a participação voluntária de 16 jovens, sendo 8 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, moradores da comunidade quilombola Monte Alegre, entre a faixa etária de 15 a 28 anos. No entanto, é importante esclarecer que a faixa etária foi utilizada meramente para fins de corte, uma vez que este estudo está pautado em uma abordagem sócio-histórica da juventude, cuja discussão é posteriormente ampliada no primeiro capítulo.

As entrevistas foram realizadas a partir de um *corpus* que incluiu um quadro maior de estudo e observação, dessa forma os demais dados coletados entraram nessa dissertação como importante informação estrutural a partir do qual optamos pela análise de conteúdo das 16 entrevistas citadas.

Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas de tipo individual, com perguntas abertas realizadas junto aos jovens moradores da comunidade que se auto-definem quilombolas, com o objetivo de identificar as representações sobre projetos de vida a partir do contexto estudado.

O método utilizado para a análise dos dados foi a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2010). Segundo a autora, a análise de conteúdo pode ser resumida atualmente da seguinte maneira:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 44).

A dissertação está estruturada a partir de 4 (quatro) capítulos organizados da seguinte forma:

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar a discussão sobre os estudos referentes às juventudes contemporâneas, onde a visão sócio-histórica da juventude é adotada como norteadora da pesquisa. Da mesma forma pretende-se inserir a discussão das dificuldades de delimitação do que é "ser jovem" na atualidade, relacionando o tema ao quadro teórico que estruturou esta pesquisa, ou seja, a teoria das representações sociais.

O capítulo seguinte apresenta a discussão sobre a temática “projetos de vida” na contemporaneidade. Busca-se compreender através de autores e resultados de pesquisas acadêmicas atuais a discussão sobre como os jovens organizam seus projetos na atualidade. Neste contexto a família, educação e trabalho são temas que serão apresentados e discutidos.

O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico orientador da pesquisa de campo realizada junto aos jovens moradores da comunidade estudada, especificando os detalhes do método, caracterização dos sujeitos, coleta de dados e os procedimentos para a análise de resultados.

O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo referente as representações sociais de jovens moradores da comunidade quilombola estudada sobre a elaboração de projetos de vida a partir da construção de trajetórias individuais e coletivas. Neste sentido, se constituem 4 (quatro) eixos de análise: 1) Representações da juventude na comunidade quilombola; 2) Representações dos elementos constituintes dos projetos de vida para os jovens da comunidade; 3) Representações do rural e urbano e sua relação com os projetos de vida; 4) A implicação do “outro”, interconexões e tensões na constituição dos projetos individuais e coletivos.

Por fim, buscamos discutir os resultados encontrados relacionando-os à teoria adotada como norteadora desta pesquisa.

2. JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS: AS JUVENTUDES NO PLURAL

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2007 os jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos somavam 50,2 milhões de pessoas, o que correspondia a 26,4% da população total. Este contingente é 45,9% maior do que o de 1980, quando havia no país 34,4 milhões de jovens; porém, ainda é menor do que os 51,3 milhões projetados para 2010 (IPEA, 2009).

Apesar dos dados estatísticos serem relevantes, vários autores sugerem que os critérios fixos, numéricos, etários e biológicos são insuficientes para compreender as juventudes contemporâneas. Frente à complexidade relacionada aos estudos sobre essa categoria, organizamos algumas considerações que serão desenvolvidas neste capítulo, sem que com isso, se tenha a pretensa intenção de esgotar o tema.

Para auxiliar na compreensão de tendências atuais das pesquisas relacionadas às juventudes, recorreremos a alguns autores que debatem a questão. Weisheimer (2005, p. 21-24) classificou os estudos contemporâneos sobre juventude rural em 5 definições teóricas e categorias empíricas: *como faixa etária; como período de transição ou ciclo de vida; como enfoque geracional; como cultura ou estilo de vida; e juventude como representação social ou auto-representação.*

Não existe consenso na academia sobre essas categorias de estudo, mas para as finalidades dessa dissertação, a classificação proposta por Weisheimer (2005) nos parece pertinente. Desta forma, referenciamos a seguir, de forma sucinta, as cinco categorias empíricas em que se enquadram atualmente os estudos sobre juventudes rurais contemporâneas, propostas pelo autor.

Os estudos de *juventude como faixa etária* apóiam-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais tais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que define adolescência como um processo essencialmente biológico, e abrange a pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). A Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude adotam a faixa etária entre 15 e 24 anos (Unesco, 1997) para definir os limites de quem é ou não considerado jovem. Para Weisheimer (2005, p. 21) “A definição de

limites etários é obviamente arbitrária e não dá conta das diferenças entre idade biológica e idade social”. Esta questão é ampliada no corpo deste capítulo, especificamente no subtítulo que aborda a construção social das juventudes.

Na perspectiva da juventude *como período de transição ou ciclo de vida*, o termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade. “O estabelecimento do início e término da juventude varia segundo critérios e pontos de vista adotados socialmente para determinar se as pessoas são ou não jovens”. Essa transição pode ser percebida de diversas maneiras, mas a idéia central é de que a juventude é um estágio no qual acontece a entrada na vida social plena, portanto uma situação de passagem. O ingresso no trabalho é visto como um elemento central na transição juvenil, já que é por meio dele que os jovens começam a adquirir uma relativa autonomia perante a família de origem (WEISHEIMER, 2005, p. 20).

O descompasso entre projeto de vida e condições de realização como característica da juventude enriquece a abordagem da juventude como período de transição. Isso nos possibilita entender por que na sociedade contemporânea há uma certa inclinação à ampliação do período da juventude. Em virtude da dificuldade de inserção de parcelas significativas desse grupo no mercado de trabalho, há um alongamento do período de escolarização. Esse impedimento de acesso a uma condição profissional estável tem ainda impactos no adiamento dos matrimônios e, conseqüentemente, na constituição de uma nova família (WEISHEIMER, 2005, p. 21).

Na perspectiva *do enfoque nas gerações*, o conceito de geração emerge por meio da idéia de similaridade de “situação” relacionado a um determinado processo social num mesmo tempo histórico. Este enfoque centraliza as discussões nas mudanças sociais que os jovens acompanham, e geralmente, são vistos como uma esperança de transformação social. É influenciada diretamente pelas proposições de Karl Mannheim. Na visão de Mannheim (1982, p. 91-100) a juventude é tida como força potencialmente transformadora da sociedade posto que, enquanto nas sociedades tradicionais o poder e o prestígio é depositado nos mais velhos, as sociedades modernas contarão principalmente com a cooperação da juventude quando quiserem mudar sua filosofia social ou política.

A abordagem geracional apresenta-nos questões relativas à transmissão e à adaptação da herança cultural, enfatiza os potenciais de conflito entre as gerações, entre os jovens e a ordem social estabelecida ou mesmo dos jovens entre eles mesmos (WEISHEIMER, 2005, p. 22).

Dessa forma, nessa perspectiva, “tem-se uma idéia ingênua, de que os jovens são inerentemente contestadores, ou cética, de que essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude” (WEISHEIMER, 2005, p. 22).

No enfoque da juventude como *cultura ou estilo de vida*, a mesma pode ser entendida como um elemento resultante de um complexo desenvolvimento de diferentes características da sociedade capitalista da qual fazem parte a preparação das massas trabalhadoras, a produção de mercadorias destinadas a elas e o surgimento de meios industriais de circulação de mercadorias. Nesta condição, escola, mídia e consumo são elementos de destaque.

Para Kehl (2004) a transformação do adolescente em fatia de mercado consumidor privilegiada, trouxe novas contradições. Entre elas, a cultura adolescente extremamente hedonista que associa juventude e consumo e a postergação das responsabilidades da vida adulta. Desta forma, para a autora “o adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti sociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias”.

As forças de capital – as mesmas que contribuíram para evocar espíritos juvenis adormecidos e provocar a onda de demandas jovens da década de 1960 – com seu senso imbatível de oportunidade, souberam reorganizar o caos em torno da chamada lógica do mercado. Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico - condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a “juventude” se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade. (KEHL, 2004)

Para a autora o adolescente contemporâneo desfruta de todas as liberdades da vida adulta, ao mesmo tempo em que é poupado de quase todas as responsabilidades. Ao referenciar este dado, é importante salientar que Kehl (2004) pousa seu olhar em um determinado público, o jovem de classe média. Obviamente não podemos generalizar estas considerações para todas as juventudes, ou mesmo para toda a classe média, principalmente em um país como o Brasil, em que a multiplicidade de condições financeiras e sociais é algo evidente. Porém a autora destaca que a cultura da classe média passa a ser privilegiada pelas classes mais

populares como modelo de consumo e estilo de vida e isso traz consigo novas contradições.

Weisheimer (2005) ao se referir ao estilo de vida do jovem no meio rural afirma que esta cultura estaria intimamente ligada aos processos de modernização do campo, pois segundo ele, é importante considerar que atualmente até nas “regiões mais isoladas os meios de comunicação promovem a disseminação de uma cultura urbana, e com isso surgem os processos de hibridização que os jovens rurais sentem de forma bastante intensa” (WEISHEIMER, 2005, p. 23). Porém como veremos adiante nos resultados da pesquisa de campo, vale destacar que a modernização do campo, apesar de ser uma realidade cada vez mais observada, não atinge da mesma maneira todos os jovens rurais, uma vez que alguns jovens sentem esse processo de forma mais intensa, em relação a outros, dependendo do contexto e das condições em que estão inseridos.

Na abordagem da *Juventude como representação social e auto-representação* o termo “juventude” designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Weisheimer (2005) enfatiza que mais do que uma faixa etária, na juventude pensada como representação social fala-se em “condição juvenil”.

Esta condição aparece como uma posição na hierarquia social fundada em representações sociais, ou seja, busca-se apreender os significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. Dessa forma, esses critérios de inclusão e exclusão de quem entra e quem sai da categoria jovem são socialmente construídos, tornando-se móveis suas fronteiras. Esta abordagem permite-nos entender a constituição de diferentes expressões juvenis, como realidade múltipla, fundada em representações sociais diversas.

Entre as diferentes representações acerca do que é a juventude, temos aquelas elaboradas pelos próprios jovens. [...] Um dos procedimentos dessa perspectiva consiste em captar os jogos de oposição como ‘nós x eles’, ‘dentro x fora’, ‘jovem x velho’, que devem ser analisados a partir do contexto das falas em que emergem essas representações (WEISHEIMER, 2005, p.24).

Esta perspectiva de auto-representação foi adotada em nossa pesquisa, buscando identificar a partir das falas dos jovens da comunidade quilombola suas representações sociais sobre o que é ser jovem na atualidade; diferenças entre ser

jovem, adolescente e adulto; representações do jovem quilombola; representações do jovem rural e urbano; etc.

2.1. A construção social das juventudes

Uma das grandes questões que permeiam o debate no meio acadêmico é a definição contemporânea de juventude. Quando referida a uma fase de vida, a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada a partir de contextos econômicos, sociais e políticos e está sujeita a modificações ao longo dos tempos (PAIS, 1990).

Philippe Ariès, ao se referir à construção social da infância e da família, destaca que a concepção da infância e juventude foi se modificando ao longo da história. Suas pesquisas demonstram que na Europa, durante séculos, a noção de infância e juventude tal como a conhecemos hoje, era muito vaga ou inexistente (ARIÈS, 1981).

[...] embora um vocabulário da primeira infância tivesse surgido e se ampliado, subsistia a ambigüidade entre a infância e a adolescência de um lado, e aquela categoria a que se dava o nome de juventude, de outro. Não se possuía a idéia do que hoje chamamos de adolescência, e essa idéia demoraria a se formar (ARIÈS, 1981, p. 45).

Os estudos de Ariès (1981) apresentam a evolução do conceito da infância e da juventude desde a idade média até a contemporaneidade. Em suas pesquisas, o autor demonstra como a trajetória da função social da família foi se modificando gradualmente ao mesmo tempo em que se configurava o processo de institucionalização da educação.

A vida na Idade Média tinha uma dimensão que privilegiava o convívio público mais do que o privado. Numa dimensão social, a família possuía funções diferentes das atuais em relação à educação, cuidado e socialização das crianças e jovens, pois as crianças e os jovens conviviam e eram socializados prioritariamente na esfera pública em detrimento da esfera privada. Desse modo, as trocas afetivas ocorriam também fora da família, entre vizinhos, amigos, velhos, jovens e outras

crianças e a função de cuidado e proteção era diluída no convívio com outras pessoas. Tanto a educação como a preparação para o mundo adulto se dava através da convivência das crianças e jovens com adultos com os quais aprendiam através dos afazeres diários. Os limites entre infância e juventude eram indistintos e a idéia de infância estava ligada essencialmente a de dependência. Dessa forma, a criança a partir dos sete anos aproximadamente passava automaticamente para a categoria de jovem homem, sem necessariamente passar pelas etapas da juventude (ARIÈS, 1981).

Conforme demonstra Ariès (1981) os primeiros indícios da noção da infância contemporânea surgiram a partir do século XVII, quando as crianças passaram a ganhar maior visibilidade. O autor destaca nesta época, o surgimento de dois sentimentos relacionados à infância: o primeiro da “paparicação” e o segundo que expressava a “tomada de consciência da inocência e da fraqueza da infância” e conseqüentemente do dever dos adultos de preservar e reservar-lhes cuidados especiais.

Grande parte desse sentimento, segundo o autor, está relacionado à cristianização dos costumes por um lado e a influência dos moralistas e educadores do século XVII que tiveram um papel essencial neste contexto, introduzindo gradualmente a etapa do colégio ou da escolarização. Durante toda essa modificação na estrutura social, a família passa a ser o lugar de afeição e cuidado e o sentimento familiar põe em destaque o novo papel social da mulher, relacionado à maternidade. Neste contexto, nasce socialmente a função familiar de cuidado, proteção e responsabilidade pela educação dos filhos, cuja função aos poucos foi sendo delegada a instituição escolar. Vale lembrar que essa noção de cuidado não apareceu concomitante nas diferentes classes sociais. As classes populares continuaram por muito tempo sem aderirem ao novo modelo social, uma vez que as crianças e os jovens continuaram sendo considerados como mini-adultos, e sua força de trabalho era necessária para a manutenção da economia familiar.

Tal como a infância moderna foi se modificando ao longo da história, a adolescência e juventude como categoria social começou a se formar apenas no século XIX, a partir da revolução industrial. Para Ariès (1981), somente no século XVIII e XIX aparecem as primeiras tentativas de definição da adolescência em decorrência da noção social da infância iniciada nos séculos anteriores. Ao mesmo tempo se destaca uma certa preocupação com a mão de obra adequada ao

trabalho, aliada a sofisticação do sistema educacional, que passa aos poucos a dividir os alunos por faixas etárias, agrupados em séries distintas, caracterizando o início da escola contemporânea.

Ariès (1981, p. 194) chama a atenção para o sincronismo entre o surgimento de classe de idade moderna e as classes sociais. O autor salienta que “ambas nasceram ao mesmo tempo, no final do século XVIII no mesmo meio: a burguesia”. Neste movimento as crianças foram separadas dos adultos, os meninos das meninas, depois separadas por idades, da mesma forma que os ricos foram separados dos pobres.

Calligaris (2000) relaciona a exaltação da infância produzida na modernidade como um contraponto aos resultados do abandono e aos desafios da sociedade individualista. Para o autor, a adolescência moderna seria uma derivação contemporânea da invenção da infância, uma vez que representa uma espécie de missão de alcançar um possível sucesso que faltou aos adultos. Dessa forma Calligaris (2000) defende a idéia de que a adolescência se configura como categoria social do século XX e representa o ideal máximo do mundo contemporâneo.

Para Calligaris (2000), ao idealizarmos os prazeres da adolescência, nossas sociedades buscam um tipo de satisfação imediata, mais do que depositar nas crianças suas expectativas de futuro, tal como era feito quando a infância era o período privilegiado pela estrutura social. O autor demonstra sua hipótese enfatizando a contaminação estética atual depositada na adolescência para todas as idades, sejam elas, crianças, jovens, adultos ou velhos (CALLIGARIS, 2000, p. 70).

Para Maria Rita Kehl o “prestígio da juventude no Brasil é recente”. Na primeira metade do século o que se valorizava na sociedade brasileira eram os sinais de “respeitabilidade” aparentados através de roupas e ornamentos que buscavam transmitir a idéia de maior responsabilidade. Desta maneira, os jovens de 25 anos queriam parecer mais velhos, pois neste período homens e mulheres eram socialmente mais valorizados ao ingressar na vida produtiva/reprodutiva do que na fase da infância ou juventude. Para a autora, foi depois da década de 1950, que o período da juventude começou a se transformar na população privilegiada da indústria cultural, influenciada pela cultura norte-americana (KEHL, 2004).

Como podemos constatar a partir da referência bibliográfica utilizada, a definição de juventude em cada sociedade, passa por uma produção social. “Em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedades definem o que é ser jovem e o

que esperar de suas juventudes” (NOVAES, 2008, p.3). Para Aquino (2009) “não há consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude, pois esta é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, de uma cultura para a outra, e até mesmo no interior de uma mesma sociedade” (AQUINO, 2009, p. 25).

Destacamos dessa maneira que outra característica dos estudos da juventude é a variação das classificações em faixas etárias, que também são socialmente construídas.

Na concepção das sociedades clássicas Greco romanas, a juventude se referia a uma idade entre os 22 e os 40 anos. *Juvenis* vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é “aquele que está em plena força da idade”. Naquela cultura, a deusa grega *Juventa* era evocada justamente nas cerimônias do dia em que os mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito. Na sociedade moderna, não há consenso em torno dos exatos limites de idade que devem vigorar para definir quem é jovem. (NOVAES, 2008, p.3)

Segundo Groppo (2000) as faixas etárias utilizadas nas sociedades contemporâneas sofreram diversas transformações ao longo dos dois últimos séculos. Da mesma forma, houve diversas transformações nas categorias sociais relacionadas a essas faixas etárias. Dentre elas destaca-se o uso de conceitos como, infância, adolescência, juventude, jovem-adulto, adulto, maturidade, terceira-idade, velhice, etc. Dessa forma muitas classificações foram criadas e recriadas, pois estão relacionadas às mudanças sócio-culturais, ao reconhecimento legal e as práticas cotidianas (GROPPO, 2000, p. 13).

Ao se referir ao período de transição e ingresso na sociedade e maturidade, Groppo (2000) observa a utilização mais freqüente de três termos: juventude, adolescência e puberdade. Para o autor, estes termos estão frequentemente relacionados às transformações biológicas, psicológicas e sociais nesta fase de vida. Sendo assim, as ciências médicas criaram a concepção de puberdade, relacionadas às transformações corporais da criança se tornando adulto. Já as áreas psicológica, pedagógica e psicanalítica se referem à adolescência frequentemente relacionadas à personalidade, comportamento e processos psíquicos do indivíduo que se torna adulto. Por fim, a sociologia utiliza-se mais frequentemente do termo juventude para tratar do período entre as funções sociais da infância e do homem adulto. O autor finaliza a questão, indicando que numa segunda análise, relacionada mais ao uso

cotidiano, no senso comum, em termos etários a adolescência estaria mais perto da infância e a juventude mais próxima da maturidade (GROPPO, 2000, p. 13-14).

Se observarmos alguns instrumentos legais que atualmente definem os critérios para delimitação da juventude e adolescência, apesar de toda a discussão apresentada anteriormente, verificamos que ainda há uma grande ênfase dada às condições etárias. Para Novaes (2008) o parâmetro mais usado para estudar a juventude geralmente é a faixa de 15 a 24 anos, que é a definição da Organização Internacional da Juventude, mas há países que antecipam ou prolongam esta faixa etária. A Organização Mundial da Saúde define os adolescentes como pessoas de 10 a 19 anos e os jovens como pessoas de 15 a 24 anos e o termo 'gente jovem' é utilizado para incluir ambos os grupos (OPS - Organización Panamericana de la Salud, 1998, p. 77).

No Brasil, até recentemente era tomada por população jovem os indivíduos entre a faixa etária de 15 a 24 anos. Porém a partir da lei 11129 de 30/06/2005, que cria a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e o ProJovem, se estabelece uma nova faixa etária que compreende o período de 15 a 29 anos. Atualmente cresce os estudos brasileiros que adotam esse recorte. Dessa forma se utiliza a delimitação de 15 a 29 anos, com os subgrupos de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem-jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto). Dois argumentos prevalecem na justificativa desta mudança: maior expectativa de vida para a população em geral e maior dificuldade desta geração em ganhar autonomia em função das mudanças no mundo do trabalho (IPEA, 2009, p. 25).

Ainda se tratando da construção social da categoria relacionada às juventudes contemporâneas, não podemos deixar de mencionar a participação da mídia como elemento produtor e reprodutor das representações sociais vigentes. Segundo Pais (1990), a juventude é um mito que os próprios meios de comunicação ajudam a difundir. Desta forma, as notícias que estes meios veiculam sobre a cultura juvenil ou de fragmentos desta (manifestações, modismo, delinquência, etc) encontram-se afetadas pela forma como tal cultura é socialmente definida. Não é raro encontrar em alguns meios de comunicação uma imagem da juventude ameaçadora para a sociedade, associada à marginalidade e violência (PAIS, 1990).

Para Menandro et al (2010) grande parte das avaliações sobre os jovens atuais destaca o predomínio do consumismo, individualismo e descompromisso com

o senso comunitário. Também destacam que a mídia exerce grande influência ao comparar a juventude contemporânea com a geração dos anos 60, representada como idealista, engajada e atuante. “É constante a percepção de que as pessoas de forma geral, parecem reproduzir esta visão do jovem como desesperançado, sem uma causa ou programa definido” (MENANDRO et. al, 2010 p. 91).

Esta versão da juventude pode ser retroalimentada por análises muitas vezes equivocadas e sensacionalistas que por este fato, acabam sendo novamente divulgadas pela mídia. “A definição da cultura juvenil, [...] é como qualquer mito, uma construção social que existe mais como representação social do que como realidade”. Para o autor alguns jovens podem se reconhecer nesse mito, outros não. Entre os primeiros, o mito se transforma parcialmente em realidade, como se fosse uma espécie de consciência geracional, que por sua vez acaba levando-os a acentuar as diferenças relativas a outras gerações. Nos segundos, os próprios jovens reconhecem as distintas expressões e vivenciam de diversas formas o período da juventude (PAIS, 1990, p. 145-146).

Para demonstrar a influência da mídia impressa na produção das representações sociais sobre a juventude, podemos recorrer a um estudo⁴ que investigou a representação social da adolescência/juventude retratada pela revista VEJA, nos períodos de 1968 a 1974 e de 1996 a 2002. A revista Veja foi escolhida pelas autoras por representar os temas e representações comuns da classe média brasileira. Neste estudo as autoras fizeram uma análise histórica das informações sobre adolescência/juventude que circularam no Brasil visando compreender como essas informações influenciaram a forma como a adolescência é representada.

Nos dois períodos as autoras observam elementos de representações ligadas às expectativas sociais positivas e mais tradicionais a respeito da adolescência/juventude, que se apóiam em sistemas de pensamento construídos sobre o que normalmente é esperado, ou considerado como característica própria desta fase. De outro lado, aparecem elementos valorados mais negativamente pelo conjunto social que os elaborou, significando a adolescência que foge ao que se espera como normal. Foge porque sai do "roteiro estabelecido de projetos hegemônicos da sociedade”. Para as autoras o conjunto de representações sociais

⁴ Este estudo é fruto de uma tese de doutorado conduzida por Maria Cristina Menandro pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo.

de adolescência/juventude ou de adolescente/jovem apóia-se em sistema de crenças e valores presentes na sociedade, ancorados em conhecimento científico produzido há muito tempo atrás. Elas identificaram que parte das representações sobre a juventude rebelde e em crise estão ancoradas a partir das proposições da teoria de Stanley Hall sobre a adolescência (MENANDRO et al, 2003, p.50).

A comparação entre os dois períodos estudados segundo as autoras permitem constatar permanências e mudanças na forma como adolescentes/jovens são representados. As autoras chamam a atenção para a presença da idéia de jovem como estudante nos dois períodos, o que revela seu caráter de permanência. Apontam diferenças e ligações entre os conteúdos associados a essas duas classes. Em Estudantes (Primeiro Período) os conteúdos referem-se às suas práticas políticas e às conseqüências desse engajamento. Em Educação e Futuro (Segundo Período) fica clara a associação entre trabalho e educação, e a importância da adequação desta às exigências do mercado. Aparecem referências à escolha profissional dos jovens e sua dificuldade em fazê-la. A representação de adolescência como um período para se divertir, aproveitar a vida e viver intensamente, em que é permitida a irresponsabilidade, também é comum aos dois períodos estudados. Neste caso, tanto as categorias *Irreverente/Descompromissado* (Primeiro Período) quanto *Compromisso com o Prazer* (Segundo Período) estão localizadas entre as Classes valoradas negativamente. Para as autoras, merece atenção a presença de idéias de adolescência como fase de dependência, imaturidade e adaptabilidade, em Projetos de Futuro (Primeiro Período), e Adolescência: Necessidade de Proteção (Segundo Período). A família aparece como referência importante dos jovens no Primeiro Período principalmente no que diz respeito à sua escolha profissional. Mas em *Adolescência: Necessidade de Proteção* há a presença marcante de um discurso profissional/especializado a respeito dos adolescentes, além da atribuição acentuada de imaturidade e necessidade de proteção por parte da família (MENANDRO et al, 2003 p.50-53).

Nos dois períodos as autoras destacam que há uma ênfase em retratar jovens urbanos. Para elas isso reflete aspectos do contexto social, caracterizado pelo aumento das desigualdades sociais e pela concentração da população em grandes centros urbanos. No entanto, ressaltam a desconsideração da presença de outras juventudes que compõem o cenário social brasileiro. Por fim as autoras destacam que o conhecimento destas representações está limitado pelo veículo (revista Veja)

que tomaram como fonte de dados, que prioriza temas ou enfoques do fenômeno estudado. A forma pela qual esses conhecimentos são apropriados e ressignificados está em estreita ligação com o contexto social no qual acontece (MENANDRO et al, 2003 p.50-53).

Em 2007, outro estudo sobre as representações sociais tratou de compilar e analisar os dados sobre os estudos relacionados à juventude, seus temas recorrentes e algumas particularidades. Desta forma contribui para a compreensão da prevalência de determinados temas no âmbito das pesquisas e de certa forma nos dá uma idéia de como os jovens brasileiros tem sido pensados e estudados a partir da academia no campo das representações sociais⁵. A intenção das autoras foi demonstrar que o olhar da academia também privilegia alguns temas em detrimento dos outros e pode servir de elemento de análise e discussão das representações sociais vigentes sobre a juventude no meio acadêmico.

Os resultados levantados nestes estudos apontam para algumas considerações interessantes, entre eles destacamos alguns pontos de nosso interesse para essa dissertação. Em relação à caracterização dos sujeitos, os autores identificaram três subcategorias: Jovens de classe popular, Jovens de classe média e Jovens autores de ato infracional. Os jovens de classe popular foram os principais sujeitos das pesquisas (43,2%), enquanto os jovens de classe média corresponderam a apenas 5,8% dos estudos. Algumas pesquisas (20,2%) compararam as representações de jovens de classe popular e média. Os autores observam que a classe popular é o grande foco de interesse dos estudos, em que foram abordados principalmente assuntos relacionados a trabalho, escola, perspectivas de futuro, violência/criminalidade e sexualidade relacionada principalmente a Aids e gravidez na adolescência (BERTOLO, M. ROLKE, R.K; TRINDADE, Z.A et al, 2007).

Entre os estudos de classe média destacaram-se os aspectos relacionados à formação profissional. O trabalho e a profissão aparecem como objeto de interesse para ambas as classes, mas com focos diferentes: enquanto na classe popular são investigadas as representações relacionadas ao trabalho na adolescência e ao jovem trabalhador, na classe média esse aspecto aparece mais a longo prazo,

⁵ O estudo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) trata-se de uma pesquisa documental realizada a partir dos livros de resumos da III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, realizada no ano de 2003 no Rio de Janeiro/RJ, e da IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, realizada em 2005 em João Pessoa/PB.

ligado ao futuro e à escolha profissional do jovem. Os outros temas aparecem apenas relacionados à classe popular. Nesse sentido, os autores destacam o fato de assuntos como criminalidade, violência e gravidez na adolescência não terem sido considerados para a classe média, nem em estudos comparativos com a classe popular. A maioria dos assuntos abordados nos estudos referem-se a questões que poderiam ser consideradas “problemáticas”, como depressão, Aids, violência, criminalidade e gravidez na adolescência (BERTOLO, M. ROLKE, R.K; TRINDADE, Z.A et al, 2007).

Através dos pontos destacados nesta seção podemos constatar que as representações sociais da adolescência/juventude são construídas a partir de diversos elementos sociais, históricos, econômicos, em que os meios de comunicação e as instituições educacionais exercem bastante influência. A partir da circulação dos materiais e das interpretações que são dadas do que é ser jovem nas sociedades contemporâneas se instala o senso comum, muitas vezes compartilhado e explicitado nas falas dos sujeitos pesquisados.

2.2. Problemáticas atuais relativas ao estudo das juventudes

A partir da exposição da seção anterior, nota-se que a compreensão das juventudes contemporâneas implica na análise de fenômenos históricos, sociais, psicossociais, políticos e econômicos intimamente relacionados. Partindo desta premissa e da revisão bibliográfica realizada, organizamos quatro questões problematizantes referentes aos estudos atuais relacionados às juventudes contemporâneas.

A primeira questão se refere à *impossibilidade de classificação da juventude como categoria social homogênea*. Para Bourdieu (1983) falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, com os mesmos interesses, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente constitui uma manipulação evidente. Em sua entrevista, “A juventude é apenas uma palavra”, Bourdieu (1983) defende a idéia de que é preciso estar atento aos diferentes universos sociais que permitem pensar a condição juvenil ao analisar as diferenças entre as juventudes. Para o autor, ao compararmos as condições de vida, mercado

de trabalho, utilização do tempo de jovens que já trabalham e outros da mesma idade biológica que são apenas estudantes, encontraríamos significativas diferenças. No mesmo sentido, Pais (1990) assinala que:

[...] nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também — e principalmente— as *diferenças sociais* que entre eles existem. (PAIS, 1990, p. 194. Grifos do autor)

Gropo (2000) acrescenta que definir a juventude como categoria social não faz dela um grupo coeso ou uma classe de fato no sentido de Mannheim. Em outras palavras, para o autor não existe uma classe social formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária [...] “juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 7).

O autor defende a idéia da importância dos estudos da categoria social da juventude para o entendimento das sociedades contemporâneas. Para ele acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude é um recurso essencial para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, entre eles a arte, cultura, lazer, consumo, relações cotidianas, política não-institucional, etc. [...] “a modernidade é também o processo histórico-social de construção de juventudes como hoje as conhecemos” (GROPPO, 2000, p. 12).

Conforme observado pelos autores utilizados nesta pesquisa, não sendo mais claras as delimitações e definições, cada vez mais se tenta compreender esses múltiplos modos de ser jovem na atualidade. Sob esta ótica, conforme demonstrado na revisão bibliográfica, diversos autores da antropologia, sociologia e da psicologia propõem a utilização do termo juventude no plural, ou seja, “juventudes”.

A segunda questão aborda as *dificuldades de delimitação de passagem de uma fase a outra*, da infância para a juventude e da juventude para a vida adulta. Na concepção clássica da sociologia, esta inserção no “mundo adulto” que marca o fim da juventude, abarcaria cinco dimensões: terminar os estudos, viver do próprio trabalho, sair da casa dos pais, estabelecer-se numa moradia, casar e ter filhos.

Vários autores destacam que esse período se alonga na sociedade moderna, e pode comportar durações e ritmos bastante diferentes de acordo com os contextos sociais e trajetórias individuais. “A perda de linearidade deste processo é um elemento que caracteriza hoje a condição juvenil contemporânea” (ABRAMO, 2005, p. 7).

Percebe-se na realidade cotidiana, distintas situações e trajetórias juvenis não lineares. Podemos citar como exemplos: “jovens adultos”, que se casam e continuam morando na casa dos pais, ou que tem filhos e não se casam, ou que se casam, tem filhos e continuam na condição de estudantes, e as combinações não param por aí. Segundo Pais (1990) tem-se começado a generalizar uma “consciência sociológica” da necessidade da desconstrução que toma a juventude como um objeto pré-construído como categoria de linguagem comum do discurso.

A terceira questão se refere à perspectiva do *prolongamento da condição juvenil nas sociedades contemporâneas e suas conseqüências psicossociais*. Podemos considerar este fenômeno como parte das expressões sociais contemporâneas. Para Novaes (2007) com o aumento das expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho, uma parte da população acaba alargando o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Para outros autores, este prolongamento pode chegar a idade dos 40 (CANEVACCI, 2005; KEHL, 2004) ou continuar como condição “não-terminável”. Canevacci (2005) nomeia o fenômeno como “dilatações juvenis”, onde “cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável” (CANEVACCI, 2005, p. 28).

[...] O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades (CANEVACCI, 2005, p.29).

Esta imprecisão na definição do que é “ser jovem”, indefinição dos marcos de passagem e entrada no mundo adulto é descrita por Canevacci (2005) como uma das características da contemporaneidade. Para o autor em termos sociológicos, a partir dos anos 1950 a faixa etária chamada jovem nasce com um significado totalmente diferente do anterior: “um significado descontínuo ligado a contextos descontínuos” (CANEVACCI, 2005, p. 18). Neste sentido, destaca que o

“cruzamento desordenado e intrigante de três fatores, escola, mídia e metrópole constituíram o terreno autônomo, inovador e conflituoso” no qual se constrói a categoria sociológica do jovem na atualidade (CANEVACCI, 2005, p.23).

Para Kehl (2004), o aumento progressivo do período de formação escolar, a competitividade no mercado de trabalho nos países capitalistas, a falta de emprego, entre outros fatores sociais, implicam diretamente no aumento do tempo de permanência do jovem na ‘condição de adolescente’. Neste ponto a autora destaca esta ‘condição adolescente’ atrelando-a ao sintoma de dependência familiar que pode ser representado através das dificuldades do jovem assumir responsabilidades na vida pública ou assumir seu próprio destino, devido a sua condição de dependência financeira.

A autora aborda o fenômeno do prolongamento da juventude também por outro viés, destacando que o conceito de juventude na atualidade é bem elástico e trás implicações profundas na estrutura social e psicológica relacionada à maturidade. Kehl (2004) observa que:

[...] dos dezoito aos quarenta, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva – velhice – preferem o eufemismo “terceira idade”. **Passamos de uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto** (KEHL, 2004, p.3. Grifos nossos)

Este último ponto destacado no texto de Maria Rita Kehl nos faz pensar sobre o espaço social cada vez mais vazio que deveria ser ocupado pelo adulto. Dessa forma passamos a nos indagar que espaço é dado para a adultidade em nossas sociedades contemporâneas? Se a construção social da juventude, hoje implica na valorização de uma juventude como sinônimo de vigor, força, saúde e disposição ou como fatia de mercado onde todos querem se incluir é evidente que esta expressão social deixa lacunas e conseqüências ainda pouco avaliadas. Esta parece ser uma problemática ainda pouco explorada nos estudos contemporâneos sobre a juventude. Alguns apontamentos dos estudos relacionados a esta área direcionam para as questões relativas à dificuldade de inserção no mundo adulto e da condição de autonomia e independência financeira dos jovens, mas exploram pouco as

conseqüências psicossociais deste processo, com diversas conseqüências em cadeia. No entanto esse tema, por questões de recorte foge do escopo dessa dissertação, mas sugere necessidades de estudos futuros.

A quarta questão surge em relação à *concepção da juventude como problema social*. Esta questão acabou se refletindo na produção de algumas pesquisas no âmbito acadêmico, enfatizando o estudo da juventude como problema social. Os resultados destas pesquisas ajudaram a construir representações da juventude sob um viés muitas vezes normativo contribuindo para a tentativa de construção de modelos explicativos, encontrados até hoje na mídia, imaginário social e linguagem cotidiana.

No campo da psicologia, Ozella (2003) realizou um estudo junto a psicólogos visando compreender seus discursos sobre adolescência/juventude e as concepções teóricas pertinentes a estes discursos. Nesse sentido o autor destaca a frequência com que alguns discursos psicológicos incorporam até hoje concepções da adolescência já superadas pela ciência, no que se refere a etapa universal de crise e patologização. Estes discursos por sua vez se reproduzem nas representações sociais vigentes sobre a juventude. Vale lembrar que Margaret Mead em 1939, ao estudar as jovens samoanas, demonstrou que a crise psicológica da puberdade não é um resultado do desenvolvimento biológico, mas sim derivam das características da sociedade em que está inserida (MEAD, 1967).

Em relação à juventude como problema social, Pais (1990, p.141) ressalta que a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por instabilidade associada a determinados 'problemas sociais'. "Se os jovens não se esforçam por contornar esses «problemas», correm mesmo riscos de serem apelidados de «irresponsáveis » ou «desinteressados»" (PAIS, 1990, p. 141. Grifos do autor). O autor complementa a questão, questionando o que faz com que os jovens sejam privilegiados e encarados como problemas sociais.

Pais (1990) chama a atenção para o fato de que se atualmente podemos considerar as questões relativas à inserção no mercado de trabalho como uma das problemáticas juvenis atuais é preciso lembrar que as juventudes passaram ao longo dos últimos anos por diversos contextos em que estavam relacionados a outros 'problemas sociais'. Por exemplo, na década de 1950 - 1960 umas das maiores preocupações da sociedade nos países desenvolvidos eram os jovens universitários. As universidades necessitavam de uma reforma geral para atenderem as novas

demandas de ensino e profissionalização resultantes do desenvolvimento econômico (PAIS, 1990, p. 143). Os movimentos estudantis da década de 60, em países “em desenvolvimento” estavam organizados contra as gerações anteriores, ao poder e o regime político que dificultava a participação do jovem a nível institucional. O autor destaca como o “problema” da juventude foi se transformando de uma década para outra, despertando cada vez mais o interesse dos poderes públicos e da academia:

De facto, se nos finais dos anos 60, a juventude era um ‘problema’, na medida em que era definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado entre o terreno dos comportamentos éticos e culturais, a partir da década de 70, os ‘problemas’ de emprego e de entrada na vida activa tomaram progressivamente a dianteira nos estudos sobre a juventude, que, diria mesmo, quase se transformou em uma *categoria econômica*” (PAIS, 1990, p. 143. Grifos do autor).

Pais (1990) ressalta que os problemas de inserção profissional, drogadicção, delinqüência, educação, conflitos com os pais, gravidez na adolescência, violência, homicídios, são os problemas atuais mais constantemente referidos e reconhecidos socialmente como parte do universo juvenil. Mas a questão proposta pelo autor é se os jovens contemporâneos sentem esses problemas como seus problemas.

“[...] É preciso estar atento para verificar se o pessimismo atual que se manifesta também no discurso acadêmico, não será ressonância do discurso das gerações adultas sobre as gerações mais jovens” (PAIS, 1990, p. 144).

Segundo PAIS (1990, p. 147), a segmentação do curso de vida em fases é produto de um complexo processo de construção social. “Determinadas fases de vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em períodos históricos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de problemas sociais”. Quando uma grande parcela de indivíduos está incluída em determinada questão social, chama atenção dos poderes públicos e conseqüentemente são incluídos em suas pautas.

Geralmente, são os indivíduos quem, no dia-a-dia, tomam consciência de determinadas características específicas a um período de vida. Se estas características afetam um universo considerável de indivíduos – pertencentes, na sua maioria, a uma geração demográfica -, elas são culturalmente incorporadas em determinados modos de vida. Se essas características específicas a um determinado período de vida, se apresentam como expressão de determinados ‘problemas’ sociais, atraem a atenção dos poderes

públicos, podendo surgir medidas – legislativas ou de ‘terapêutica’ social – que por via institucional, consigam dar resolução parcial a esses problemas. (PAIS, 1990, p. 147. Grifos do autor)

Entretanto, essas intervenções não passam despercebidas pelos envolvidos e segundo o autor podem interferir no *timing* das transições de uma etapa de vida para a outra. Para Pais (1990) este é o caso das medidas, eventualmente contraditórias, no que diz respeito ao retardamento ou adiantamento do ingresso dos jovens na vida produtiva, como o prolongamento da escolaridade obrigatória ou a criação de programas de formação profissional.

A partir das considerações dos autores mencionados, finalizamos este tópico sinalizando que a adolescência/juventude só começou a ser reconhecida como fase de vida, quando os problemas sociais e tensões associados a ela, se tornaram objeto de uma espécie de consciência social. O prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que incrementavam a idade em que os adolescentes começavam a trabalhar, o próprio surgimento da família contemporânea, e em consequência o aumento da dependência dos jovens em relação as suas famílias, o aumento de programas de reinserção do jovem autor de ato infracional, são exemplos de ações que expressam a forma com são elegidos alguns ‘problemas’ da adolescência em detrimento de outros (PAIS, 1990, p. 148). Vale destacar que este “reconhecimento” não deixa de gerar representações sociais a respeito dos jovens. Resta-nos saber como isso é incorporado em sua auto-representação.

2.3. As representações sociais e as juventudes contemporâneas

Para Castelo Branco (2003) a partir das representações sociais da juventude, presentes no cotidiano, na mídia e na sociedade como um todo é que se estabelecem determinados olhares que vão intervir na educação dos jovens, que por sua vez, orientará suas próprias formas de auto-representação ⁶.

Neste sentido, para Gonçalves (2003, p. 43) “o predomínio de uma determinada visão de adolescência no meio social implica no predomínio de

⁶ Para mais detalhes ver o estudo de Castelo Branco (2003) “Identidade e Educação Dos Jovens Sem-Terra”.

determinados significados sociais relativos a este campo”. E implica também em que o jovem, aproprie-se desses significados para representar a sua própria experiência de adolescência. Desta maneira, a atividade desse jovem é predominantemente aquela definida socialmente para o lugar por ele ocupado.

Em uma perspectiva naturalizante, que nega o caráter histórico dos fenômenos sociais e humanos, tanto o lugar do jovem na sociedade é considerado natural e universal – independente de classe social, de época, de realidade social concreta e específica – como os significados sociais desse campo ratificam esse lugar e as atividades dele decorrentes, atribuindo naturalidade aos processos observados (GONÇALVES, 2003, p. 43).

A noção da adolescência conturbada e do adolescente rebelde, tal como descrito inicialmente por Stanley Hall, ainda permeia a sociedade e o senso comum (MARTINS, P. O; TRINDADE, Z.A e ALMEIDA, A.M.O, 2003). Neste aspecto, as condutas generalizadas dos adolescentes retratados nos meios de comunicação contribuem para esta representação. Para alguns autores, estas representações podem levar o adolescente a incorporar as atitudes tal como lhe são apresentadas, como se fosse uma espécie de conduta que a sociedade espera desta fase de vida.

Na medida em que o jovem se apropria desses significados, eles se transformam em mediações na constituição de si mesmo. É possível supor, então, que o jovem terá tais concepções como parte das determinações de sua conduta enquanto adolescente. “De forma que isso implicará um movimento de reprodução ou de transformação da realidade e de sua relação com essa realidade é a pergunta seguinte” (GONÇALVES, 2003, p. 43).

Para auxiliar na compreensão de como estes fenômenos são incorporados pelos jovens, apresentamos de forma sucinta, alguns pontos centrais da Teoria das Representações Sociais. Esta teoria não é patrimônio de uma área acadêmica em particular, mas tem origens na Sociologia e na Antropologia. Na psicologia social sua teorização foi desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet. Tem sido utilizada em diferentes disciplinas, por ser considerada como um instrumento de suma importância na compreensão de fenômenos sociais complexos, relacionados à influência do cotidiano em sua construção (SÁ, 1998).

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações

estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 1961/1976, p. 40).

O ponto de partida de Moscovici foi a sua insistência no reconhecimento da existência de representações sociais como forma característica de conhecimento em nossa era, ou seja, uma “insistência em considerar como um fenômeno, algo que era anteriormente considerado um conceito” (DUVEEN, 2010, p.10).

Mas se a realidade das representações é fácil de ser compreendida, o conceito não o é. Há muitas boas razões pelas quais isso é assim. Na sua maioria, elas são históricas e é por isso que nós devemos encarregar os historiadores da tarefa de descobri-las. As razões não históricas podem todas ser reduzidas a uma única: sua posição “mista”, no cruzamento entre uma série de conceitos sociológicos e uma série de conceitos psicológicos. É nessa encruzilhada que nós temos que nos situar (MOSCOVICI, 1961/1976, p. 40-41).

Um dos primeiros trabalhos de Moscovici que ajudou a estruturar sua teorização foi a pesquisa sobre a representação social da psicanálise em sua tese de doutorado publicada em 1961, revisada posteriormente em 1976. Em sua tese, Mosvovici, resgatou o conceito de representações coletivas de Durkheim e estudou as diversas maneiras pelas quais a psicanálise era representada/percebida e difundida ao público parisiense.

Para Duveen (2010, p. 13) “Ao procurar estabelecer uma ciência ‘mista’, centrada no conceito de representação, Moscovici reconhece um dívida duradoura ao trabalho de Durkheim”. No entanto para Durkheim, as representações deveriam ser classificadas em individuais e coletivas.

[...] enquanto Durkheim vê as representações sociais coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, **Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas.** Essa própria diversidade reflete a falta de homogeneidade dentro das sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição de poder e geram uma heterogeneidade de representações (DUVEEN, 2010 p.15 in Moscovici, 2010. Grifos nossos)

Spink (1993) a partir dos conceitos propostos por Jodelet apresenta um esquema simplificado destacando dois eixos principais deste campo de estudos. No primeiro eixo, as representações estão relacionadas ao conhecimento prático

orientado para a compreensão do mundo, expressadas por meio da comunicação e no segundo eixo, elas aparecem como elaborações de sujeitos sociais acerca de objetos socialmente valorizados.

A autora descreve as representações sociais como formas de conhecimentos que se manifestam como elementos cognitivos, mas que não se restringem a eles. “Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum” (SPINK, 1993, p. 300).

Na teorização das representações sociais é importante elucidar dois processos essenciais, descritos por Moscovici e Jodelet: a *objetivação* e a *ancoragem*. Nas palavras de Moscovici (1978, p. 11) “a objetivação faz com que se torne real um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material”. Jodelet (1984) propõe que a objetivação pode ser dividida em três fases: *construção seletiva* – na qual as informações que circulam sobre o objeto sofrem uma seleção dos condicionantes culturais e de critérios normativos; *esquematisação* – momento em que uma estrutura de imagem reproduzirá a estrutura conceitual; e por fim a *naturalização* – diz respeito às figuras, ou seja, elementos do pensamento que se convertem em elementos de realidade.

A ancoragem descrita por Jodelet como um processo de enraizamento social da representação pode ser decompostas em três pontos: *como associação de sentido* – neste ponto a hierarquia de valores que se impõem na sociedade e seus diferentes grupos contribuem para criar uma rede de significados; *como instrumentalização do saber* – confere um valor funcional para a interpretação, permitindo compreender como os elementos de representação intervêm na constituição das relações sociais; e *como enraizamento do sistema de pensamento* - o pensamento constituinte se apóia sobre o pensamento constituído para se reorganizar.

Segundo Abric (1998) as representações dependem de fatores globais, contexto social, ideológico e das circunstâncias de sua produção. Dessa forma define-se o lugar do indivíduo na estrutura social, a partir de sua história individual e de seu grupo, bem como os determinantes sociais e os sistemas de valores. Para o autor, as representações sociais estão organizadas em torno de um núcleo central e de esquemas periféricos. Os elementos em torno no núcleo central estariam vinculados as condições sócio-históricas e ideológicas, estruturados a partir de valores, normas e princípios, compartilhados pelos grupos ao qual o indivíduo

pertence e que dão sentido as representações individuais. Nesse sentido, entende-se que enquanto os componentes do núcleo central são responsáveis por organizar e atribuir significado aos demais elementos das representações, os esquemas periféricos estariam mais associados às características individuais e ao contexto mais imediato em que o sujeito está inserido (ABRIC, 1998; SANTOS, 2002).

3. PROJETOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS: NOVAS CONFIGURAÇÕES DAS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

Este capítulo tem como objetivo avaliar através da contribuição de alguns autores a complexa relação que se estabelece entre a noção de projetos de vida e juventudes na contemporaneidade. Pretendemos através da revisão realizada, compreender como algumas abordagens teóricas buscam estabelecer um olhar sobre a temática, buscando problematizá-las.

A noção de projetos de vida vem sendo vinculada historicamente a distintas visões de mundo e de futuro e refletem as representações sociais a seu respeito em determinada sociedade. Podemos supor que ao se referir a um projeto de vida o jovem representa de alguma maneira o que ele compreende que se encaixa no tempo e história do mundo em que vive e reflete, portanto, componentes mais amplos de uma estrutura social.

Nas últimas décadas, podemos constatar que grandes transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas alteraram a forma como os indivíduos se relacionam com o tempo, o trabalho e o futuro. Em consequência dessas transformações, as condições de construção de um projeto de vida tem se modificado continuamente (DIB e CASTRO, 2010). A partir dessas transformações alguns autores sustentam a dificuldade de se pensar em projetos de vida em nossas sociedades contemporâneas, visto que suas principais características são a instabilidade, a incerteza e a priorização do “aqui e agora” (BAUMANN, 2000; BECK; 2010; DUFOUR, 2005; HALL, 2001).

Boutinet (2002), autor francês que estudou o projeto pelo viés antropológico, demonstra que o projeto vivido pelas sociedades ‘tradicionais’ possuía um sentido diferente da atualidade, uma vez que sua dimensão era pensada a partir de uma concepção coletiva. Tanto na Grécia Antiga como na Idade Média somente as pessoas em posição de exercer sobre os seus semelhantes autoridade e responsabilidade podiam permitir-se transcender as regras do consenso para construir projetos (BOUTINET, 2002).

Para o autor, a idéia contemporânea de projeto, no sentido de organização individual de ações para atingir um determinado objetivo futuro começou a se formar em meados do século XX. Um pouco antes disso, a concepção de projeto tinha um

significado relacionado a progresso em função de uma expectativa otimista e global de transformação do presente em direção as sociedades futuras. Boutinet (2002) destaca que a noção de projeto modificou-se substancialmente entre o período de 1960-1970 com a chegada da crise socioeconômica. Neste período o projeto na cultura tecnológica abandona sua concepção otimista e coletiva para se orientar para microrrealizações. A partir disso, a figura do projeto apresentada inicialmente a partir de uma concepção de emancipação, foi se transformando no século XX, justamente em seu oposto (BOUTINET, 2002).

As condutas de antecipação se impõem hoje, em sua grande variedade, como um fato maior de nosso tempo. [...] Essa dupla preocupação, de um tempo prospectivo a ser dominado e de um espaço potencial a ser assujeitado, exprime os traços dominantes de nossa modernidade (BOUTINET, 2002, p.23).

No entanto, Boutinet (2002) destaca que existe um colapso de ideologias em que a busca incessante pela eficiência parece produzir a cada dia novos projetos ao mesmo tempo em que o controle do futuro parece escapar cada vez mais aos indivíduos. Neste sentido, o autor se refere ao projeto como sintoma de nosso meio cultural onde prevalece uma espécie de “patologia das condutas de idealização”:

Essas condutas, por não se deixarem guiar por uma grande inspiração suscetível de transcender a multiplicidade dos empreendimentos que surgem aqui e acolá, transformaram-se frequentemente apenas em bricolagem de pequenos ideais locais individualizados e portáteis [...] (BOUTINET, 2002, p. 14).

Para o autor, o que denominamos atualmente como “cultura de projetos” está relacionado à mentalidade da sociedade pós-industrial, que busca legitimar suas próprias iniciativas, desenvolvendo-se desse modo uma proliferação de condutas antecipatórias como uma espécie de obsessão projetiva.

Dessa forma, observamos que com todas as modificações que ocorreram nos sentidos contemporâneos de projetos, a relação do homem com o tempo futuro também se modificou. Segundo Elias (1998) a representação da realidade por oposições do tempo interno e externo; psicológico e social é uma característica do pensamento ocidental, cujas raízes se encontram no pensamento clássico. Essa tendência dicotomizante prosseguiu durante a modernidade, através do pensamento científico, onde prevaleceu a divisão das representações do homem e a natureza, o indivíduo da sociedade e o tempo interior do tempo coletivo. Na sociologia clássica,

Durkheim considerava o tempo como expressão do ritmo social de uma comunidade, cuja função era orientar a vida coletiva e garantir a coesão social.

Para Elias (1998) enquanto o homem moderno representar o tempo dividindo-o em tempo individual e tempo coletivo permanecerá dividido e fragmentado, pois ambos os tempos tem a vida social como origem. Numa perspectiva sociológica, o tempo individual é também social, por ser uma derivação deste. As observações de Elias (1998) nos permitem entender como a necessidade de controle do tempo, se tornou aos poucos, uma espécie de elemento caracterizador da modernidade.

Ao relacionar tempo e projetos nas sociedades contemporâneas Boutinet (2002) faz considerações interessantes sobre os modos como os indivíduos, grupos e culturas vivenciam esta relação. Para Boutinet (2002), o *tempo existencial* e o *tempo operatório* devem ser considerados como duas modalidades do tempo vivido. Dessa forma, destaca que o *tempo existencial* é aquele que vivemos a cada dia, e que se mostra ao mesmo tempo atormentador e inquietador em relação a nossa existência e nosso destino. Por outro lado encontramos o *tempo operatório*, que seria aquele voltado às ações práticas, do dia a dia, alinhado as necessidades da cultura tecnológica.

Para o autor, nas sociedades culturais tecnológicas o que se tem privilegiado é o tempo operatório onde a melhor maneira de se adaptar é prever e antecipar os acontecimentos futuros. Sob este aspecto o projeto se torna uma necessidade de adaptação, evitando que os indivíduos caiam em alguma forma de marginalidade, ao que o autor denomina de “os sem-projetos” ou “os fora de projeto”, destacando que ambos são frutos dos funcionamentos sociais da era pós-industrial (BOUTINET, 2002, p. 8-9).

A imposição paradoxal empurra os *fora-de-projeto* de nossa cultura (jovens mal escolarizados, desempregados), a construir, para si próprios, um projeto que não terão, na maior parte dos casos, meios para realizar, por diferentes razões, relacionadas quer com as especificidades de sua história pessoal, quer com as possibilidades limitadas oferecidas pelo seu meio (BOUTINET, 2002, p. 9).

Boutinet (2002) ao relatar as múltiplas realidades e os fios condutores das variedades de projetos presentes em nossa vida contemporânea enfatiza dois pontos. O primeiro se refere à individualização, que ocorre em nossas sociedades desde o Iluminismo, e o segundo a fragilização do tempo vivido, em que se destaca a ruptura do indivíduo com a herança passada, o caráter transitório dos

compromissos e a cultura do imediatismo e seus traços marcantes nas sociedades atuais.

Nesta perspectiva, destaca que o voluntarismo e a antecipação se colocam a serviço da busca de certa autonomia almejada pelo indivíduo ou grupo no intuito de conseguir gerir mudanças orientadas, em um contexto cada vez mais tumultuado e turbulento. Para Boutinet (2002), esta característica ambivalente dos projetos contemporâneos é perturbadora, no sentido que o projeto, cuja expressão atual está relacionada ao efêmero e transitório, pretende ao mesmo tempo ter um sentido de permanência e globalidade. “A cultura do projeto se mostra então fragmentada e conflitual, mesmo que esse projeto se revele, na maior parte do tempo, uma figura valorizada com conotações amplamente positivas” (BOUTINET, 2002, p. 29).

Leccardi (2005) ao se referir as mudanças contemporâneas na relação do jovem com o tempo e a implicação disso em suas trajetórias e projetos de vida admite que apesar das incertezas em relação ao futuro serem uma das características de nossa época isso não significa que uma parcela dos jovens não tente de alguma forma controlar o tempo futuro.

Enquanto o "projeto de vida" constitui cada vez menos o princípio capaz de estruturar as biografias em uma época presentificada como a contemporânea, esboçam-se novas modalidades de relação com o futuro (e com o tempo). Essas formas de temporalização, particularmente visíveis nas construções biográficas juvenis, não implicam, entretanto, a pura e simples perda do futuro e a renúncia ao projeto *tout court*. Ao contrário, como indicam pesquisas recentes, uma parte ao menos do mundo juvenil aparece ativamente empenhada na construção de formas de mediação entre a necessidade de controle subjetivo sobre o tempo futuro e o ambiente social altamente arriscado e incerto de nossos dias (LECCARDI, 2005, p. 56-57).

3.1. Projetos de vida e construções biográficas juvenis

Nos estudos levantados sobre projetos de vida, geralmente a expressão utilizada remete a algum tipo de esboço, plano, intenção. Vários autores concordam que a noção de projeto de vida estaria ligada a distintas variáveis e sofre influências das expectativas sociais e familiares. Da mesma forma, as concepções que um indivíduo tem sobre si mesmo, exercem influência sobre os conteúdos e factibilidade

de construção de projetos (BOCK, 2004; FARIAS, 2008; OZELLA, 2003; PAIS, 1990).

Segundo Boutinet (2002) a função de projeto de vida é “procurar nos motivos que o indivíduo dá as razões que evoca para agir”. Esses motivos estariam entrelaçados nos níveis histórico, psicológico e social. O nível histórico se refere à história de vida do sujeito que interfere nos modos de estruturação de seus projetos. O nível psicológico se refere às justificações conscientes que ajudam ao indivíduo a fundamentar as razões para elaboração ou não de projetos, e no nível social estariam os fatores ambientais e modelos culturais que exercem constrangimentos em função de conteúdos e papéis relacionados ao sujeito social.

Schutz (1979) ao sistematizar o estudo do *mundo da vida* a partir da fenomenologia nos fornece a base para o estudo de projetos da dimensão individual e coletiva. Para o autor, o projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções ancoradas a avaliações e definições da realidade. Para Gilberto Velho, as noções sobre projeto de vida permitem intermediar as relações de influência recíprocas entre o contexto macro e as ações dos indivíduos, afastando-se do determinismo individual ou social. Velho inspira-se em Schutz, no sentido em que a escolha individual não é vista como uma categoria residual de teorias sociológicas, “mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais da sociedade” (VELHO, 2004, p.107-108). O autor destaca que dentre as múltiplas dimensões de um projeto, ressalta-se seu caráter consciente, mas isto não significa que seja um processo puramente subjetivo. [...] “Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes” (VELHO, 1994, p.27).

Sobre a ação consciente desses planos, Schutz defende a tese de que a ação é consciente no sentido em que, antes de a realizarmos, temos em nossa mente uma figura do que vamos fazer. Um projeto enquanto *projeto do ato* e não do *ato em si* pode ter qualquer grau de clareza, desde a vagueza até o máximo de detalhe. O projeto do ato é na verdade um mero esboço, com muitas lacunas e variáveis. “Essas lacunas são preenchidas e as variáveis recebem valores conforme a ação progride, passo a passo” (SCHUTZ, 1979, p. 127). Para o autor as antecipações no

pensamento do senso comum da vida diária possuem horizontes em aberto e que podem ou não ser preenchidos quando o evento antecipado ocorrer.

Partindo das diretrizes fenomenológicas de Schutz, Gilberto Velho utiliza da noção de “campo de possibilidades”⁷ para pensar a questão da juventude e suas trajetórias. Mesmo partindo do princípio que o indivíduo utiliza-se da sua história de vida e contexto sócio histórico para pensar ou projetar as possibilidades futuras a partir de suas circunstâncias pessoais, Schutz (1979) leva em consideração que nosso estoque de conhecimento à mão modifica-se continuamente. Sendo assim, a cada nova experiência ocorre uma mudança, mesmo que pequena, dos nossos interesses principais e conseqüentemente de todo nosso sistema de relevâncias (SCHUTZ, 1979, p.136).

Essas considerações abrem espaço para ampliar o estudo do leque de possibilidades de constituições de projetos a partir das interações que ocorrem no campo estudado, uma vez que os jovens participantes dessa pesquisa se relacionam continuamente com diferentes contextos e visões de mundo distintas, como por exemplo: faculdades, pesquisadores, mídia, ONGs, turistas, órgãos públicos, etc. Essas interações produzem efeitos, mobilizam sistemas de interesses sócio-políticos e ideológicos que podem ou não se reproduzirem em termos de projetos para os jovens estudados.

Para Boutinet (2002) não existe projeto fora da vida social. O projeto adquire consistência a partir da interação e/ou confrontação entre agentes e os atores com quem interage, assim como a partir das oportunidades que se apresentam. Os atores com quem interagem desempenham papel essencial e ocupam posições diferenciadas, alguns vão confrontar as posições do autor, alguns atores servirão como recurso para que os projetos sejam realizados, outros atores serão indiferentes. Quando o autor reconhece a posição dos atores com quem pode ou não contar, o projeto poderá ter maior consistência.

O autor destaca a existência da valorização para a elaboração dos projetos que ocorrem na juventude. Para ele, esta valorização está relacionada por um lado as situações problemáticas da passagem para a vida adulta relacionadas às expectativas sociais e de inserção nas atividades produtivas, e por outro, devido à

⁷ O termo *campo de possibilidades* é utilizado por Gilberto Velho, para sintetizar uma série de elementos relativos ao ato de planejar elencados por Schutz.

individualização maior de comportamentos em nossas sociedades contemporâneas (BOUTINET, 2002).

No entanto alguns autores como Canevacci (2005), Leccardi (2005) e Osório (1989 *apud* Santos, 2002) enxergam a temática “projetos de vida” relacionados às juventudes contemporâneas, sobre outros vieses. Para Canevacci (2005, p. 35), não há porque imaginar que os jovens coloquem no horizonte o “tempo significativo” que eles organizam, pois a juventude contemporânea, troca qualquer fascínio pelo futuro “em favor do fluir no presente [...] uma libertação aqui e agora”.

Para Osório (1989, p. 38, *apud* Santos, 2002, p. 20), o dilema existencial do jovem contemporâneo é “como fazer um projeto de vida num mundo paradoxalmente comprometido com um projeto de morte?”. O autor se refere às dificuldades do jovem pensar em futuro numa sociedade subordinada ao contexto econômico, cuja principal finalidade é assegurar sua própria existência. Apesar da questão apontada por Osório nos parecer pertinente, resta nos questionarmos sobre como os jovens reagem a esta imposição econômica das sociedades atuais.

Para inserir a discussão sobre a relação do jovem contemporâneo com a elaboração de projetos ou da construção de trajetórias biográficas, recorreremos a Leccardi (2005). A autora utiliza-se de algumas pesquisas atuais para ilustrar que apesar das recentes transformações que a noção de projeto de vida sofreu ao longo dos últimos tempos, a relação dos jovens com seu futuro não pode ser reduzida apenas a vivência do presente imediato, embora estas respostas apareçam em algumas entrevistas. Leccardi (2005) destaca que apesar das incertezas, diversos jovens parecem empenhados na busca de novas relações entre o processo de produção e a criação pessoal geralmente associada ao futuro. No entanto, adverte que:

[...] diante do crescimento desses traços ambivalentes do futuro, parece ser fundamental a capacidade de cada um/cada uma elaborar estratégias cognitivas que garantam o controle sobre o tempo da vida, a despeito do aumento da contingência: por exemplo, desenvolvendo a habilidade de manter uma direção ou trajetória a despeito da impossibilidade de prever seu destino final (LECCARDI, 2005, p. 51).

Para Leccardi (2005) a necessidade de controle, dos jovens contemporâneos, está relacionada geralmente à vontade de atingir objetivos gerais. [...] “grande parte dos jovens, mesmo na ausência de verdadeiros projetos existenciais, possui um ou

mais objetivos de grande fôlego colocados no futuro: no tocante ao trabalho, à vida privada ou, antes, ao cuidado de si” (LECCARDI, 2005, p. 52).

Para a autora, existe um aspecto inovador nessa nova construção biográfica, cujo cerne está na tensão de um “futuro sem projeto”. Leccardi (2005) se refere à capacidade do jovem contemporâneo de aceitar a fragmentação e a incerteza como dados que não podem ser eliminados, mas que devem ser transformados em um exercício constante.

No entanto, a autora distingue diferenças importantes em como os jovens se relacionam com os projetos. Os que se diferenciam pela sua capacidade de adaptação as novas exigências contemporâneas e os que possuem menos recursos sociais e culturais, dificultando a idealização de qualquer forma de projeto a médio ou longo prazo.

[...] se os sujeitos dominantes de nossa época são aqueles que se diferenciam em virtude de sua capacidade de utilizar bem, em termos de poder, a velocidade e a mobilidade, esses jovens parecem trilhar esse caminho. Quem, pelo contrário, possui poucos recursos sociais e culturais parece, sobretudo, *sófrer* com a perda do futuro progressivo e da capacidade de propor projetos da primeira modernidade. Para esses jovens, o futuro, fora de controle, pode ser somente anulado, apagado para dar lugar a um presente sem fascínio (LECCARDI, 2005, p. 52).

Para Leccardi (2005) a maior parte dos jovens, em resposta às novas demandas sociais e à incerteza do futuro, encontra refúgio em projetos de curto ou curtíssimo prazo. Reagem ao “tempo curto” da sociedade da aceleração com projetos que parecem extremamente maleáveis. Sendo assim, a tipologia dos “projetos curtos” aparece como um tipo de “terceira via” entre a capacidade especial de gestão da complexidade, e a referência exclusiva ao presente daqueles que não conseguem construir reações adequadas mediante o crescimento da indeterminação do futuro (LECCARDI, 2005, p. 52-53).

Em síntese, para a autora, a concentração em uma área temporalmente delimitada permite ao jovem, em algum nível, a construção de uma vivência do tempo como campo subjetivamente controlável. Isso explicaria de certa forma, a necessidade de domínio sobre os tempos da vida buscado em seu exercício no aqui e agora ao invés da elaboração de metas temporalmente distantes. Essa estratégia, definida por Leccardi como “via mediana” não impede de todo uma projeção no futuro por meio do projeto, ao mesmo tempo em que “parece estar em sintonia com

a orientação maleável que se tornou necessária em uma época na qual os processos de mudança são rápidos e freqüentemente imprevisíveis” (LECCARDI, 2005, p. 53).

3.2. As instituições e os projetos juvenis: família, educação e trabalho

Como destacamos anteriormente, a constituição de projetos de vida encontra-se vinculado às instituições presentes na vida do jovem. Nesta realidade, família, educação e mercado de trabalho são elementos que permeiam e atravessam as possibilidades de inserção de projetos de futuro. No entanto, vale destacar que os jovens não experimentam da mesma forma esta relação, uma vez que as implicações e o peso de cada um desses elementos se configuram de formas diferentes nos diversos segmentos juvenis.

Para tentarmos compreender um pouco mais sobre essa problemática, resgatamos a visão de alguns autores e estudos recentes que tentam relacionar a questão dos projetos às instituições sociais presentes na vida cotidiana, buscando estabelecer relações, pontos complementares e questões divergentes segundo o referencial utilizado.

Bohoslavsky (2007) ao tentar explicar a relação do jovem com o seu futuro destaca a relação com o outro, representado pela família, escola e sociedade. O autor utiliza o termo “esfera institucional” para demonstrar a influência das instituições nas escolhas e projetos futuros do adolescente. Para ele, o que ocorre nas relações “pessoa-futuro-outro” emerge a partir de um contexto social mais amplo que os engloba (estrutura social) e, num sentido mais restrito, da ordem institucional: produção, família e educação. Para o autor a educação teria um papel essencial na entrada do jovem no sistema produtivo e relação direta com a ordem institucional, uma vez que o adolescente muitas vezes personifica o futuro através de uma carreira e uma formação profissional.

Nesse sentido, nota-se que a instituição escolar está imbricada em questões mais amplas que atravessam relações sociais, políticas, econômicas e de transmissão cultural. A esse respeito Bourdieu (1974), sustenta que o sistema de ensino faz parte de uma teoria mais geral sobre a transmissão cultural, que

estabelece relações entre o conhecimento, o poder, a socialização e a educação. Dessa maneira, através da socialização e da educação, são internalizadas disposições culturais relativamente permanentes, e estas por sua vez, estruturam o comportamento individual e grupal de tal maneira que reproduzem as relações de classe existente.

Para Bourdieu (1974) o fato de os jovens permanecerem ou não na escola depende consideravelmente da sua percepção da probabilidade que as pessoas de sua classe social tem de serem bem-sucedidas academicamente. Neste sentido o autor propõe que existe uma correlação estreita entre esperanças subjetivas e oportunidades objetivas e essas últimas modificam efetivamente as atitudes e o comportamento.

Desse modo, para Bourdieu (1973, apud SWARTZ, 1997, p. 40) as ambições e expectativas de uma criança ou jovem em relação ao ensino e à carreira “são produtos estruturalmente interligados a partir da experiência educacional, prática cultural de seus pais, de seus pares ou do grupo a que pertence”. Neste contexto, não só a escola, mas a instituição familiar, também exerce de maneira direta ou indireta algum tipo de influência na construção das trajetórias juvenis.

Em relação à participação da família na constituição de projetos dos jovens é importante lembrar que a família contemporânea, suas funções e seu papel em relação aos filhos também é um produto sócio-histórico da sociedade na qual está inserida (cf. Ariès, 1981), portanto, não é homogênea e varia segundo diversos fatores e condições sócio-culturais. Dessa forma quando estamos falando da influência da família⁸ contemporânea na constituição de projetos de vida dos jovens estamos falando de uma multiplicidade de possibilidades praticamente impossíveis de serem pré-determinadas. Tendo essa questão em mente, procuramos levantar alguns pontos significativos relacionados a instituição familiar e suas configurações modernas em relação aos projetos de vida dos jovens, com o objetivo de inserir alguns pontos na discussão junto ao nosso campo e objeto de estudo.

Enquanto alguns autores tentam compreender a participação da instituição familiar na vida dos jovens contemporâneos, outros autores como Dufour (2005) se

⁸ Em Ribeiro (2010) a noção de família, é compreendida a partir da noção de família ampliada definida como grupo unido por relações espaço-temporais duradouras marcadas por vínculos de afeto e compromisso mútuos que estabelece um modo de viver cotidiano e que tem, dentre outras funções, o papel de socialização das novas gerações (jovens) que fazem parte desse grupo, construindo, assim, um projeto de vida familiar (RIBEIRO, 2010, p. 122).

perguntam se ainda podemos considerar a família como uma instituição presente nas trajetórias juvenis tendo em vista um tipo de esvaziamento da função familiar.

Para ele o sujeito “pós-moderno” não é um acaso inexplicável na história, mas sim o fruto de um empreendimento eficaz no qual duas instituições: a televisão e a nova escola participaram juntas no enfraquecimento da função crítica. Para Dufour (2005) algumas crianças podem ser literalmente chamadas de “filhos da televisão”, pois passam horas em frente ao aparelho sendo praticamente socializados por eles. A nova escola, segundo o autor não cumpriria a função de educação, mas simplesmente de reprodução no momento em que seus conteúdos não são pensados a partir do desenvolvimento da emancipação do sujeito. Dessa forma a nova escola, para Dufour funcionaria como um depósito de futuros jovens mal escolarizados com poucas condições de inserção no mercado de trabalho.

Ao se referir ao esvaziamento da função crítica, Dufour (2005) ressalta todo o universo simbólico que deixa de ser mobilizado pela criança e jovem que cada vez menos tem contato direto com os livros e passa ter como referencial um mundo somente de imagens efêmeras. Esse enfraquecimento da função crítica começaria na infância, atravessaria a adolescência e, portanto afetaria diretamente a capacidade de elaboração de qualquer meta, planejamento ou objetivos existenciais mais elaborados (DUFOUR, 2005, p. 148).

“a instalação dessa lógica impõe que uma geração precedente não seja mais capaz de fazer a educação da seguinte. Por esse corte na transmissão, [...] o sujeito pós-moderno se representa como não engendrado, no sentido em que ele se vê na posição de não dever mais nada à geração precedente” (DUFOUR, 2005, p.149).

Dessa forma notamos duas fortes posições teóricas em relação à influência da família na constituição de projetos. De um lado a família se constitui ainda como forte referência para as gerações atuais e de outro, a família é destituída de toda e qualquer capacidade crítica ou de influências. Essas duas posições aparecem representadas no senso comum, na mídia e também na academia.

Quando saímos do campo teórico e recorremos a alguns estudos atuais sobre esta temática junto aos jovens brasileiros, encontramos também diversas formas de representação, ora enfatizando a importância da família na constituição de projetos ora, aparecendo como totalmente destituídas dessa ou de qualquer outra função. No entanto, observamos que os estudos de campo realizados junto aos jovens sobre

seus projetos de vida no contexto brasileiro, presente de forma mais visível nas classes baixas, mas também nas classes médias, tendem a apontar constantemente a participação da família. Neste sentido, Gonçalves (2005) parte da constatação de que apesar da grande discussão dos efeitos dos fenômenos da globalização junto aos jovens contemporâneos, no Brasil, considerado por alguns autores como sociedade periférica (cf. Boaventura Souza Santos, 1997), o espaço doméstico ainda continua exercendo uma forte influência e se constitui como espaço de referência das subjetividades. [...] “admitindo que os laços de parentesco falam da tradição cultural e contrapõem-se aos padrões pós-modernos, seria preciso admitir aqui uma permanência da tradição, tornando-se tensos os apelos da modernidade” (GONÇALVES, 2005, p. 209).

Para demonstrar essas constatações apresentamos alguns recortes de estudos recentes sobre o assunto. Em relação ao papel da família na constituição de projetos juvenis, alguns estudos destacam a importância que os jovens de classe média e baixa atribuem a família para que possam conquistá-los. Estes estudos apontam que ainda que existam conflitos familiares relacionados às gerações, uma vez que os projetos dos jovens nem sempre estão alinhados ao futuro idealizado pelos pais, e que os próprios jovens reconheçam esses conflitos, a família aparece como principal recurso para que o jovem consiga realizar seus projetos futuros representando o seu principal eixo de referência, tanto no sentido moral como financeiro (NOVAES, 2006; RAITZ e PETERS, 2008).

Desse modo, observamos que em pesquisas recentes a participação da família no projeto de vida do jovem vai depender de questões sócio-econômicas, religiosas, culturais e também do próprio papel que a família se auto-atribui na educação e na vida das crianças e dos jovens (SARTI, 2004).

Outra variável frequentemente presente nos estudos é a relação que a família tem com o sistema escolar. Neste cenário, observam-se diferenças nas relações estabelecidas entre valorização dos estudos para as diferentes classes sociais. Caramaro et al (2004), citam em suas pesquisas com jovens brasileiros que para as classes com maior poder aquisitivo o estudo é percebido como meio de promoção de habilidades para os jovens estarem mais aptos no mercado de trabalho. Para as classes de baixa renda é encarado como exigência de qualificação mínima para ingresso e disputa por uma vaga no mercado de trabalho.

Camarano et al (2004, p. 6), destacam que “a formação institucionalizada como uma condição já garantiu, no passado recente, a certeza de ascensão social para muitos jovens”. No entanto, há vários indicadores de que a escolarização por si só já não é mais suficiente para garantir a inserção profissional, reconhecimento ou status social. Apesar desses indícios, para muitos jovens e familiares ainda se mantém como condição necessária para aquisição de conhecimentos profissionais.

Dessa forma atualmente podemos notar que a função da instituição escolar como principal via de ascensão social começa a ser questionada e estudos recentes demonstram que os jovens cada vez mais percebem que a escola não é garantia de futuro. É comum os jovens relacionarem outros fatores como oportunidades, redes de apoio, e principalmente a sua própria capacidade para conquistar seus projetos e sonhos de futuro (CARNEIRO, 1998; MAIA e MANCEBO, 2010).

Sob esta perspectiva Novaes (2006) enfatiza que ao serem indagados sobre as instituições sociais que mais confiam, apesar da escola ainda aparecer como uma forte referência, os discursos juvenis indicam que os jovens não se iludem, ou não embarcam no ‘mito da escolaridade’ e não relacionam escola com garantia de emprego (NOVAES, 2006, p. 107). Nos estudos da autora, é possível identificar que atualmente os jovens brasileiros de diferentes classes sociais, não possuem em geral, melhores condições de mobilidade social que seus pais e este fato interfere diretamente na forma como o jovem planeja seu futuro.

As pesquisas realizadas por Dib e Castro (2010) demonstram que a instabilidade dos postos de trabalho, as dificuldades no acesso ao primeiro emprego, vão atingir todos os jovens, de formas e intensidades diferentes. Apesar dos jovens de classes mais populares serem diretamente atingidos pelo desemprego e pelas mutações nos postos de trabalho, alguns estudos revelam que os jovens de classe média e alta também se veem fortemente afetados.

[...] a crise em que se engendra o desemprego vem afetando, sobretudo, aqueles que investiram em educação, independentemente do estrato social a que pertençam; mesmo com a ampliação da base da população com nível superior completo, que passou de 3,2 milhões, em 1981, para 10,8 milhões, em 2002, a renda desse grupo caiu cerca de 25%. A queda nos rendimentos também foi mais acentuada entre os que possuíam terceiro grau completo, alcançando 25% nesse período, enquanto a renda média global dos demais caiu apenas 4,6% (Quadros, 2004b apud DIB E CASTRO, 2010, p. 5)

De alguma forma, várias pesquisas recentes identificam que tanto as famílias quanto os jovens percebem que o aumento de escolarização não está relacionado diretamente ao aumento necessário de empregos para assimilar a mão de obra jovem que vai sendo gerada. Isso parece ser uma tendência tanto nas classes mais baixas, como classes médias altas nos estudos citados.

Esses fenômenos, somados a outros como o desemprego e a flexibilização/precarização das relações de trabalho, passam a compor um complexo arranjo de *incertezas* a afetar os sujeitos produtivos ou em vias de se tornarem produtivos, sinalizando que uma série de garantias – ou que eram percebidas como tais – não mais se verificam. **Mesmo que essas garantias, como crenças, tenham existido apenas no imaginário** de boa parte dos sujeitos, como creem alguns autores, o fato é que, depois de tantas décadas, **reagimos a elas como se fossem naturais, eternas e inerentes à humanidade** (Rosembaum, 2003 apud DIB e CASTRO, 2010, p. 5. Grifos nossos).

Apesar dos visíveis ganhos em relação ao aumento médio da escolaridade, alguns autores destacam alguns aspectos referentes à evasão escolar e o baixo desempenho dos jovens brasileiros. Os autores recordam que a evasão escolar foi por muito tempo compreendida por duas vertentes: a primeira atribuía suas causas à família, no sentido de que o desempenho da criança ou do jovem estaria diretamente ligado ao valor que a família dava a escola. Por outro lado, foi considerada a partir de sua relação com aspectos da estrutura social, onde a necessidade do jovem trabalhar foi apontada como principal motivo de evasão escolar. Essas abordagens perderam força nos anos 80 quando se começou a atribuir ao próprio sistema educativo à produção do fracasso escolar (CARAMARO et al, 2004).

Como podemos observar a partir dos estudos selecionados sobre o papel das instituições na elaboração dos projetos juvenis, seu papel ainda se configura um campo obscuro e muitas vezes conflituoso. No entanto, verificamos nesses estudos que a educação e a inserção no mercado de trabalho aparecem como temas centrais quando o jovem contemporâneo é questionado sobre projetos futuros. A esse respeito, Dib e Castro (2010, p. 4) constatam que a partir das transformações sociais recentes o projeto de vida se consolidou modernamente como “significante para intenção, objetivo, planejamento, programa, buscando corresponder às preocupações e expectativas do tempo técnico, o tempo do trabalho”.

Sobre a relação do jovem e o trabalho, os estudos contemporâneos sobre a juventude evidenciam a superação do modelo, onde a juventude era compreendida como participante de uma condição de moratória social pela qual lhe era garantida uma complacência da sociedade para sua preparação ou espera para o exercício da vida adulta, séria e responsável. Na realidade brasileira, notamos que uma parcela significativa dos jovens, começa a trabalhar cedo, seja para sua subsistência ou de sua família, ou como forma de conquistar independência financeira, possibilidade de consumir, ou realizar projetos pessoais (KEHL, 2004; NOVAES, 2007; SPOSITO, 2005).

Segundo os dados da pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, realizada em 2004, 36% dos jovens estudantes de 15 a 24 anos trabalhavam e 40% estavam desempregados, sendo que 76% deles estavam envolvidos, de alguma forma, com o mundo do trabalho (SPOSITO, 2005).

Os resultados da pesquisa sobre a juventude brasileira apontam que o trabalho remunerado é considerado para os jovens como elemento essencial do presente, mas também de preocupação com o futuro. Para Spósito (2005), o trabalho é concebido como necessidade, mas também é representado como fator que possibilita a conquista de independência e auto-realização para grande parte dos jovens brasileiros.

[...] em nossa cultura, a ocupação é uma das maiores expressões de status e da importância do indivíduo na sociedade. Apesar das preocupações do jovem com o corpo, identidade, relações familiares e afetivas, geralmente a escolha da profissão é um assunto prioritário (BECKER, 1985, p.48 apud SANTOS, 2002, p. 19).

Nas pesquisas de Raitz e Petters (2008) o trabalho também aparece como elemento central nas vidas dos jovens. Esses estudos demonstram a condição sócio-econômica dos jovens brasileiros das classes populares que necessitam trabalhar antes de terminarem o ensino médio, ou de desfrutarem de uma condição educacional sólida. Nestes casos o trabalho está relacionado à necessidade do jovem de ajudar sua família ou mesmo para manter seus estudos, na esperança de ascensão social. Para as autoras, os jovens que não trabalham vivem na expectativa de conseguirem uma ocupação e depositam na educação sua esperança para realizarem seus projetos de vida. Para alguns a experiência é vivenciada de forma

frustrante e desencadeia sentimentos de impotência, vergonha e dessocialização (RAITZ e PETTERS, 2008, p. 415).

Para Novaes (2006) a questão da inserção do jovem no mercado de trabalho se configura atualmente como um dos mais freqüentes motivos de conflitos entre pais e filhos, sejam eles provenientes de situações econômicas mais favoráveis ou não. Para a autora a incerteza quanto à inserção no mundo do trabalho tem um peso semelhante ao que a questão sexual teve nas gerações passadas. “Os conflitos que aumentam em casa são aqueles relacionados à área do trabalho, no presente ou no futuro” (NOVAES, 2006, p. 109). Para a autora, os jovens estão tendo que lidar com o desemprego e com mutações do trabalho mais complexas do que as situações que seus pais enfrentaram.

Em alguns estudos, quando os jovens são questionados sobre os maiores problemas enfrentados nos dias atuais o “desemprego” aparece em primeiro lugar, geralmente seguido de “violência” e “drogas” (CASTRO, 2005; NOVAES, 2006). Para Novaes (2006, p. 110), o medo do futuro é quase um sinônimo do “medo de sobrar”, e está geralmente relacionado com o medo de sua inserção no mundo do trabalho. Para a autora, são muitos os medos do jovem de hoje nessa área:

[...] medo de não estudar e não conseguir emprego, medo de estudar e não conseguir emprego, medo de conseguir emprego e depois perder, medo de ficar desempregado. Outros são mais genéricos: medo de virar mendigo, de ter uma casa e depois não ter mais, de ficar pior do que está, de não colher frutos (NOVAES, 2006, p. 110).

A autora ainda sinaliza que esse medo está presente em diferentes classes sociais e apesar de todas as diferenças de expectativas, os jovens de diferentes classes temem o futuro. Em relação à violência, que segundo a autora, é o outro medo referenciado com mais freqüência pelos jovens, o medo da morte expressa várias características da insegurança na vida atual. E para ela, mesmo que os jovens não tenham sido vítimas diretas da violência, o tema faz parte do imaginário socialmente construído (NOVAES, 2006).

Em relação à drogadicção, nos estudos de Castro et al (2005), as drogas, a violência e o tráfico, constituem um problema para os jovens no momento em que impõe um risco real a sua segurança pessoal. Da mesma forma, suas pesquisas evidenciam que o jovem verbaliza que precisa “*ficar esperto para escapar do ganho fácil*”, identificado como o caminho das drogas. Neste percurso, os jovens

entrevistados pela autora entendem que precisam empreender esforços para estudar e formar capital social para que no futuro, transpostos os inúmeros obstáculos, consigam garantir um emprego que lhes permita apresentar-se a sociedade como adultos (CASTRO, 2005 apud GONÇALVES, 2005, p. 211).

3.3. Os “jovens de projetos”, novas formas de inclusão social?

Para encerrar este capítulo gostaríamos de tratar do tema proposto por Regina Novaes ao discutir a nova constituição dos projetos sociais como formas de inclusão e exclusão. Dessa forma, para autora podemos falar dos “jovens de projeto” e dos jovens “fora de projeto”.

Esse tema está relacionado à nossa pesquisa no sentido que os jovens estudados são integrantes de uma comunidade e participam de um projeto coletivo de inclusão social. Essas falas aparecem no discurso dos jovens entrevistados e sinalizam as diferenças entre os que estão participando de alguma forma de inclusão por meio de um projeto social, daqueles que não estão. Neste sentido, buscamos em Novaes (2004) alguns pontos que serão analisados posteriormente no quarto capítulo através da análise das representações sociais dos jovens moradores da comunidade quilombola estudada. Segundo Novaes (2004), no Brasil as possibilidades de inclusão/exclusão social de um jovem é influenciada pela situação financeira de seus pais, pela sua cor, gênero ou região onde mora. No entanto, a autora destaca que quando nos referimos aos jovens de menor poder aquisitivo existe ainda mais um critério que pode fazer diferença, o fato dele estar ou não incluído num projeto social.

Novaes (2004) sinaliza como a questão dos projetos sociais se tornou popular e entrou no vocabulário cotidiano dos jovens e de seus familiares. “Os jovens que fazem parte do público-alvo dos projetos se (re) apropriam de idéias, palavras e expedientes, incluindo-se em suas estratégias de sobrevivência social”. A autora destaca situações em que alguns jovens de baixa renda mudam seu repertório segundo o público-alvo com quem estão falando. Se estão se relacionando com os poderes públicos se referem a ‘favela’, no entanto ao dialogar com outros públicos

preferem o termo 'comunidade', apontando para o estigma da palavra favela⁹ (NOVAES, 2004, p. 113). Segundo a autora, para os jovens que tem acesso, os projetos sociais podem contribuir para a diminuição de algumas marcas de exclusão, através do aumento da escolarização, capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero ou de pertencimento comunitário. Dessa forma, o acesso a projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens marcados pela pobreza e/ou violência. Para ela, no plano local, mesmo para os jovens que não tem acesso direto aos projetos, sua mera existência amplia "o campo de negociação com a realidade" (NOVAES, 2004, p. 114).

No entanto, a autora sinaliza alguns efeitos dos projetos sociais. Primeiramente ter ou não acesso a projetos cria uma diferenciação entre os jovens de diversas áreas pobres, tornando algumas áreas mais reconhecidas enquanto outras áreas se tornam cada vez mais invisíveis. Outro ponto se refere à questão escola/trabalho. "[...] há registros de jovens pobres que têm acesso a uma 'bolsa de projeto' e que são levados a buscar estratégias para ocultar os 'bicos' e outras formas precárias de trabalho que não podem ou não querem parar de fazer" (NOVAES, 2004, p. 114). Para Novaes, é preciso lembrar que para grande parcela dos jovens estar no mercado de trabalho, mesmo que de forma precária, representa acesso a bens materiais de consumo, de sobrevivência e também de respeito da família. Para ela, seria importante que os projetos criassem possibilidades que contemplassem as diferentes situações juvenis, entre elas as situações de estudantes que trabalham e dos trabalhadores que estudam.

Por fim, Novaes (2004) alerta para a priorização que se faz dos projetos sociais cujo mote central gira em torno de tirar os jovens da marginalidade. Apesar do reconhecimento da violência como elemento presente nas questões sociais contemporâneas, para a autora a visão dos projetos sociais é restritiva e um tanto preconceituosa ao apresentar a juventude como sinônimo de risco de criminalidade. Para ela é preciso considerar as experiências de uma grande parcela de jovens

⁹ As considerações da autora vão ao encontro dos estudos de Erving Goffman (1985) sobre a representação do eu na vida cotidiana. Os primeiros estudos de Goffman sobre representação apresentam a concepção de que a forma de comunicação dos atores muda de acordo com o ambiente em que estão inseridos. O autor utiliza a metáfora de ação teatral que consiste na qual: "todo homem, em qualquer situação social apresenta-se diante de seus semelhantes, tenta dirigir e dominar as impressões que possam ter dele, empregando certas técnicas para a sustentação de seu desempenho, tal qual um ator que representa um personagem diante do público" (Goffman, 1985).

moradores de áreas carentes e violentas que constroem suas trajetórias de vida a parte das redes de violência e do tráfico de drogas.

A partir dessas considerações, passamos aos próximos capítulos, que tratam respectivamente da descrição metodológica da pesquisa de campo realizada e analisa por fim, como esses elementos apresentados sobre os projetos de vida se relacionam com as juventudes contemporâneas no nosso contexto estudado: jovens moradores de uma comunidade quilombola.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Esse capítulo tem como objetivo descrever o percurso metodológico realizado durante as diversas fases da pesquisa de campo. A partir do delineamento do tema, do problema e dos objetivos da pesquisa optamos pela abordagem qualitativa visando trilhar um caminho que propiciasse emergir o comportamento dos indivíduos construído no seu cotidiano que dá sentido às representações sociais.

Dessa forma iniciamos o estudo exploratório pela observação de campo e entrevistas informais com alguns jovens moradores da comunidade e com pessoas que interagem com a comunidade pesquisada. Na fase inicial da pesquisa o planejamento era trabalhar com o método etnográfico, porém com o decorrer do tempo, das condições de pesquisa, das sugestões da banca de qualificação e do prazo para realização da imersão no campo, optamos pela alteração do plano de coleta de dados, passando a ser utilizado como principal instrumento a entrevista semi-estruturada.

Minha chegada na comunidade se deu através do contato com as lideranças locais sem nenhum tipo de contato prévio. Ao visitar a comunidade pela primeira vez procurei a residência das lideranças e comentei sobre o interesse em fazer uma pesquisa com os jovens moradores. Me apresentei também como docente do Centro Universitário São Camilo, instituição responsável pela oferta de algumas bolsas de estudo, conforme citado anteriormente.

O fato de ser docente desta instituição facilitou a inserção no campo e a colaboração dos participantes da pesquisa, pois a instituição é vista pela comunidade em geral como um importante elemento alavancador, devido às parcerias e bolsas de estudo universitário cedidas anteriormente a alguns moradores.

Os beneficiários desses cursos universitários atualmente trabalham na comunidade e conseguiram desenvolver negócios próprios relacionados ao turismo, alguns conquistaram melhores postos de trabalho e outros se inseriram no exercício do magistério na própria comunidade e nas vizinhanças.

4.1. Instrumento de coleta de dados

O instrumento construído para realização das entrevistas foi elaborado na forma de um roteiro semi-estruturado com perguntas abertas tendo em vista a necessidade de uma investigação mais apurada das hipóteses que emergiram a partir da fase exploratória da pesquisa. Esse instrumento de coleta de dados foi composto por 7 pré-categorias de análise: 1. Representações da juventude e do jovem quilombola; 2. Significação do tempo (tempo presente e futuro); 3. Projetos de vida e tensões em relação à família e cultura; 4. Representações do rural x urbano; 5. Relações de projetos e trabalho; 6. Relações de projetos e educação e 7. Ações externas na comunidade e relações com os projetos individuais.

4.2. Procedimentos para coleta de dados

De acordo com o método de análise de conteúdo, podemos utilizar algumas formas de registro dos dados coletados, como por exemplo, palavra, tema, personagem ou item. As formas de registro mais comumente utilizadas em pesquisas são a “palavra” e o “tema”. Esta última inclui a asserção do sujeito pesquisado sobre determinado assunto. Para efetuar a coleta dos dados durante as entrevistas optamos pela questão temática por acreditarmos que esta incorpora de alguma maneira o aspecto pessoal atribuído pelo entrevistado, envolvendo além dos componentes racionais, componentes ideológicos, afetivos e emocionais relacionado ao contexto investigado (FRANCO, 2003). Desta maneira o instrumento foi construído de forma a propiciar em vários momentos que o sujeito pudesse expressar seus significados ou representações acerca da juventude, projetos de vida entre outros elementos chaves da pesquisa.

Para exemplificar, podemos mencionar alguns pontos da entrevista em que solicitamos ao entrevistado o que representa para ele ser jovem na atualidade ou qual o significado do trabalho, ou que lhe vem à cabeça quando mencionamos ‘projeto de vida’, entre outras questões construídas com a finalidade de identificar as representações dos participantes da pesquisa. Durante a condução das entrevistas

buscamos utilizar a associação livre a partir da evocação de determinados assuntos. O instrumento utilizado pode ser consultado no Anexo 1.

As entrevistas com os jovens tiveram como objetivo entre outros pontos detalhar a fluidez e rigidez dos planos, identificar as “origens” dos planos (heranças culturais, fontes, etc) e o objeto dos planos, se existem conflitos entre planos individuais e coletivos, assim como a representação do tempo significativo e não significativo.

4.3. Sujeitos da pesquisa

A seleção dos jovens entrevistados se deu pela composição de uma amostra aleatória onde os jovens foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa. O único critério de inclusão definido previamente foi ‘ser morador da comunidade quilombola’ e ‘estar entre a faixa etária de 15 a 28 anos’. No início da pesquisa alguns jovens foram indicados pelos líderes da comunidade, mas com o aprofundamento da pesquisa tive o auxílio de uma jovem moradora de 17 anos que me apresentou aos demais jovens da comunidade, facilitando a inserção no campo.

Ao todo participaram da pesquisa 16 jovens com idades entre 15 e 28 anos, sendo 8 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Para preservar os entrevistados, alguns dados que permitem a identificação foram omitidos. As entrevistas ocorreram no período de outubro de 2010 a janeiro de 2011 na própria comunidade, no quintal das casas, na casa dos entrevistados quando havia um local disponível para conversarmos ou em locais públicos como a escola primária e a quadra de futebol.

Foram entrevistados jovens que participam das atividades culturais, jovens que não participam, jovens que trabalham fora da comunidade, jovens pais, jovens que trabalham na comunidade, que fazem faculdade, que não estudam, jovens engajados no turismo étnico e uma jovem bolsista que desistiu da faculdade. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento do entrevistado e posteriormente transcritas integralmente para análise. A seguir apresentamos um quadro resumido com alguns dados demográficos e observações em relação ao contexto dos participantes da pesquisa, com o objetivo de situar o leitor.

QUADRO 1: Descrição dos sujeitos entrevistados

Jovem	Idade	Sexo	Estado Civil	Tem filhos	Escolaridade	Profissão	Observações
1	15	masculino	solteiro	não	Ensino fundamental, cursando	Estudante	Participou das atividades culturais, hoje não participa mais. Mora com os pais.
2	15	feminino	solteira	sim	Ensino fundamental cursando	Estudante	Mora com avós, pais separados.
3	16	masculino	solteiro	não	Ensino médio cursando	Estudante	Participa das apresentações culturais. Mora com a mãe, pais são separados.
4	16	masculino	solteiro	não	Ensino médio cursando	Estudante/ Estagiário Menor aprendiz de um banco ¹⁰	Realiza atividades como fotógrafo nas trilhas ecológicas durante o final de semana. Mora com os pais.
5	17	feminino	solteira	não	Ensino médio cursando	Estudante	Não participa de atividades culturais. Mora com os pais.
6	17	masculino	solteiro	não	Ensino médio cursando	Estudante	Mora com os pais. Não participa das atividades culturais.
7	17	masculino	solteiro	não	Ensino médio cursando	Estudante	Trabalha como guia nas trilhas ecológicas. Mora com avós
8	18	feminino	solteira	não	Cursando ensino superior	Estudante	Cursando 3º. Período do curso de Biologia. Mora com os pais
9	19	feminino	solteira	não	Cursando ensino superior	Estudante	Cursando 6º. período de Biologia. Realiza atividades culturais. Mora com os pais
10	19	feminino	solteira	não	Ensino médio	Desempregada	Coordena atividades da dança afro. Mora em casa de uma senhora na comunidade de quem ajuda a cuidar.
11	22	masculino	solteiro	sim	Ensino médio completo	Desempregado	Mora com os pais e os filhos moram com a companheira em outra casa.
12	24	feminino	casada	sim	Ensino médio cursando	Desempregada	Mora com o marido e os dois filhos em casa própria
13	24	masculino	solteiro	não	Ensino médio completo	Técnico IBAMA	Coord. do projeto Bicho do Mato, na comunidade. Mora com a mãe. Pais separados
14	24	feminino	casada	sim	Superior completo – Turismo	Desempregada	Mora com o marido, na casa da mãe. Se formou em Turismo em 2008.
15	28	feminino	casada	sim	Superior incompleto (História)	Desempregada	Estudou até o 4º. Período de história através de bolsa em faculdade privada. Mora com marido e duas filhas em casa própria
16	28	masculino	casado	sim	Ensino médio incompleto	Trabalha como serrador	Coordenador das atividades de capoeira. Mora com mulher e filhos em casa própria.

¹⁰ Menor aprendiz é um programa criado pelo governo federal. Pode participar do programa jovens entre 14 e 24 anos, que devem estar matriculados em escola pública ou instituições de ensino profissionalizante. Os horários de estudo são respeitados e um contrato especial é feito entre o jovem e a empresa credenciada, sendo que esse contrato não poderá passar de dois anos.

4.4. Procedimentos para análise dos resultados

Para a análise dos resultados foi escolhido o método de ‘Análise de conteúdo’ proposto por Laurence Bardin (2010). A análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um aspecto mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem.

Consideramos que necessariamente toda mensagem expressa um significado e um sentido que não pode ser considerado um ato isolado. É discutida levando em conta a complexidade de sua manifestação que envolve a interação entre interlocutor, locutor e o contexto social de sua produção. As condições históricas, sociais são mutáveis e influenciam crenças, conceitos e representações sociais elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados (FRANCO, 2003).

[...] os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve (VARLOTTA, 2002 apud FRANCO, 2003, p. 13).

Neste sentido, a análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem aqui entendida como uma construção social e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais na relação que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação (FRANCO, 2003).

Neste caso, alguns pressupostos básicos garantem relevância a esse enfoque: 1) toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente uma grande quantidade de informações sobre seu autor, composto pela suas motivações, ideologias, interesses, expectativas, etc; 2) O produtor/autor é antes de tudo um selecionador e essa seleção não é arbitrária. As pessoas escolhem o que querem falar delas, para dar o seu recado (FRANCO, 2003).

O ponto essencial da análise de conteúdo é a inferência. Bardin (2010) compara a função do analista a de um arqueólogo. Para ela o analista deve trabalhar com os vestígios como manifestações de estados, de dados e de fenômenos. [...] “o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula

para inferir conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo” (BARDIN, 2010, p. 41).

Qualquer análise de conteúdo visa, não o estudo da língua ou da linguagem, mas sim a determinação mais ou menos parcial do que chamaremos as **condições de produção** dos textos, que são o seu objecto. O que tentamos caracterizar são estas condições de produção e não os próprios textos. O conjunto das condições de produção constitui o campo das determinações dos textos. (Henry e Moscovici, 1968 apud BARDIN, 2010, p. 42. Grifos nossos)

Segundo Bardin (2010) as diferentes fases da análise de conteúdo, organizam-se em torno de três pontos: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados através da inferência e a interpretação.

Após a realização e transcrição do conteúdo o material coletado foi organizado com a finalidade de ordenar as falas dos sujeitos a partir das mesmas evocações temáticas realizadas na entrevista. Este procedimento é definido por Spink (2000) como “mapa de associação de idéias” que consiste na criação de uma tabela com tantas colunas quantas forem as categorias de análise. A fala dos entrevistados é transposta em sua totalidade para as colunas, respeitando a ordem da fala original. No princípio, as categorias definidas são gerais, de natureza temática, refletindo principalmente os objetivos da pesquisa e sua dimensão teórica. À medida que o processo de análise avança as categorias são revistas, gerando novas categorias que visam integrar os conteúdos evidenciados, considerados pelo pesquisador como mais significativos para os objetivos centrais da investigação.

Após a organização do material, procedemos inicialmente com a *leitura flutuante*, que nos permitiu um primeiro contato com o material buscando as primeiras impressões e inferências a partir do referencial teórico que suporta a pesquisa (BARDIN, 2010).

Esta fase é chamada de leitura flutuante, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas com materiais análogos (BARDIN, 2000, p. 122).

Após a realização da leitura flutuante, o material foi reorganizado em eixos de leitura e categorias que permitiram realizar as inferências a partir das mensagens emitidas pelos sujeitos.

Para Franco (2003) produzir inferências em análise de conteúdo tem um significado bastante explícito e pressupõe a comparação de dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade. Os resultados da análise são apresentados no capítulo seguinte.

5. JOVENS MORADORES DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: ENTRE PROJETOS E TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

5.1. Resultados da pesquisa

Neste capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa relacionados ao campo investigado com o objetivo de embasar a análise de conteúdo referente às representações sociais sobre juventudes contemporâneas e seus projetos de vida.

Para organizar os conteúdos, que são apresentados e discutidos a partir das falas dos 16 jovens entrevistados, fizemos a leitura das entrevistas buscando identificar unidades temáticas de significação segundo a teoria utilizada como guia de leitura. Após a análise preliminar, baseada na leitura flutuante descrita no capítulo anterior, delimitamos 4 (quatro) eixos de leitura: 1) Representações da juventude em uma comunidade quilombola; 2) Representação dos elementos constituintes dos projetos de vida para os jovens da comunidade; 3) Representações do rural e urbano e sua relação com os projetos de vida; 4) A implicação do “outro”, interconexões e tensões na constituição dos projetos individuais e coletivos.

Dessa forma, cada um dos 4 (quatro) eixos é subdividido e analisado a partir de unidades temáticas, que são representadas através de falas consideradas mais significativas e recorrentes nas entrevistas.

5.1.1. Eixo 1: Representações da juventude em uma comunidade quilombola

a) Ser jovem, adolescente ou adulto

Quando os jovens entrevistados foram questionados se atualmente se consideram como adolescentes, jovens ou adultos, a grande maioria atribui ao estilo de vida e elementos relacionados à “responsabilidade” ou “falta de” para se auto-classificar. Segundo as falas dos jovens entrevistados, as formas de objetivação de

ser adulto passam por “ter responsabilidades” como “emprego”, “maternidade”, “compromissos” ou “experiência de vida”.

Adulto me considero adulto pelo fato de ser mãe né, ter experiência de adulto. De jovem eu tenho a vaidade, gosto mais de ir na festa gosto ficar enturmada com gente jovem as minhas amigas da mesma idade que estudamos juntas. (28 anos, feminino, casada)

Adulta, depois que a gente tem a criança da gente, a gente tem que vingá, mesmo sendo nova né. Mas eu ainda sou jovem também. (24 anos, feminino, casada)

Me considero adulta, né, tem que ser. Porque tem que tomar certas decisões, como casada, como mãe, tem que pensar mais, do que agir no impulso, como o jovem né. (24 anos, feminino, casada)

Hoje já me considero um adulto. Porque com o que eu já vivi, e o que eu já encarei e enfrentei na vida eu me considero adulto. (24 anos, masculino, estudante)

A adolescência aparece mais como um período relacionado à infância, tempo de brincar, se divertir e de menos responsabilidades ou uma certa mentalidade menos compromissada com o futuro.

Me considero adolescente. Porque ainda to fazendo ensino fundamental, porque adolescente gosta assim muito de brincar. E eu gosto de brincar, claro, de futebol. (16 anos, masculino, estudante)

Me considero adolescente. Acho que pela idade, mentalidade que não tá ligado nem ao jovem nem ao adulto. É você, ser um jovem mais só que um jovem mais criança. Um adolescente. (16 anos, feminino, estudante)

Me considero “adolescente”. Sou muito muleque, muita brincadeira, muitas festas. (28 anos, masculino, casado)

As representações da juventude aparecem como um processo intermediário, mais ligados ao compromisso com o futuro, a um período de preparação, porém detentora de elementos como impulsividade, vaidade e maior liberdade do que adulto.

Me considero jovem. Adolescente é mais sem noção, não pensa tanto em responsabilidade, em futuro, só pensa em escola, colega. Jovem já se preocupa com emprego, com a universidade, com algo mais pro seu futuro financeiro, acadêmico (18 anos, feminino, estudante)

Jovem. Eu acho que meu pensamento já não é mais de adolescente, meu pensamento mudou depois que eu fui fazer faculdade, acho que já mudou e já não tenho mais aquele pensamento de adolescente, pensa pouco. Meus horizontes vão mais além. (19 anos, feminino, estudante)

Jovem, porque ... Ah é gosto de aproveitar vida (22 anos, masculino, solteiro)

Acho que jovem né. Jovem porque acho que é um passo para ser adulta, mais madura, é isso (17 anos, feminino, estudante)

Quando questionados sobre o que é ser jovem na atualidade, constantemente associam a “poder sair”, “passear”, “não ter tantas responsabilidades” como o adulto. Mas ao mesmo tempo, a juventude aparece associada à necessidade de pensar no futuro, viabilizado por meio dos estudos para se ter um bom emprego.

Jovem tem um comportamento diferente, jovem gosta do tipo sair, de festa. Final de semana gosta de uma balada, já o adulto gosta de ficar em casa. (28 anos, masculino, casado)

Se tornar mais responsável, ter seus próprios gastos, seu próprio dinheiro pra você gastar com suas coisas, ter mais respeito, mentalidade melhor. (16 anos, masculino, estudante)

Ser jovem: primeira coisa que vem a cabeça é trabalhar. Por exemplo eu sou adolescente, só que trabalho, mas eu não tenho aquela mentalidade muito responsável, tenho meus gastos mas não tenho muita responsabilidade com eles, não gasto muito meu dinheiro com as coisas certas, com as coisas que são necessárias, com as coisas que são só pra me contentar mesmo, algumas coisas que não valem a pena. (16 anos, masculino, estagiário)

Ser jovem pra mim é se divertir sei lá, sair, passear gastar um pouco é isso. (28 anos, feminino, casada)

Comigo tem a ver com o que eu penso em realizar ainda muita coisa em minha vida. Tenho muitos sonhos que eu pretendo realizar, tipo, pretendo cursar uma faculdade ter uma vida melhor procurar um bom emprego. (24 anos, masculino, solteiro)

Ser jovem. Pensar no dia de amanhã no que vou fazer como adulta, uma profissão. Sei lá começar a me preparar para uma profissão uma coisa assim. (18 anos, feminino, estudante)

As representações da juventude parecem estar ancoradas em dois eixos: No primeiro a juventude aparece como associada a “liberdade” em contraponto com o adulto que gosta mais de ficar em casa e que tem maiores responsabilidades; no segundo eixo aparece ancorada na “preocupação em relação ao futuro”, relacionada aos estudos e profissão. Nota-se que a idade não aparece vinculada diretamente aos conceitos adolescente, jovem ou adulto. Para os entrevistados são esses outros elementos, descritos anteriormente que definem a sua condição.

b) Representações do “jovem quilombola”

Quando estimulados a falar sobre o que vem a mente em relação ao “jovem quilombola” as respostas espontâneas aparecem associadas à cor, descendência familiar, cultura e pertencimento à comunidade.

Ser quilombola, mora aqui na comunidade, tem as suas culturas, e a gente está sempre preservando a cultura do lugar. (24 anos, feminino, casada)

Ser quilombola é ser negro, só. Eu me considero, porque toda a minha família nasceu aqui. E aqui é uma terra de ex-escravos. (16 anos, masculino, estudante)

Ah eu me considero né, sou daqui. Eu nasci aqui, veio essa história de quilombola, porque aqui era um quilombo, né, esse lugar aqui. Desde criança, por causa dos avos também, descendente de escravo. (24 anos, feminino, casada)

Me considero quilombola sim, não só pelo fato da cor, porque tem muitos que são, tem a cor negra, e não se considera, fala que Deus me livre, mas eu não, eu gosto de morar aqui na comunidade, de estar envolvida com as coisas da comunidade. (19 anos, feminino, solteira)

Para mim é origem, é só origem que eu acho. Me considero quilombola sim por causa dos descendentes da minha família tanto do lado meu como do lado do meu marido. (28 anos, feminino, casada)

Ah, é um jovem que mora numa comunidade pequena, com pessoas descendentes, que teve seus antepassados quilombolas. São descendentes de escravos, mas um jovem que tem poucas oportunidades e um sonho de lá na frente ter uma oportunidade. (24 anos, masculino, solteiro)

Os entrevistados em sua maioria demarcam em suas falas que não há diferença entre o jovem quilombola ou qualquer outro jovem brasileiro.

É tudo igual. Me considero quilombola porque quando fala a palavra quilombola geralmente vem a questão descendente de escravatura, e é isso que eu mesmo que eu sou mesmo. A cor, tal. (28, masculino, casado)

Ah (risos) uma pessoa que mora na comunidade quilombola, mas não necessariamente tem que seguir os costumes da comunidade, mas respeita a comunidade em que vive. Mas é um jovem como qualquer outro. (18 anos, feminino, estudante)

Pelos meus antepassados e por conviver compartilhar de coisas na comunidade quilombola, estou sempre envolvido em algumas coisas, por exemplo, a comunidade fundou um grupo, o Bicho do Mato, já tem seis anos eu fui um dos fundadores. (24 anos, masculino, solteiro)

Ser jovem quilombola é do mesmo jeito que qualquer outro jovem. Ah quilombola quer dizer para mim cor, descendência, como falam... pessoa que tem muita cultura, dança, caxambu. (28 anos, feminino, casada)

Ao mesmo tempo os entrevistados expressam em seus discursos, a percepção de que pertencer à comunidade e poder ser considerado quilombola representa acesso a certas oportunidades que não teriam fora da comunidade. Dessa forma “ser jovem quilombola” parece estar ancorado na expressão “ter oportunidades” e de certa forma uma maneira de driblar o preconceito relacionado à cor e conquistar respeito e espaço social.

Ser jovem quilombola muitas vezes é uma conquista porque aqui, você sabe hoje em dia o quilombola por ser negro passa por muitos preconceitos, aqui superou este preconceito. A comunidade venceu até pelas visitas. (17 anos, feminino, estudante)

No meu trabalho eu tenho vários colegas que diz que gostaria de ser daqui. Eles são da minha cor, mas moram em outro lugar. Eles falam ah eu queria ser de lá. Eles acham que aqui tem vários benefícios que lá na rua já não tem. Oportunidade em ser quilombola, igual a oportunidade de emprego, faculdade que abriu vagas para quem era da comunidade quilombola, de graça. (28 anos, masculino, casado)

As falas sugerem em geral, uma série de elementos complexos que envolvem a auto-representação de ser jovem quilombola nesta comunidade. A última fala destacada evidencia um tipo de privilégio do ponto de vista de quem vive na comunidade em relação a outros jovens nas mesmas condições sociais. Podemos relacionar essa situação com alguns efeitos de políticas públicas destinadas a diferentes públicos que não conseguem atingir da mesma forma seus destinatários e, portanto acabam sendo percebidas como uma sorte diferencial.

c) Representações dos marcos de transição para a idade adulta

Ao serem indagados sobre o que marcaria a entrada para a vida adulta, os jovens entrevistados inicialmente apontam elementos de transição como: “assumir responsabilidades de adulto”, “ter filhos”, “ter um emprego”, “sustentar a família”, “tornar-se independente dos pais”. Alguns mencionam o papel da família nessa transição. No entanto, vários dos entrevistados observam que só esses elementos não determinam a passagem para a vida adulta, mas sim “assumir a vida de forma mais responsável”. Nota-se na estrutura de suas falas, o enraizamento dos elementos sociais clássicos da passagem para a vida adulta. Ao mesmo tempo, os jovens percebem que apenas passar por essas etapas não faz dele um adulto, o que viria com uma maturidade ligada a forma de pensar do jovem, o que lhe garantiria a real entrada na vida adulta. É possível observar também a elasticidade das idades de entrada na vida adulta.

Aqui tem muitas pessoas que tem 30 anos que eu acho que é tudo jovem ainda, acho que só amadureceria se pegasse algum compromisso, ou cargo aqui na comunidade. Acho que é isso aí, senão tem uns caras de quase 40 anos e é tudo mulecada mesmo, sai, brinca, zoa. O fato de casar e ter filhos não quer dizer que virou adulto, aqui não porque a maioria é tudo novo e já tem filho. (28 anos, masculino, casado)

As meninas novas de 13 a 14 anos são obrigadas a entrar porque já são mães. De uma forma geral, o que marca (entrar na vida adulta) mais acho que é trabalhar. (24 anos, feminino, casada)

Quando tem suas responsabilidades, tem seus 18 anos de idade. Ter um emprego, formar uma família. (18 anos, feminino, estudante)

O correto seria aos 18 anos, mas eu acho que uns entram mais cedo e outros mais tarde, vai depender da família que o jovem cresce. Se a família for mais estruturada, não vou dizer financeiramente, mas mentalmente esse jovem vai ter uma responsabilidade muito mais cedo, vai se tornar um adulto mais cedo, mas se o jovem é aquele que vive em festa normalmente isso demora mais. (16 anos, masculino, estudante)

Quando já começa a apertar, quando arruma uma mulher, casa tem filho, tem que trabalhar pra sustentar a mulher e o filho ai ele já vai tendo uma maturidade diferente. Ai ele entra na fase adulta. (16 anos, masculino, estudante)

Eu acho que é quando ele assume uma família. Acho que depois que você forma uma família ai você passa a ser adulto. Mas não necessariamente deixa de ser jovem, é adulto, mas não deixa de ser jovem, mesmo com as responsabilidades. Já as suas responsabilidades aumentam, são outras. Porque quando ainda é jovem a maioria trabalha, estuda, mas se precisar de alguma coisa ainda tem os pais pra recorrer. Mas quando se torna adulto, se torna independente. Geralmente sai de casa, vai viver a sua própria vida, forma uma família e passa a ser independente. Tem que ser dependente só de si próprio. Acho que isso que marca a passagem do jovem pro adulto. (19 anos, feminino, estudante)

Podemos perceber nas falas destacadas que a constituição da família não é vista necessariamente como elemento excludente da condição jovem, mas sim que esses elementos se combinam. Dessa forma para alguns entrevistados é possível ter filhos e ser jovem e “moleque” ao mesmo tempo. Observamos também que nem sempre os jovens entrevistados estão falando apenas de si, mas falando de si a partir de um diagnóstico dos outros com quem convivem.

5.1.2. Eixo 2: Representações dos elementos constituintes dos projetos de vida para os jovens da comunidade

a) O ter e ser na constituição de projetos

Quando questionados sobre o que é para eles projeto de vida, os jovens entrevistados fizeram várias associações livres. Entre elas podemos notar que a estrutura dos projetos se encontra vinculada ao ter e/ou ser no tempo futuro. A palavra ter aparece frequentemente nas falas, mas também é acompanhada da palavra ser. Para eles, a conquista dos projetos passa primeiramente por se tornarem profissionais, terem melhores empregos, não serem passados para trás.

Neste sentido, enxergam na formação profissional um possível caminho. Os planos geralmente se vinculam as melhores chances de trabalho e renda para conquistarem bens de consumo ou melhores condições de vida tanto para eles próprios como para sua família. Mas também alguns projetos aparecem ancorados

em auto-superação, através da conquista de seus sonhos. Alguns jovens também registram a necessidade de conquistar a independência financeira em relação aos seus pais. Dessa forma, podemos observar que seus projetos de vida geralmente se objetivam mediante expressões como casamento, família, casa própria, ter uma vida melhor e as formas apontadas para a concretização desses projetos passa geralmente por ter uma profissão, um trabalho ou educação superior. Em seu livro *Ter e Ser*, Erich Fromm discute como “ter e ser” são dois modos fundamentais de experiência humana. Para Fromm (2004), a grande diferença entre ser e ter é a que se estabelece entre uma sociedade centrada sobre as pessoas e uma sociedade centrada sobre as coisas.

Fazer um projeto para o futuro, projetar, se reservar, fazer uma reserva, fazer curso, arrumar um emprego melhor. Eu tava na roça, já arrumei um emprego, quero procurar subir de cargo na empresa, mudar de casa, ganhar mais, ter uma vida melhor, poder investir na minha casa, no terreno. (28 anos, masculino, casado)

Ter uma vida melhor, dar pra minha filha, uma vida melhor. (24 anos, feminino, casada)

Ser ornitólogo. Trabalhar catalogando aves. Quero também casar, ter filhos, ter uma casa própria. (16 anos, masculino, solteiro)

São muitos planos, eu não penso mais em mim, eu penso é neles. (filhos) Porque a oportunidade que eu não tive eu vou tentar dar pelo menos um pouco pra eles. Por isso que eu penso terminar meu estudo e correr atrás de uma faculdade. (24 anos, feminino, casada, desempregada)

Meu projeto de vida eu pretendo trabalhar, pra eu ter a minha casa, pra eu conseguir ter uma vida estabilizada, não ter que ficar dependendo de pai, mãe. Meu projeto de vida é esse. Acho que todo mundo quer ter uma boa casa, um bom salário, pra viver uma vida boa. Para mim eu tenho um projeto material de melhorar a casa. O melhor sonho que eu tenho é melhorar esse muquifo. Uma boa educação para minha filha, ajudar, ensinar ela. Não ver ela jogada sem estudar. Penso muito em voltar a estudar, tenho como sonho um dia me ver formada e mostrar para muitos que eu sou capaz de realizar tudo que deixei pra trás. (28 anos, feminino, casada)

Primeira coisa que eu penso para minha vida é concluir meu curso, faculdade construir uma família e depois um emprego. Uma boa educação, uma família, um bom emprego, meus projetos tem a ver com a família. (19 anos, feminino, solteira, estudante)

Fazer um plano assim. Sei lá, construir uma família. Arrumar um emprego bom, construir uma casa e morar. (17 anos, masculino, estudante)

Ah.. Sei lá sempre falei que no meu futuro eu quero arrumar um emprego, para ter melhores condições para ajudar a minha mãe. Meu pai é morto, quase nenhum de meus irmãos gosta de trabalhar, não ajudam. Só um irmão que ajuda, a minha mãe, ele trabalha no Banco do Brasil, mas o contrato dele esta acabando. Ai eu não sei o que vai ser. É isso, penso nisso. (19 anos, feminino, solteira, estudante)

Não notamos nas falas dos jovens entrevistados, projetos de futuro ligados à (re)construção da identidade cultural da comunidade, mas sim projetos de curto e

médio prazo relacionados a trabalho, família e vida privada (cf. Lecardi, 2005), no entanto é possível notar em suas falas a negociação entre as suas necessidades individuais e as coletivas. Muitos tentam procurar profissões que possam ser exercidas na comunidade, mas que lhe possibilitem ao mesmo tempo mobilidade social. Isso aparece implícito em seus discursos quando propomos o exercício de se imaginarem daqui há 10 anos, com quem e onde estariam.

Nossa, passa rápido. Acho que com 28 eu espero que já esteja casada, formada se Deus quiser, com meus filhos (acho que 2), uma boa casa, um bom salário e eu pretendo continuar morando aqui, mas assim acho que trabalhar fora, não sei, ou trabalhar ali no IBAMA, acho que seria uma boa. Mas daí eu teria que sair daqui pra ter estudado. Nesses 10 anos, tentar uma pós, tentar um mestrado. (18 anos, feminino, estudante)

Eu acho que gostaria de estar com minha família, minha mãe e meus filhos, meu marido, aqui na comunidade. (24 anos, feminino, casada)

Daqui há 10 anos o que eu queria era ser um fotógrafo bem sucedido talvez, ou até nem tanto, mas sendo um fotógrafo fazendo o que eu gosto de fazer. [...] Com minha família, com meus amigos sempre ao meu lado [...] aqui na comunidade. (16 anos, masculino, estagiário)

Gostaria de estar na comunidade, gosto daqui nasci aqui. Gostaria de estar com minha família com minha namorada. (24 anos, masculino, solteiro)

Vale destacar que nem todos os jovens entrevistados pretendem permanecer na comunidade. Notamos que os que pretendem permanecer conseguem vislumbrar possibilidades de acesso aos seus projetos conciliando ficar na comunidade com oportunidades de trabalho e inserção. Para alguns jovens entrevistados o único meio de conquistarem seus projetos é sair da comunidade. Esses jovens que vislumbram sair demonstram tensões com que terão que lidar na nova realidade urbana em que além das dificuldades de inserção profissional, passa por adaptação a um novo estilo de vida.

Ah, aí eu não sei onde eu quero estar só sei e tenho certeza que aqui eu não estaria não. Queria sair da comunidade, a vontade que eu sempre tenho assim como um sonho é de ir embora. Para Fortaleza, aliás eu nem conheço esse lugar nem mesmo nunca fui lá é a vontade mesmo de sair um pouco do lugar onde eu vivo. Ver o mundo mesmo, sair conhecer coisas diferentes viver um pouco a vida. (24 anos, feminino, casada)

No momento tenho planos de sair, por causa do trabalho, por enquanto está difícil ir e voltar todo o dia. Minha mulher também deve começar a trabalhar numa firma, mês que vem lá em Cachoeiro, aí é melhor a gente ficar lá. Mas vou deixar a minha casa aqui, vou ir arrumando para um dia eu voltar de novo. Depois que tiver tudo organizado, minhas coisas que quero comprar estiver comprada. (28 anos, masculino, casado)

Eu nasci aqui, cresci aqui, agora to pensando de ir pra cidade, e to pensando no que eu vou fazer com as crianças lá porque ta pra sair um serviço lá pra mim. Aí eu to pensando, se eu vou estudar o que eu vou fazer com meus filhos? Aqui na roça tem quem eu deixar, já lá não tem. (28 anos, feminino, casada)

Notamos de forma geral que nessa categoria os projetos de vida dos jovens não podem ser considerados de forma simplificada como individualistas, mas sim orientados a questões práticas e objetivas, visando muitas vezes conciliar as necessidades pessoais às familiares e na medida do possível, coletivas.

b) Fontes ou redes de apoio para realizarem os projetos

Quando indagados sobre o que consideram essencial para alcançarem seus projetos, os jovens entrevistados mencionam com mais frequência: “oportunidade de inserção no mercado de trabalho”, “ter uma profissão” ou trabalho, “poder fazer uma faculdade” e “correr atrás” de emprego. Percebe-se que as falas se dividem entre ter oportunidade e contar com alguém que os apóie em sua inserção profissional por um lado, e por outro, para os que já estão tendo as oportunidades, depende deles mesmos.

As falas se dividem em dois aspectos; enquanto algumas parecem incorporar o discurso neoliberal de que para quem tem acesso à educação e as oportunidades, só depende da vontade, para outros que ainda não tem acesso a educação ou encontram dificuldades de inserção mesmo tendo formação superior, depende de que alguém lhes dê oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

Eu acho que depende de mim mesmo, né. Para eu alcançar alguma coisa no meu futuro, depende de mim mesmo. (24 anos, feminino, casada)

Ser alguém na vida, trabalhar bastante, estudar, fazer uma faculdade e correr atrás de um emprego. (16 anos, masculino, estagiário)

Procurar uma profissão, né. Mas eu queria trabalhar numa área que eu saísse e colocasse o currículo para trabalhar e trabalhasse né. O serviço que saísse. Porque na área de turismo acho que nem tem. (24 anos, feminino, casada)

Eu coloco currículo em todo lugar, mas tem que ter um currículo bom. Sempre eles pedem computação, grau de estudo que a gente tem. E sempre a gente concorre com um que tem mais grau que a gente. Isso dificulta. (28 anos, feminino, casada)

Me esforçar bastante, estudar bastante e acho que também buscar novos horizontes, acho que até sair um pouco pra ir pra outros lugares pra conhecer novas pessoas, novos ares, pra abrir mais a mente pra conseguir coisas melhores também. Porque só aqui, trabalhando só aqui eu acho que eu não vou conseguir tudo o que eu quero. Eu vou ter que ir pra outros lugares para ver se eu consigo novas conquistas. (18 anos, feminino, estudante)

Condições e oportunidades de emprego, vontade eu tenho. (17 anos, feminino, estudante)

Muita oportunidade, caminho que vai abrir para mim conseguir. Depende de mim também para eu conseguir, se eu não tentar não vou conseguir nada. (24 anos, masculino, solteiro)

Notamos neste caso que as falas dos jovens entrevistados também demonstram as dificuldades de inserção para os que não têm experiência profissional e a consciência de que na disputa por uma vaga com outros jovens que consideram mais preparados, eles (os entrevistados) saem em desvantagem. Da mesma forma que em outros pontos da entrevista, notamos que as falas condicionam o futuro a projetos de emprego para obterem melhores condições materiais.

c) A família e as lideranças da comunidade como fontes de apoio para os projetos

Outro importante elemento que parece estar enraizado nas representações sobre os projetos dos jovens estudados é participação da família e das lideranças locais. Quando questionados se consideram a influência de alguma pessoa como fundamental para pensar hoje nos projetos de vida, a família ou as lideranças locais (a maioria também familiares) aparecem em destaque.

Geralmente é minha família mesmo, minha mãe, e tal. A família sempre apoiou, até hoje se eu precisar de alguma coisa, um dinheiro para pagar um curso, ou pagar uma prestação, minha mãe me ajuda. (28 anos, masculino, casado)

Foi a ajuda de L., que foi lá e conseguiu essas bolsas, que lutou pra gente ter esse reconhecimento, de comunidade quilombola, isso já foi uma ajuda pra mim e para os outros demais. Puderam tá estudando, e hoje as meninas que fizeram de pedagogia, são professoras, uma é diretora, outra são professoras aqui dentro mesmo do lugar. São todo mundo de dentro, trabalhando aqui mesmo, então isso já foi muito bom. (24 anos, feminino, casada)

No sentido de serviço eu conto com a minha prima, que já tá na cidade trabalhando. Não depende só de mim, eu faço a minha parte mas tudo a gente tem que ter um padrinho, em qualquer lugar. (24 anos, feminino, casada)

Acho que o trabalho que meu pai realiza aqui me influencia e me influenciou bastante aqui, na profissão que eu decidi seguir. Então eu conto com ele pra na hora que eu precisar, mesmo ele não sendo formado em Biologia ele pode ajudar bastante, me ajudar a desenvolver algum projeto, então a ajuda dele é fundamental pra mim. (19 anos, feminino, estudante)

O L. porque ele está me ajudando muito. Porque esta me ajudando a conseguir uma bolsa de estudo... Está resolvendo umas coisas para fazer minha inscrição lá. Se eu conseguir arrumar a passagem vai me ajudar a conseguir a bolsa desta escola. (17 anos, feminino, estudante)

Neste caso as falas destacadas se assemelham aos resultados de outras pesquisas realizadas com jovens de diferentes camadas sociais em que a família aparece como importante fonte de apoio para constituição de projetos juvenis (NOVAES, 2006; RAITZ e PETTERS, 2008; SARTI, 2004). No caso da comunidade

estudada, as relações de parentesco parecem exercer visível influência na constituição dos projetos. As fontes de apoio familiares aparecem tanto em relação a questões financeiras como em suporte social.

d) A relação trabalho e educação na representação dos projetos de vida

Ao ser evocado as palavras “trabalho” e “educação” em momentos distintos, os jovens frequentemente mencionam os dois temas relacionando-os com as possibilidades de inserção social e de viabilização de projetos futuros.

Nota-se que o trabalho é o objetivo ou meta, e os estudos são a porta de entrada para a inserção no mercado de trabalho. Quando a palavra trabalho é evocada surgem as seguintes elaborações:

Acho que trabalho é tudo, trabalho é que dá dignidade ao homem. Cara que trabalha que mantém ele mesmo a família dele. (28 anos, masculino, casado)

Trabalho significa ter uma responsabilidade a mais, você adquire conhecimento. É uma oportunidade de melhorar de vida. (24 anos, feminino, casada)

Trabalho para mim é a coisa mais importante. Ter o dinheiro da gente, aprender, trabalhar, adquirir coisas que a gente não conhece, ter dinheiro. (19 anos, feminino, solteira)

Acho que trabalho é a base de tudo, um projeto, ao trabalhar eu posso ter muitas coisas que eu preciso. Ter dinheiro para poder comprar coisas. O trabalho ajuda o meu lado e o da minha família. (16 anos, masculino, estudante)

Muita coisa... dá para mudar tudo na minha vida. Se eu estivesse trabalhando podia igual mudar e arrumar as coisas. Minha família não estava na casa ruim que ela está agora. (19 anos, feminino, solteira)

Já quando o assunto evocado é educação nota-se que o estudo assume diferentes significados. Ao mesmo tempo em que o estudo é considerado importante, ele está ancorado em estratégias para a conquista do trabalho que pode viabilizar a ascensão social. Da mesma forma, os jovens percebem que o estudo serve como estratégia para não ser passado para trás.

Algumas falas também demonstram o estudo como oportunidade que não está acessível igualmente para todos. Alguns deixam implícito que alguns jovens da comunidade tem menos acesso do que outros jovens da própria comunidade e se comparam com jovens de condições sociais mais favoráveis.

Hoje em dia educação é quase tudo né. Até pra entrar nessa firma, tem que ter segundo grau completo, senão nem entra. (28 anos, masculino, casado)

Ah a pessoa não só fazer o básico, mas continuar... a vida inteira eu considero que é um aprendizado. Não tem como pensar. Ah eu terminei meu estudo superior e pronto, acho que toda a vida você tem que continuar. Acho que vou ter que ficar estudando a vida inteira na minha área... mestrado, doutorado. (18 anos, feminino, estudante)

É uma forma de aprender, crescer na vida, né. Ter conhecimento de muitas coisas. (24 anos, feminino, casada)

Eu acho que significa muitas coisas, por exemplo, foi por estar estudando que eu consegui este emprego. A prioridade é para quem estivesse estudando por isso eu terminei o ensino médio e isso me incentivou a continuar. (24 anos, masculino, solteiro)

O estudo é para arrumar um emprego melhor. (16 anos, masculino, solteiro)

Uma coisa que a gente tem que ter, necessidade, estudar fazer faculdade.(24 anos, masculino, solteiro)

Com estudo, você dificilmente é passado pra trás. Enganado. (16 anos, masculino, estagiário)

Representa muito, sem estudo a gente não consegue nada na vida muitos tem oportunidade e não aproveitam jogam tudo fora. E a gente aqui não tem. (28 anos, feminino, casada)

A maioria das falas selecionadas nos permite inferir a complexa relação que os jovens desenvolvem com a educação. Destacamos dois trechos de entrevistas, que fogem do contexto das demais citadas acima:

Sem o estudo a gente não é nada. Aqui tem muito analfabeto. Gente que não sabe ler, não conhece dinheiro, não escreve... os idosos não conhecem quase nada. (17 anos, feminino, estudante)

Pra mim é muito importante. Mas a educação hoje já não é tão boa porque praticamente todo mundo passa. (19 anos, feminino, estudante)

Na primeira um jovem se compara com outros mais velhos que são analfabetos, que “não conhecem quase nada” e sugere que os estudos diferenciam as pessoas na comunidade. A segunda fala quando a jovem entrevistada afirma que “a educação já não é tão boa porque praticamente todo mundo passa” também incorpora elementos mais complexos relacionados ao sistema educacional vigente. E sugere que para a jovem entrevistada educação boa é aquela que exige mais, e que somente os que se esforçam conseguem alcançar.

e) Representações da vivência do tempo presente e tempo futuro

Quando os jovens foram estimulados a falar sobre o que eles consideram mais importante, viver o tempo presente, ou pensar no tempo futuro e se acham que

precisam abrir mão de alguma coisa do presente para pensar no futuro as respostas demonstram que para eles a relação com o tempo é vivida das duas formas. Ao mesmo tempo em que consideram o tempo presente como o tempo a ser vivido, alguns mencionam que precisam dedicar um pouco desse tempo para pensar no futuro. As expressões relacionadas a estas questões sugerem que os jovens entrevistados vivem o tempo vivido e o tempo futuro de formas relacionais.

As duas coisas são importantes, a gente tem sempre que fazer um presente para poder ter um futuro. Ter aquilo que a gente quer. Eu penso sim, no futuro. (24 anos, feminino, casada)

Os dois são importantes, viver o presente e pensar no futuro. Eu penso no futuro. (17 anos, feminino, estudante)

Ai é difícil, olha só, não tem como você planejar o futuro sem viver o presente. Eu acho que os dois sempre vão andar juntos. Você tem que viver o presente e sempre ficar pensando, se eu fizer isso, qual vai ser a consequência no futuro. Vai ser bom pra mim, ou vai ser ruim. Como vai ser minha vida depois disso. [...] por exemplo: se eu começar a trabalhar hoje eu vou me aposentar mais cedo, trabalhando de carteira assinada. Mas se eu começar a trabalhar hoje, também eu vou perder uma fase da minha vida e vou ficar sempre considerado mais velho com a maturidade maior do que as pessoas que tem a mesma idade que eu, e vou ficar isolado deles, porque eles não vão me aceitar num grupo que minha mentalidade vai ser totalmente diferente, as conversas vão ser diferentes. (16 anos, masculino, estudante, estagiário)

Acho que um pouco de cada. Você não pode só pensar no futuro, você, tem que viver o presente também, mas você não pode viver o presente como se não tivesse nada, como se fosse morrer amanhã. (19 anos, feminino, estudante)

Viver praticamente o hoje, mas pensando no futuro que é amanhã, por exemplo, eu penso assim; o que eu não tive eu penso assim que as minhas filhas podem ter amanhã. (28 anos, feminino, casada)

Para mim o que mais vale é viver o presente, um dia de cada vez. Penso no futuro só que não me preocupo tanto. (22 anos, masculino, solteiro)

As falas destacadas acima sugerem que a idéia comumente divulgada de que o jovem só se relaciona com o presente sem pensar de alguma forma no futuro precisa ser avaliada com bastante critério. Quando estamos falando em “juventudes”, percebemos que cada jovem a partir do contexto social em que está inserido, manifesta diferentes formas de se relacionar com o tempo futuro. Ao que tudo indica, para os jovens estudados a juventude é vivida no aqui e agora, porém o tempo da juventude também é tempo para se preparar para uma vida com melhores condições materiais e de inserção.

5.1.3. Eixo 3: Representações do rural e do urbano e sua implicação na constituição dos projetos de vida

a) Representações da comunidade rural

Quando indagados a respeito da comunidade, se ela é rural ou urbana e quais elementos os jovens entrevistados utilizam para atribuir a comunidade quilombola como comunidade rural nota-se que estes estão ancorados nas representações relacionadas às diferenças com a área urbana. Entre elas se destacam: “viver a vida com mais liberdade”, “plantio da própria alimentação”, “morar em sua propriedade” e “ter um ritmo de vida mais tranquilo do que na cidade”.

Sim, porque é mais assim da roça mesmo, todo mundo mora em cima do que é seu, a maioria come do que planta, café, milho, arroz. Hoje em dia já não tem tanto, porque é mais fazendeiro que tem e as pessoas trabalham para eles. Antigamente era mais assim. (28 anos, masculino, casado)

Considero a comunidade como rural. Existe diferença, o próprio jeito de ser da comunidade, obriga querendo ou não, de morar aqui na roça, é diferente de quem mora lá na cidade, as coisas que tem, são tudo diferente e querendo ou não é obrigado a viver conforme a cidade obriga. (24 anos, feminino, casada)

Sim, porque é uma roça que as pessoas, plantam o seu próprio alimento, cultiva, tem seus próprios bens, tem suas terras. (19 anos, feminino, solteira)

Você pode achar estranho, mas o que eu mais gosto daqui é da tranquilidade, ficar contando histórias, poder andar no meio do mato. Gosto de soltar pipa, tomar banho no rio, ficar conversando na quadra a noite. A gente se reúne para contar ‘causos’ antigos. Mas quem vem de fora não se acostuma não. Minha prima veio do Rio e não gostou desta falta de movimentação da roça. (17 anos, masculino, estudante)

Os pontos negativos apontados estão relacionados a falta de infra-estrutura e falta do que fazer (lazer) para os jovens.

Comunidade rural porque é uma roça um lugar onde a rua não tem asfalto, tem lama...não tem uma padaria, não tem um mercado nada disso. Tudo que a gente quer tem ir lá para fora comprar. Quer dizer um dinheiro que poderia deixar aqui para nós aproveitarmos deixamos lá fora, na cidade. (24 anos, feminino, casada)

Ah aqui é isso aí, roça você não tem aquele movimento igual é a cidade, às vezes assim falta o que a gente quer. (17 anos, feminino, estudante)

No entanto, alguns entrevistados atribuem a comunidade como um ‘espaço rural bem urbanizado’ devido a incorporação de hábitos e estilos de vida que para eles são das cidades e não do rural estereotipado.

Aqui é uma comunidade rural, mas um pouco urbanizada, um pouco não, bastante urbanizada. Por que você vê numa televisão, você dá pra comparar, porque as pessoas do interior de outro lugar é bem diferente do pessoal daqui. É uma pessoa mais do interior mesmo, não sei o jeito é diferente, o jeito até de se vestir é diferente. As pessoas não tem tanta vaidade. Não liga tanto pra questão do ter, quanto em outros lugares. (18 anos, feminino, estudante)

Acho que considero que aqui é uma comunidade rural bem urbanizada. Pessoal que todo mundo quer ter o seu celular, quer andar na moda, ter o seu tênis de marca, quer ter a sua moto, não quer mais andar a pé ou de bicicleta, só se for por esporte. (16 anos, masculino, estudante)

Uma comunidade rural, mas não é muito rural. Mas tem alguma coisa sim a ver, porque eles plantam muito milho. (28 anos, feminino, casada)

Dessa forma notamos que a maioria dos jovens observa as contradições da própria comunidade e as sutilezas da delimitação entre rural e urbano. Ao mesmo tempo em que a comunidade é representada como rural, trata-se de um “rural bem urbanizado”, percebido pelos jovens através de padrões de comportamentos geralmente atribuídos aos contextos urbanos que aos poucos vão sendo inseridos na comunidade.

b) Representações do jovem “rural e urbano”

Quando questionados se para eles existe alguma diferença entre o jovem rural e o jovem urbano, os entrevistados apontam para muitas diferenças existentes. Entre elas se destacam as “oportunidades”, “estilo de vida”, “acesso a tecnologia”, “modo de se vestir” e “jeito de ser”.

Existe, acho que existe, hoje talvez nem tanto, mas tem uma diferença. Até mesmo no modo de se vestir, no modo de andar, de se expressar. (28 anos, masculino, casado)

Eu acho que existe. Eu acho que hoje as pessoas não vem o jovem rural como negativo, acho que veem até mais positivo, geralmente o pessoal da cidade acha que o jovem rural é um cara mais trabalhador, mais sofrido, por viver na roça, veem mais por esse lado. Alguns veem também que é mais atrasado mais bobinho, mas já é menos. Mas acho que o positivo prevalece ainda. (24 anos, masculino, solteiro)

Tem diferença, lá na cidade eles são muito avançado na tecnologia, aqui na roça nós ta começando. Lá tem computador, internet, aqui nos só temos celular, e alguns computadores, aqui é antena parabólica, já é Sky lá é zona urbana né. (16 anos, masculino, estudante)

Acho que tem muita diferença dos que moram na cidade dos que moram na roça. [...] Os daqui, uns pensam em estudar, sem alguém na vida, e uns não. Muitos pensam que ficar na roça é bom, mas trabalhar na roça não presta não. [...] Os daqui alguns pensam em ir pra cidade, mas os da cidade não pensam em vir morar na roça não. (24 anos, feminino, casada)

Tem diferença até sim, às vezes o modo de falar, andar, de se vestir, conversas tudo para mim é diferente. De repente vamos supor eles não ligam, pode ser que na cidade eles não andam assim, as roupas que eles andam aqui na comunidade são rasgadas sujas de lama, na cidade as coisas são diferentes. Igual quando eu vou na cidade eu vejo muitas coisas diferentes coisas maiores, vou no shopping, festas, boate, vou passear aqui não tem nada disso. (24 anos, feminino, casada)

Acho que tem sim uma diferença. Um jovem da vida urbana é um jovem mais descolado mais ativo até porque pelas oportunidades. Já um jovem da área rural é mais quieto mais tímido mais devagar até pela influencia do lugar. Quando os jovens da área urbana vem aqui vê o jovem como um batalhador para ter suas oportunidades, eles observam a timidez do jovem da roça. (24 anos, masculino, solteiro)

Muitas vezes sim. Às vezes falta aquela coisa assim, do estudo. Lá tem mais facilidade condições financeiras pelas oportunidades de trabalho. Aqui é um pouco mais complicado, porque têm que sair para estudar muitos conseguem outros desistem e ficam aqui trabalhando na roça mesmo. (19 anos, feminino, solteira)

Alguns entrevistados representam o jovem rural como mais ocupado com o trabalho do que o jovem urbano que é visto como mais mimado e com privilégios. Apontam como vantagens do jovem rural em relação ao jovem urbano o contato com a natureza, a liberdade de ir e vir, e as danças e atividades culturais que os jovens da cidade não sabem fazer.

Muitas, olha só o pensamento, por exemplo, teve um rapaz de Brasília que ele veio aqui e a gente tava conversando, os meninos tavam falando que eles voltaram da festa acho que era 00:00, nossa vocês voltaram meia-noite? Quando eu saio pra festa é 22:30, (o rapaz de Brasília falando) então tem muita diferença uma pessoa sair 22h30 pra festa, se ele voltar 2h30 da madrugada essa pessoa tem condição de trabalhar no outro dia? Não tem! (16 anos, masculino, estudante, estagiário)

Por incrível que pareça eu acho que os jovens da zona rural tem mais responsabilidade do que os que estão na cidade, a maioria demora pra começar a trabalhar, a maioria demora pra ter uma cabeça bem estruturada, saber o que é certo e o que é errado, demora mais, quase sempre naquele mimo. (17 anos, masculino, estudante)

Existe diferença sim. Aqui com toda essa urbanização que chegou nos últimos 10 anos, ainda dá pra notar bastante diferença, não precisa nem ir longe, de Cachoeiro mesmo. O pessoal de noite, sai, vai beber, mesmo depois da faculdade, uns vão pro happy hour, saindo do trabalho, diferente daqui. Aqui não o pessoal chega do serviço, vai descansar pra no outro dia ter sua jornada de trabalho de novo. Acho que assim, mesmo a pessoa tentando se igualar a pessoa da cidade é diferente não adianta, porque o jeito de pensar é diferente, lá o pensamento é mais aberto. O modernismo chegou lá mais do que aqui. (18 anos, feminino, estudante)

Existe, o jovem rural é mais ocupado pelo trabalho na plantação e o jovem urbano não tem isso, tem mais tempo livre para fazer o que quiser. Aqui ele não tem esse tempo tem que trabalhar muito. (24 anos, masculino, solteiro)

Tem diferença sim. Sei lá principalmente quando a gente vai apresentar a dança. Os meninos lá da cidade ficam olhando e tentando fazer igual o que a gente faz. É diferente até porque o dia a dia da comunidade não é o mesmo do deles, lá na cidade. Eles lá ficam mais presos, vão para a escola o shopping. Aqui a gente vai para o rio, joga bola, dança. Eles lá não têm a mesma coisa que aqui. (16 anos, masculino, estudante)

Um dos pontos que nos chamou a atenção nesta categoria foi a contradição. Enquanto as representações sobre o jovem quilombola apresentadas anteriormente são demarcadas pelas semelhanças com outros jovens, as representações sobre o jovem rural aparecem demarcando profundas diferenças. Podemos inferir que tais estratégias mobilizadas estão enraizadas no discurso da igualdade e da diferença. Igualdade de direitos (jovem quilombola) e diferenças de oportunidades (jovem rural).

c) Implicações do contexto rural na constituição dos projetos juvenis

Em relação às implicações do contexto rural, quando questionados se os jovens acham que morar numa comunidade rural interfere nos seus projetos, existem duas polaridades que emergem em suas falas. Para alguns, o fato de viver em uma área rural dificulta o acesso a possibilidades de inserção profissional e educação.

Acho que em algum ponto interfere sim. Porque se eu morasse na cidade seria mais fácil, um degrau para um bom estudo o jovem precisa sair daqui para ir até a cidade estudar. (17 anos, feminino, estudante)

Dificulta sim pela falta de oportunidades... aqui tem menos oportunidades. Na cidade tem mais oportunidades. (24 anos, masculino, solteiro)

No entanto para a maioria dos jovens entrevistados o fato de viver numa comunidade rural quilombola facilita o acesso a projetos de inserção como por exemplo: programa menor aprendiz, possibilidades de conquistas de bolsas de estudo ou inserção através das atividades culturais.

Eu acho que não, acho que pra mim só ajuda. Igual eu trabalho hoje mais com firma, e onde eu vou, o pessoal, fala olha esse cara meche com capoeira é lá da comunidade quilombola de monte alegre, comunidade descendente de escravo, todo mundo quer saber como que é e tal. Quer conhecer, quer ver. Veio gente de Uberlândia para conhecer o projeto meu como é que é, vem gente de tudo que é lado, vem de Minas, São Paulo, as pessoas querem conhecer. Falar que é da comunidade quilombola, descendente de escravo até ajuda. (28 anos, masculino, casado)

Interfere mas positivamente, porque as melhores fotos que eu já tirei, foram tiradas aqui, na verdade eu só fotografo praticamente na comunidade, e foram muito bem elogiadas por são fotos bonitas. A zona rural normalmente tem matas, tem coisas bonitas, só que depende de cada pessoa, cada olhar, por exemplo se a pessoa vem de Cachoeiro e pensa ah deve ser horrível, ai já chega a primeira coisa é ficar olhando os defeitos, não vai olhar as coisas bonitas que tem, as paisagens, o nascer do Sol, o por do Sol, a Lua, não vai ficar olhando isso, vai olhar só os defeitos, e vai sair daqui com uma imagem ruim de Monte Alegre. E eu

acho que se eu quero seguir uma carreira de fotógrafo eu acho que seria aqui. (16 anos, masculino, estudante, estagiário)

Nota-se através das falas selecionadas nessa categoria que para os jovens entrevistados o fato de estar na comunidade rural interfere enquanto diminuição de condições e oportunidades de trabalho e estudo, no entanto para alguns jovens esses elementos podem ser driblados quando novas possibilidades de inserção são vislumbradas justamente por serem de uma comunidade rural “quilombola”.

5.1.4. Eixo 4: A implicação do “outro”, interconexões e tensões na constituição dos projetos individuais e coletivos

a) Implicação das ações externas na (re)construção da “identidade cultural” e incentivo à educação universitária

Quando os jovens foram indagados se acham que alguma coisa mudou para eles depois que a comunidade passou a ter ações externas (incentivo ao turismo étnico, bolsas de estudo para educação universitária) e se isso de alguma forma interferiu em seus projetos, vários pontos podem ser destacados.

Melhorou para comunidade como um todo, o turismo étnico cultural, as bolsas da faculdade, os que ganharam a bolsa e terminaram, mudou muito e pra melhor. (28 anos, masculino, casado)

Mudou muito, tem a aula de capoeira, tem as crianças que fazem apresentações, eles ganham um dinheirinho... Os turistas pagam pra ver as apresentações né. Tem o caxambu, tem a capoeira, as crianças se divertem, além de estarem brincando eles ganham o seu dinheirinho e ajuda em casa com esse dinheirinho. (28 anos, feminino, casada)

Mudou. Agora tem gente que pode estudar faculdade, tem uma trilha, ontem mesmo fui chamado para fazer curso de condutor na cachoeira da fumaça. Semana que vem nós vamos a Guarapari fazer apresentação. (16 anos, masculino, estudante, estagiário)

Pra comunidade mudou sim. Mas pra mim, agora acabou as bolsas. Mudou pra comunidade, pra mim não, porque eu queria pegar uma bolsa. Se na época eu não tivesse parado de estudar eu tinha conseguido terminar o ensino médio. Mas daí né. (24 anos, feminino, casada)

Agora pra comunidade, mudou muita coisa, o quilombola é reconhecido em todo o lugar, São Paulo, Bahia, igual esses dias eles ganharam uma viagem pra Bahia, ganha pra tudo quanto é lugar. Esse negócio ai de Capoeira, meus filhos faz capoeira, minhas irmãs faz aula de dança. Eles as vez vai apresentar dança pra lá. E eles ganham o dinheiro deles com isso que antes não tinha nada disso não. (28 anos, feminino, casada)

Muito, o pensamento das pessoas daqui mudou, o modo de as pessoas verem a comunidade mudou, internamente e externamente. Nossa comunidade é considerada como turismo quilombola uma das mais organizadas do Brasil. Turismo sustentável e é muito bem vista não só no Espírito Santo mas fora também. E isso é muito bom pra nós. (17 anos, feminino, estudante)

Com certeza, eu acho que antes dessas ações que vieram para Monte Alegre o pessoal só tinha dois modos de ganhar dinheiro, ou era roça ou saia pra ir trabalhar fora. Ninguém pensava em conseguir ganhar dinheiro fazendo apresentações culturais e levar outras pessoas na trilha. Foi preciso vir pessoas de fora pra mostra a comunidade o valor que as coisas tem, mesmo que pequenas tem. Então elas começaram a tirar dinheiro de outros lugares que elas achavam que não tinha. Hoje em dia, com certeza essas ações mudaram bastante Monte Alegre, uma coisa era Monte Alegre antes do turismo étnico e ambiental. Principalmente o turismo ambiental. Hoje em dia as pessoas não desmatam mais, antes todo mundo praticamente cassava passarinho, desmata ia na mata cortar lenha, não queria saber de plantar árvore no quintal, hoje em dia não a coisa já é diferente.(18 anos, feminino, estudante)

Bom acho que mudou sim. Interferiu são oportunidades que a gente não tinha. Através desses projetos muitos jovens daqui já cursaram faculdade e ajudou em muita coisa, abriu a mente dos jovens como pessoa. Se um conseguiu o outro também pode conseguir, mudou muito. (24 anos, masculino, solteiro)

Acho que mudou na comunidade, as bolsas de estudos que foram oferecidas para algumas pessoas. (22 anos, masculino, solteiro)

Mudou sim, mudou apareceu muitos cursos apareceram, até um emprego para mim mãe ela trabalha, começou aqui mesmo. Trabalha de cozinheira. A minha mãe trabalha aqui. Para mim foi alguns cursos que já fiz, o teatro, as bolsas de estudos da faculdade que vieram para a comunidade que podem facilitar bastante para mim. (19 anos, feminino, estudante)

Quando estimulados a refletir se essas mudanças influenciaram de alguma forma em seus projetos de vida, os jovens se dividem. Para alguns os projetos não se refletem diretamente na sua forma de pensar e planejar o futuro, mas praticamente todos os jovens mencionam que as mudanças ocorridas permitiram de alguma forma ampliar as possibilidades que eles viam em seu futuro. Da mesma forma, para alguns jovens essas intervenções ampliaram a forma do jovem poder conciliar o projeto pessoal com o coletivo. Coisa que para eles conforme alguns relatam, seria muito difícil anteriormente. Tal informação parece ter relação direta com a noção de *campo de possibilidades* descrita por Gilberto Velho (2006).

Refletiu porque de alguma forma meus pensamentos mudaram, porque meu modo de ver a vida mudou, antes eu achava, não eu vou ter que sair daqui pra trabalhar senão eu vou ficar preso aqui. Agora não, agora eu posso pensar, eu tenho como trabalhar aqui eu tenho como me manter aqui, eu não preciso ir pra Cachoeiro, lugar nenhum pra trabalhar, eu posso trabalhar aqui mesmo. (18 anos, feminino, estudante)

De alguma forma acho que reflete sim, porque até o ensino fundamental eu não tinha nem idéia de que eu ia fazer faculdade. Ai com a chegada desses projetos aqui eu pude ver, ah tem essa floresta aqui, tem o turismo ambiental. Dá pra mim mexer com isso e ganhar dinheiro sem sair daqui. Então refletiu nos meus projetos então já fez mudar, ah eu não sei o que quero fazer, não sei nem se eu vou fazer faculdade, antes eu pensava. Mas depois

chegando no ensino médio, ai veio esses projetos ai me abriu a cabeça. (17 anos, feminino, estudante)

Para mim melhor para apresentar a comunidade porque a comunidade não era vista conhecida em outros lugares. Hoje em dia até no Rio de Janeiro nossa comunidade é conhecida a cultura as danças. Para mim, a bolsa de estudo ajudou e também para os meus colegas, outros jovens. (24 anos, feminino, casada)

Com isso eu penso em conseguir as coisas. Depois disso me deu mais vontade de ir atrás dos meus sonhos, estudar para mim hoje é uma prioridade. Acabou me dando mais certeza do que eu já pensava. (18 anos, feminino, estudante)

Sim. Antes tudo era muito distante hoje eu vejo que agora é possível, fazer uma faculdade, a gente pode sonhar que pode ter oportunidade de vir a bolsa de estudo para cá. (24 anos, masculino, solteiro)

Nesta categoria, podemos observar os diversos significados que a identidade quilombola assume para os jovens entrevistados. As ações externas são vistas como diria Gilberto Velho (1994) como ampliação do campo de possibilidades, novas formas de inclusão e acesso a outros projetos que antes não eram considerados possíveis ou dentro do leque de opções de futuro.

b) Expectativas da família e da comunidade em relação ao jovem da comunidade quilombola

Em relação às expectativas da família e da comunidade em relação ao jovem e se isso interfere de alguma forma nos projetos, constatamos que para a maioria dos entrevistados a família e a comunidade depositam no jovem a esperança de um futuro melhor. Futuro esse representado por meio de maiores oportunidades, melhores condições e o não envolvimento com drogas.

Arrumar um emprego. Estudar, fazer uma faculdade. Mudar de vida. Todas esperam que ele trabalhe, tenha a sua família, estude, sejam jovens melhores, não fiquem ai envolvidos com essas coisas que tem aparecido por aqui pros jovens né. (19 anos, feminino, estudante)

Na minha opinião as famílias esperam que eles parem de usar essas porcarias que eles ficam usando e parem de trazer aqui pra comunidade porque aqui tem muita criança que ta crescendo e se vê isso. (24 anos, feminino, estudante)

Que o filho comece a trabalhar logo, consiga terminar os estudos. E sempre tenha uma vida melhor do que a que eles tiveram. Eles sempre trabalham pra proporcionar aos jovens, os seus filhos, uma vida melhor do que eles tiveram com mais oportunidades, mais sabedoria. Um pensamento diferente, nunca egocêntrico. (18 anos, feminino, estudante)

Acho que eles esperam que o jovem faça uma faculdade, que futuramente tenham um bom trabalho. Sempre buscam ter boas oportunidades, se eu to trabalhando hoje no banco, primeiramente eu agradeço ao pessoal da comunidade, porque se eu to trabalhando é porque é uma vaga reservada para quilombola. (16 anos, masculino, estudante, estagiário)

Arrume um emprego, nem tanto um bom emprego, mas um emprego, que dê pra ganhar um tanto que dê pra sustentar a sua própria família. Que case. Geralmente nem casa, junta, faz lá sua casa e consegue viver, mas assim, o meu pensamento é diferente deles eu quero ter um bom emprego, um marido que tem um bom emprego. Acho que depois que vc. entra numa universidade você vai vendo, quanto mais você estuda... por exemplo, se eu casar com uma pessoa que não pensa tanto igual eu vai ser difícil, então a gente quer procurar uma pessoa que é mais estudada que tem um pensamento assim mais aberto. (18 anos, feminino, estudante)

Acho que uma família espera de um jovem que ele possa se aprofundar na educação, possa ir atrás de oportunidades, e que se afaste das drogas. O máximo possível acho que família espera que o jovem vá adiante. (17 anos, feminino, estudante)

Sobre os aspectos apresentados pelos jovens nessa categoria vale tecer alguns comentários. As drogas passam a exercer influência e preocupação para os jovens da comunidade no momento em que comprometem os projetos individuais e coletivos, como algo que ameace permanentemente a juventude. Uma das preocupações dos jovens é o medo de serem discriminados por pertencerem a um local onde a droga se instala. Medo de “ficarem falados” fora da comunidade.

Outro elemento que merece comentários são as sutilezas contidas nas falas dos sujeitos como, por exemplo, ter em seu projeto “arrumar alguém mais estudado”, que tenha “novos horizontes”. Percebe-se que a medida que o jovem da comunidade entra no universo acadêmico, novos padrões são incorporados ainda que sutilmente, em seus discursos.

c) A falta de oportunidade de trabalho, as drogas e a preocupação com a imagem da comunidade

Ao serem indagados sobre o que seria para eles considerado um problema para o jovem morador da comunidade quilombola de Monte Alegre os jovens entrevistados relatam com mais intensidade a “falta de oportunidades de trabalho” e as “drogas”. Tais resultados convergem com os resultados de pesquisas realizadas no Rio de Janeiro com jovens de camadas populares, referenciadas anteriormente no corpo dessa dissertação (CASTRO, 2005).

Ao mesmo tempo os entrevistados assumem uma postura interessante, ao demonstrarem certa preocupação com a juventude e com a imagem da comunidade perante a sociedade. Nota-se também uma preocupação moralista verbalizada por

meio de expressões que sinalizam que existem na comunidade alguns jovens irresponsáveis que comprometem os planos da comunidade.

Era pra ser divertido né, mas hoje em dia... com as coisas que tem entrado aqui na comunidade (drogas), a gente vê o jovem se perdendo, indo para outros caminhos, mas os que procuram andar direito são felizes, se divertem bastante. São jovens responsáveis. (24 anos, feminino, casada)

Hoje em dia estão falando que... ah esses jovens, Deus me livre! Porque tem vindo as drogas pra cá. Infelizmente também alguns que se envolvem com o que não presta, tipo drogas. (24 anos, feminino, casada)

Não ter trabalho isso para mim é um problema, por exemplo, nem todos os adolescentes querem trabalhar na roça. Por exemplo, para mim se eu tenho que sair para trabalhar em Cachoeiro, tenho que pagar passagem, para mim ficar fora o dia inteiro é difícil. (19 anos, feminino, solteira)

Das drogas que as pessoas trás pra ai, a gente vê e escuta uns falando com outro, ah eu fumei, acha que é bonito né, os meninos novo, tudo envolvido ai com as drogas. Cheirando, fumando maconha. Eu acho muito triste. Porque é todo mundo parente aqui na comunidade. A gente vendo isso, sabe o destino do que acontece, com isso, a gente fica muito triste. (28 anos, feminino, casada)

Problemas tem bastante, tem um pessoal que fuma, o grande problema é que depois começa a ser mal falado, que aqui tem muito pessoal drogado. (16 anos, masculino, estudante)

Não ter trabalho aqui. Porque a minha sorte que meu esposo é bem empregado, mas eu quero fazer também a minha parte. Quem tem filho sabe, criança não pode ver nada tudo quer, mamãe eu quero compra esse, nunca pede ao pai, pede a mãe e hoje como eu sou dependente do meu marido, do dinheiro dele, e eu tenho que pedir dinheiro a ele, e eu nunca gostei disso. Sempre gostei de ter o meu dinheiro. Acho que isso dificulta muito. (24 anos, feminino, casada)

Alguns... falta de responsabilidade. Praticamente toda a casa tem moto, mas alguns correm exageradamente. Tem alguns que bebem e alguns se envolveram com drogas. Mas o principal problema daqui é que algumas pessoas tem muito pessimismo. Acho que uma coisa nunca vai dar certo. O que está sendo feito aqui com o tempo vai acabar. A maioria das pessoas ainda não leva muito a sério aqui e acha que tudo vai dar errado. Não a maioria dos jovens pensa assim, mas uma parcela pensa também. (16 anos, masculino, solteiro, estudante)

Dessa forma notamos que a maioria dos jovens entrevistados se auto-classificam como “responsáveis”, que “pensam no futuro” e acreditam que “o projeto da comunidade vai dar certo”, enquanto os outros jovens que não agem dessa maneira são considerados por eles como “irresponsáveis” e “pessimistas” em relação a sua comunidade e com isso comprometem o projeto coletivo.

6. DISCUSSÕES

A partir dos quatro eixos de leitura das falas dos jovens entrevistados gostaríamos de tecer alguns comentários e discussões referentes às análises de conteúdo e contextualização com o campo teórico utilizado.

Em relação ao primeiro eixo que engloba as representações da juventude na comunidade quilombola notamos que o jovem da comunidade se considera um jovem comum que tem seus desejos, anseios e dificuldades. A visão dos entrevistados sobre o que é ser jovem, adolescente ou adulto parece estar relacionada com a perspectiva corrente em que a adolescência aparece mais ligada a infância e a juventude mais próxima da vida adulta (cf. Groppo, 2000).

É possível identificar em suas falas que as expressões ‘responsabilidade’ e ‘liberdade’ parecem estar ligadas ao núcleo central das representações sociais sobre a juventude na comunidade, mas de alguma forma diferente da responsabilidade do adulto. No caso da juventude a responsabilidade está atrelada a um certo compromisso com o futuro, que passa por estudar e dedicar um pouco do seu esforço para garantir a entrada na vida adulta através da inserção profissional.

Ao mesmo tempo em que a responsabilidade com seu futuro é constantemente mencionada, a liberdade parece ser outro elemento de destaque no discurso dos entrevistados sobre o que é ser jovem. A liberdade neste caso é comparada com a do adulto e do adolescente. Ao mesmo tempo em que o jovem tem mais liberdade quando se compara com o adulto tem mais responsabilidades do que o adolescente. Neste caso a adolescência é o período representado como tempo de “brincar”, “zoar”, “curtir”, sem pensar muito no futuro.

É possível ainda perceber que mudar de faixa etária não indica para os entrevistados que o jovem entrou na fase adulta, mas sim o fato dele assumir as responsabilidades atribuídas ao universo do mundo adulto, ligadas geralmente a manutenção de uma família e moradia própria. Ao mesmo tempo, na representação dos jovens entrevistados, assumir uma família não está atrelado automaticamente a entrada na vida adulta, pois é possível ser pai, mãe, marido ou esposa e ainda sim continuar sendo jovem ou até mesmo adolescente. Nesses casos, para os entrevistados poderia haver um prolongamento da condição juvenil, quando este não consegue assumir as responsabilidades da vida adulta (Canevacci, 2005; Kehl, 2004).

Já em relação às representações de ser jovem quilombola, as associações são feitas pelos entrevistados em relação primeiramente a cor, a cultura e o pertencimento à comunidade, conforme citado anteriormente na análise dos resultados. Porém consideramos essas associações como elementos periféricos, uma vez que a variável “oportunidade” parece ser o elemento central das representações sociais de ser jovem dentro da comunidade quilombola estudada. A alusão a essas oportunidades permeiam as entrevistas em diversos momentos, mesmo quando os jovens são indagados sobre outros temas.

Quando indagados sobre o que demarca a entrada na vida adulta, novamente a questão apontada é “responsabilidade” e “ter cabeça” para não se desviarem e conseguirem boas condições de inserção na sociedade. Talvez por isso, as drogas apareçam em muitos momentos como ameaças para os projetos individuais e coletivos.

No segundo eixo agrupamos temas relacionados à representação dos elementos constituintes dos projetos de vida para os jovens da comunidade. Em relação aos projetos de vida, observamos que para a maioria dos entrevistados pensar no futuro é pensar em formas de inserção social, idealizada por meio do trabalho, profissão e estudos. Nenhum dos jovens entrevistados relatou projetos existenciais de amplos aspectos. Neste sentido, os resultados se assemelham ao que Leccardi (2005) descreve nos resultados de suas pesquisas. Para esta autora essa é uma das características dos planejamentos dos jovens contemporâneos, que não deixam de se relacionar com o futuro, mas o personificam geralmente em projetos de médio ou curto prazo, geralmente relacionados a “profissão e ao cuidado de si”.

Podemos inferir que os projetos de vida dos jovens entrevistados são entendidos como projetos que lhes permitam acesso primeiramente a uma vida estável, que lhes dê condições de acesso a bens de consumo e melhores condições financeiras e de moradia. Ainda sobre esse aspecto é importante observar que os projetos individuais referenciados pelos entrevistados estão em constante evolução. Ao mesmo tempo em que pensam em projetos individuais, observamos que a estrutura de seus projetos não pode ser classificada como meramente individualista.

Em relação às redes e fontes de apoio para os jovens estudados realizarem seus projetos, a família e as lideranças da comunidade aparecem como principal recurso. É importante ressaltar que a comunidade estudada mantém fortes laços de

parentesco. Ao que tudo indica, nesta comunidade, os jovens pesquisados atribuem significados e importância a presença da família na constituição de seus projetos.

No entanto, verificaremos em algumas entrevistas tensões entre o que a família gostaria que seu filho seguisse e a vontade dos jovens, principalmente no que diz respeito a ficar ou sair da comunidade. Nessas situações, a negociação parece ser a solução encontrada na maioria dos casos, onde algumas vezes os jovens abrem mão, por exemplo, de sair da comunidade atrás de melhores condições de trabalho para não abandonar a família de origem. Outras vezes, a família auxilia o jovem a sair para estudar nas cidades vizinhas, visando assim, a possibilidade de melhores condições de vida familiar.

Notamos que tal como propõe Boutinet (2002) os projetos tomam maior consistência quando os jovens podem contar com outros atores sociais. No caso dos jovens estudados, fica evidente que os que conseguem encontrar na família ou em algum outro agente um suporte moral e financeiro apresentam formas mais elaboradas de pensar no futuro, com estratégias mais definidas e prazos mais prolongados, ao contrário daqueles que precisam contar mais com a sua própria sorte. Para esses, os projetos são de curtíssimo prazo e geralmente estão relacionados à sua sobrevivência pessoal e às vezes a manutenção de sua família de origem.

É visível na comunidade a valorização da educação como via de ascensão social. Isso em grande parte se reflete no discurso dos jovens entrevistados quando relatam que a comunidade se divide em “antes” e “depois” de alguns moradores terem conseguido bolsas para formação universitária, que proporcionou a estes, de fato, novas condições de trabalho dentro e fora da comunidade. No entanto, os jovens não são ingênuos, percebem que apesar de conquistarem alguns progressos que lhes permitem maior acesso as oportunidades de trabalho, avaliam que em comparação a outros jovens de fora da comunidade encontram-se em desvantagem em relação aos vários requisitos do mercado de trabalho, tais como desenvoltura, experiência e rede de relacionamentos.

Em relação ao tempo presente e tempo futuro os jovens vivenciam essa questão de forma relacional, no seguinte sentido: um grupo entende que o tempo da juventude é tempo para se preparar para conquistar um futuro melhor, ainda que não exista a noção de moratória social, tal como se pensava a juventude em outros tempos. Nesses casos muitos já trabalham enquanto estudam e se preparam para

assumir as responsabilidades da vida adulta. O “tempo para se preparar” está relacionado ao sentido não ter os compromissos que um adulto tem, pois a maioria dos entrevistados mora com seus pais e não arca com as despesas da manutenção de uma família ou moradia.

Já para o outro grupo, composto pelos casados e com filhos, esse tempo se configura de outras formas e as necessidades giram em torno de conseguirem um melhor emprego para ter acesso a própria moradia, se tornarem independentes de seus pais e darem melhores condições de vida para seus filhos. Neste caso, o tempo vivido é o tempo *presente* ou como diria Boutinet (2002) tempo *operatório*, que inclui ações práticas orientadas para a manutenção da vida cotidiana mais premente.

Para os jovens de menor idade que estudam e não têm filhos o tempo futuro é tempo de planos e acesso a melhores condições de vida. É interessante notar que os jovens entrevistados sabem que não existem garantias para que esse futuro idealizado aconteça, pois as situações e as oportunidades mudam o tempo todo.

Nota-se em algumas falas desses jovens, a percepção de que é preciso ter flexibilidade em seus planos (cf. Leccardi, 2005), pois percebem que as ações na comunidade são dinâmicas e podem ampliar ou reduzir as possibilidades a partir das parcerias que as lideranças conseguem firmar com instituições públicas e privadas.

No terceiro eixo procuramos identificar as representações do rural e do urbano na comunidade e como isso se relaciona com os projetos de vida dos jovens estudados. Em relação à representação da comunidade como rural, os jovens utilizam-se da comparação entre os estilos de vida rural e urbano para classificar a comunidade como rural. No entanto, vários jovens apontam os diferentes elementos da cultura urbana que se inserem no cotidiano da comunidade tais como tecnologia, hábitos, costumes e jeitos de se vestir.

Alguns apontamentos feitos pelos jovens entrevistados nos permitem dividi-los em dois grupos que olham para a comunidade rural de formas distintas. Um grupo enfatiza as diferenças, destacando os pontos positivos de se viver no meio rural. Os elementos usados para destacar os benefícios de se morar na área rural são: tempo para fazer as coisas, liberdade, contato com a natureza, poder cultivar o alimento para consumo e ter sua moradia própria. O outro grupo de jovens destaca a falta de estrutura urbana que a comunidade enfrenta e considera a área rural atrasada, pois não têm acesso as facilidades que podem encontrar na cidade.

Neste sentido para os que conseguem ver as “coisas boas de se viver no campo”, os projetos de vida parecem estar mais estruturados em função de estratégias que lhes permitam permanecer na comunidade, depois de se graduarem ou conseguirem formas de trabalho e geração de renda na própria comunidade. Percebe-se também que estes jovens são mais articulados e utilizam em seus discursos estratégias de valorização pessoal e da comunidade em que estão inseridos.

Ao falarem sobre suas representações relativas ao jovem rural e o jovem urbano, praticamente todos os entrevistados enfatizaram marcadas diferenças no que tange ao estilo de vida, acesso a tecnologia e as oportunidades de vida em geral, destacando-se mais uma vez as oportunidades de acesso a educação e trabalho. As imagens representadas pelos jovens entrevistados relatam um jovem rural tímido, trabalhador, batalhador, responsável, sofrido e mais “devagar” em relação ao jovem urbano. Atribuem a questão de melhores “oportunidades” que o jovem urbano tem em relação ao jovem rural. Já o jovem urbano é representado pelos entrevistados como mais descolado, com mais tempo livre para fazer o que quiser porque “não precisa” ou “demora mais” para começar a trabalhar, menos responsável, em melhores condições financeiras, com mais oportunidades na vida e mais mimados pelos pais. Em sua auto-representação como jovens rurais alguns entrevistados destacam as suas vantagens em relação ao jovem urbano, além de representarem o jovem rural como mais responsável e de cabeça mais estruturada, alguns destacam a liberdade do campo, em contraponto a que os jovens urbanos “vivem mais presos, indo da escola para o shopping”; enquanto eles no campo podem desfrutar de “brincadeiras no rio, jogos de bola, danças”. Dessa forma, notamos a comparação que o jovem morador da comunidade faz entre si e o jovem urbano destacando ao mesmo tempo as vantagens e desvantagens dos dois modos de ser jovens.

É interessante observar que em sua auto-representação, para os jovens entrevistados não existem diferenças entre ser jovem quilombola ou não, conforme citado anteriormente. Observamos que alguns deles, utilizam-se de elementos culturais da comunidade, relacionado a dança e o contato com a natureza para se comparar com jovens urbanos buscando enfatizar seus pontos fortes.

Ainda sob esse aspecto, ao serem questionados se o fato de morarem em uma comunidade rural interfere de alguma forma em seus projetos, dois grupos se

distinguem: de um lado os jovens que acham que interfere porque dificulta o acesso as oportunidades de trabalho e estudo que estão fora da comunidade, e de outro os jovens que se consideram “incluídos” nos projetos em decorrência da comunidade ser quilombola. Para esses jovens, ser da comunidade pode favorecê-los e lhes permite idealizar projetos de futuro e conquistar reconhecimento e valor pessoal. Isso é materializado através das oportunidades de viajar para realizar apresentações culturais, ter acesso a bolsas de estudos para cursos técnicos e faculdade, bolsas de “menor aprendiz” destinado aos jovens moradores da comunidade quilombola, entre outras possibilidades.

Por fim, no quarto eixo agrupamos alguns elementos que identificamos como pontos de interconexões e tensões que surgem no campo e que influenciam na constituição dos projetos dos jovens entrevistados. Neste eixo notamos que as falas dos jovens sugerem que as ações externas relacionadas à reconstrução de identidade cultural e incentivo a educação universitária por meio de concessão de bolsas de estudo repercutiu significativamente na vida da comunidade e conseqüentemente na forma como os jovens se relacionam com o seus projetos de vida.

Em relação à reconstrução da identidade cultural, as falas não sugerem grandes mobilizações dos jovens entrevistados nesse sentido, no entanto, notamos que a intervenção dos agentes externos vem sendo relacionada como fonte de novas possibilidades de inserção social e geração de renda que são representados em novos projetos antes não vislumbrados no campo de possibilidades da maioria dos jovens.

Conforme percebemos nos discursos dos entrevistados, um dos pontos impactantes para os jovens da comunidade é a possibilidade de inserção no mercado de trabalho através da formação universitária. Entretanto, das últimas 11 bolsas de estudos concedidas em 2009 aos jovens da comunidade, apenas 3 continuaram a estudar em 2011. Buscamos conversar com esses jovens na intenção de conhecer os motivos que os levaram a evasão. No entanto, dos oito jovens que evadiram somente dois permaneceram na comunidade e só conseguimos entrevistar uma moradora. Dessa forma, grande parte desse questionamento continua em aberto. Em sua entrevista, um dos motivos relatados pela desistência foi não ter com quem deixar a filha pequena. Neste caso, a jovem relata que nem os pais nem o marido lhe deram suporte para que ela conseguisse terminar os estudos. Para

ilustrar essa problemática, retratamos aqui um pequeno trecho de sua entrevista, que não pôde ser agrupada nas demais análises, mas que julgamos extremamente pertinente por retratar tensões familiares geradas a partir do momento em que a jovem mulher sai da comunidade para estudar em busca de realizar seus sonhos e projetos.

Quais os motivos que fizeram você parar de estudar?

Fiz até o 4º período de História ... [...] Parei assim, no começo eu tive um momento em que eu e meu esposo não estávamos muito bem, uma crise assim no casamento, você sabe essas coisas. Ele renegou ficar com a menina, ele disse; 'não vou ficar com ela para você andar a toa'. Eu ganhei essa bolsa e queria estudar, aí eu deixava ela com minha vizinha. Quando eu chegava meia noite, pegava ela na vizinha, era chato chamar os outros essa hora. Com isso eu ficava desanimada, e pensava como ela ficava quando eu saía. E com isso foi ficando difícil, muitas vezes ele (meu marido) não tinha chegado da roça porque era longe, quando ele ia a pé não tinha hora certa para chegar. Quando ele vinha mais cedo buscava nossa filha mais era difícil ele chegar cedo. E com isso eu desanimei e parei de estudar, foi aí eu fiquei em casa, e acabei engravidando de novo.

Eu queria estudar... eu sempre lembro, igual no dia 18 dezembro eu lembrei da minha formatura. O marido falava estudar é para ficar a toa. Eu disse poxa você não sabe do meu futuro, eu posso trabalhar e conseguir as coisas, mas não deu.

Notamos na fala da jovem entrevistada que a complexidade das relações internas afeta consideravelmente a produção ou manutenção dos projetos e sonhos futuros. Infelizmente, não conseguimos entrevistar os demais jovens que desistiram para levantar e comparar os motivos que eles relacionam a evasão escolar e os significados que eles atribuem aos estudos. Sabe-se, no entanto, que alguns desses jovens também eram mulheres que engravidaram no meio do curso.

Ainda sobre os trechos acima selecionados da fala desta jovem que parou de estudar por não ter com quem deixar os filhos, a relação familiar e as falas do marido sobre o papel da mulher nos levam a pensar em uma série de tensões resultantes dos relacionamentos familiares que não aparecem no contexto dessa dissertação. Tais conflitos sugerem a possibilidade de investigações futuras sobre o papel da jovem mulher de uma comunidade quilombola quando esta se desprende do contexto familiar em busca de melhores condições de vida.

No geral, notamos que a educação para a comunidade apesar de ser valorizada pela maioria, passa a ser um ponto de tensão ao inserir novos valores e padrões culturais distintos dos padrões vigentes da comunidade. Os adultos, com algumas exceções, depositam nos mais jovens a esperança de que com o acesso à educação, muitos poderão projetar a comunidade. A tensão surge quando o jovem

precisa decidir entre seus sonhos pessoais, que às vezes passa por ter que sair da comunidade. Neste sentido, os jovens entrevistados parecem buscar estratégias que conciliem suas necessidades pessoais com o projeto coletivo, no momento em que muitas vezes optam por uma formação universitária que lhes permitam desenvolver a comunidade. Nestes casos podemos citar como exemplo algumas profissões aspiradas pelos jovens entrevistados: ornitólogo, pedagogo, biólogos, fotógrafos.

Ainda em relação a essas tensões que surgem no campo estudado, a falta de oportunidade de trabalho na própria comunidade e as drogas são os grandes temores apontados pelos jovens entrevistados tanto para o seu futuro quanto para o da comunidade. Muitos relatam em suas falas a preocupação com a imagem da comunidade que é prejudicada cada vez que “alguns jovens irresponsáveis” se envolvem com bebidas e drogas, trazidos para a comunidade por outros agentes.

Notamos que os próprios jovens depositam na juventude, as esperanças e as frustrações que podem comprometer o seu futuro na comunidade, como um reflexo social mais amplo. No entanto, podemos observar de forma implícita em suas falas que a maioria dos jovens entrevistados se consideram responsáveis e comprometidos com o projeto coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar que os jovens estudados, apesar de seu cotidiano específico, vivenciam questões que atravessam a temática da juventude brasileira contemporânea tais como: dificuldades de inserção no mercado de trabalho, prolongamento da condição juvenil e dependência familiar (cf. Pais, 1993).

Vale destacar que no contexto cultural em que esses jovens estão inseridos, emergem algumas particularidades, bem como novas formas de subjetivação.

Sobre os projetos de vida e como eles se articulam para os jovens estudados, este estudo evidencia que tais projetos dependem em grande parte das possibilidades percebidas pelo jovem como factíveis. Família, educação, comunidade e interações que surgem no campo são elementos chaves que emergem continuamente nas falas dos sujeitos entrevistados.

Sob este aspecto a noção de campo de possibilidades apresentada por Velho (1994) inspirado em Schutz, parece adequada para compreender a questão que se apresenta no campo, uma vez que é visível para os jovens que a partir das mobilizações de agentes externos, novas possibilidades de pensar o futuro se configuram, influenciando diretamente na constituição de seus projetos.

No decorrer das análises da pesquisa notamos que os jovens se relacionam com o tempo futuro e com o planejamento de formas distintas e conforme Gonçalves (2005) vivem entre a tradição e a modernidade.

Os jovens que possuem mais recursos sociais e culturais e contam com o apoio de seus pais e/ou das lideranças da comunidade idealizam projetos mais elaborados, de prazos mais prolongados incluindo maiores variáveis e complexidades. Esse é o caso dos jovens que tem acesso a projetos de inclusão e educação universitária.

Para os jovens que precisam contar mais consigo mesmo, os projetos são de curtíssimo prazo, relacionados à sobrevivência pessoal e familiar. São os projetos de “tempo curto”, como descreve Leccardi (2005), cuja prioridade maior é o aqui e agora.

Vale destacar que esses projetos se concentram no tempo presente não por uma despreocupação desses jovens com o seu futuro, mas porque estão

relacionados a necessidades mais prementes das atuais circunstâncias que a vida cotidiana impõe.

Dessa forma observamos que os projetos de vida mencionados pelos jovens participantes dessa pesquisa, ainda que aparentemente não se configurem como um princípio capaz de estruturar suas biografias, tal como conclui Leccardi (2005) emergem como formas de mediação entre a necessidade de controle subjetivo sobre o tempo futuro e o ambiente social em que estão inseridos.

Frente a esta heterogeneidade que se traduz em distintos modos de ser jovem na comunidade, surgem situações e formas criativas de negociação entre o individual e coletivo, configurando distintas identidades à medida que novas situações e interações ocorrem em suas relações cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, 1997, n. 5 e 6, p. 25-36.

_____; FREITAS, M; LEÓN, O. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.** SP: Ação educativa, 2005.

ABRIC, J.C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** Em: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs). Estudos interdisciplinares de representação social. (p. 27-38) Goiânia: AB, 1998.

AGUIAR, W.M.J., BOCK, A.M. & OZELLA, S. **A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica.** In: BOCK, A.M., GONÇALVES, M.G.M & FURTADO, O. (Orgs). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.* São Paulo: Cortez, 2001, pg. 163 -78.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da família.** 2ª. Edição, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARRUDA, A. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero,** Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. Campinas, SP, 2003, v. 117, pg 127-147.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: edições 70, 2010.

BASTOS, P. C; CARRANO, P. C. Rodrigues. **Trajetórias de uma jovem quilombola: entre vivências e projetos.** In: 29ª Reunião da Anped, 2006, Caxambu. 29ª Reunião da Anped.

BAUMANN, Z. **Modernidade Líquida.** São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000.

BECK, U. **Sociedade de Risco - Rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis. Vozes, 1976.

BERTOLO, M. ROLKE, R.K; TRINDADE, Z.A et al. **Pesquisas sobre juventude produzidas dentro do campo de estudos da Teoria das Representações Sociais**. Anais da V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.vjirs.com.br/completos/VJIRS_0447_0448.PDF. Acessado em 04 de ago. 2010.

BOCK, A. M.B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Cad. Cedes, Campinas, abril 2004, vol. 24, n. 62, p. 26-43.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional, uma estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983, p.112-121.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOUTINET, J.P. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 5ª. edição, 2002.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARANO, A. A. et al. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Revista Última Década, Santiago, v.12, n.21, dic. 2004. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000200002&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 04 jul. 2011.

CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARNEIRO, M. J. **Juventude rural: projetos e valores**. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo, 2005, v. 1, p. 243-262.

CARNEIRO, M. J. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais** in: Teixeira da Silva, F.C., Santos, R., Costa, L.F.C. (orgs.) *Mundo Rural e Política*. Rio de Janeiro, Ed. Campus/Pronex, 1998.

CARVALHO, A.D. **A educação como Projeto Antropológico**. Porto: Afrontamento, 1992.

CASTRO, J.A, AQUINO, L.M, e ANDRADE, C.C. (Orgs). **Juventudes e Políticas Sociais no Brasil**. IPEA, 2009.

CASTRO, L.R.de & CORREA, J. **Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social**. In: L.R. de Castro & J. Correa (orgs.) *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU – FAPERJ, 2005. p. 9-25.

CASTANHO. G.M.P. **O adolescente e a escolha da profissão**. São Paulo: Paulus, 1988.

CASTELO BRANCO, M. T. **Jovens Sem-Terra: identidades em movimento**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

DIB, S. K. e CASTRO, L.R. de. **O trabalho é projeto de vida para os jovens?** *Cad. psicol. soc. trab.* 2010, vol.13, n.1, pp. 01-15.

DUFOUR. D, R. **A arte de reduzir as cabeças**. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2005.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FAVERO, O. et al. (orgs) **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, Anped, 2007.

FRANCO, M.L.; **Análise de conteúdo**. Série pesquisa em Educação. Brasília: Plano Editora, 2003.

FROMM, E. **Del tener al ser**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**, RJ: Vozes, 1985.

GONÇALVES, M.G.M. **Concepções da adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens** in OZELLA (org) *Adolescências construídas, a visão da psicologia sócio-histórica*, São Paulo, Cortez editora, 2003.

GONÇALVES, H. S. **Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade**. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 2005, vol.17 (2), 207-219.

GROPPO, L.A, **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Coleção Enfoques. Sociologia. Rio de Janeiro: DIFTEL, 2000.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6. Ed. Rio De Janeiro: Dp&A, 2001.

JODELET, D. **La representación social: fenómenos, concepto, y teoría**. In. MOSCOVICI, S. *Psicologia Social II*. México: Paidós, 1984.

KEHL, M. R. **A Juventude como sintoma da Cultura**. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). *A juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LECCARDI, C. **Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. *Revista Tempo Social*. 2005, vol.17, n.2, p. 35-57.

MAIA, A. A. R. M; MANCEBO, D. **Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado.** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 30, n. 2, jun. 2010.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200012&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 21 ago. 2011.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações**, In Foracchi, M.A (org). Mannheim, col. Grandes cientistas sociais, São Paulo: Ática, 1982.

MARTINS, P. O; TRINDADE, Z.A e ALMEIDA, A.M.O. **O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural.** Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(3), pp. 555-568.

MEAD, M. **Adolescencia y cultura en Samoa.** Buenos Aires: Paidós, 1967.

MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. **Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002).** Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2003, v. 55, n. 1, p. 42-55.

MENANDRO, M. C. S.; et al **Juventude e Representações sociais de participação política.** Revista Electrónica de Psicología Política Año 8 Nº 23 – Julio/Agosto 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** 7ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____ **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

_____ **La psychanalyse, son image et son public.** Paris: PUF, 1961/1976, p. 40-41.

NASCIMENTO, I. P. **Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações**. Imaginário, São Paulo, v. 12, n. 12, jun. 2006.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jun. 2011.

NOVAES, R. **Juventudes faixas C, D e E- perfil, demandas e imaginário**. Seminário Juventude e Teledramaturgia. São Paulo, 2008.

_____ **Políticas de Juventudes no Brasil: continuidades e rupturas**. In: FAVERO, O. et al. (orgs) Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, Anped, 2007.

_____ **Os jovens de hoje: contexto, diferenças e trajetórias**. In: Culturas jovens: novos mapas de afeto. Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

NOVAES, R e VANNUCHI P. **Juventude e Sociedade**. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, M.B.S. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. Revista Brasileira De Ciências Sociais - Vol. 19 Nº. 55, São Paulo, 2004.

OZELLA (org) **Adolescências construídas, a visão da psicologia sócio-histórica**, São Paulo, Cortez editora, 2003, p. 17-39.

PAIS, J.M. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. In Análise Social, vol XXV (105-106), 1990 (1º. e 2º) 139 -165.

_____ **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa nacional casa da moeda, 1993.

RAITZ, T.R, PETTERS, L.C. **Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família.** Revista Psicologia e Sociedade. vol.20 no.3 Florianópolis Set/Dec. 2008.

RIBEIRO, M. A. **A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens.** Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais volume 5(1), São João del-Rei, jan./jul. 2010.

SÁ, C.P. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M.I. **Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens.** Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia da Educação - PUC/SP, 2002.

SARTI, C. A. **O jovem na família: o outro necessário.** In: Vannuchi, Paulo e Novaes, Regina (org.), Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 115-29.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais,** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SPÓSITO M.P e CARRANO. **Juventudes e políticas públicas no Brasil.** in Juventudes contemporâneas, Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

SPOSITO, M.P. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil.** In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

SPINK, M.J. **O conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial.** Cad.Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

SPINK, M. J. P; LIMA, H. **Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação**. SPINK, Mary Jane Paris (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano : aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93-122.

SWARTZ, D. **Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social**. In PATTO, M.H.S, Introdução à Psicologia Escolar. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TEIXEIRA, E.J. **Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção de projetos de vida**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

_____, **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea** in Almeida, Eugênio (orgs). Cultura Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____, **Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

Documentos Eletrônicos:

Código civil quilombolas. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_28/artigos/Art_Claudio.htm.
Acesso em out. de 2010.

ANEXO 1:**Roteiro de entrevista semi-estruturada**

1. Qual a sua idade?
2. É casado? Tem filhos? Mora com quem?

1: Representações da juventude e do jovem quilombola

3. Você se considera adolescente, jovem ou adulto? (A partir das associações, retornar às experiências pessoais)
4. Quando eu falo em “ser jovem” qual a primeira coisa que te vem a cabeça? (A partir das associações, retornar as experiências pessoais)
 - a. O que isso tem a ver com você? (Identificar as representações de ser jovem para o entrevistado)
5. Quando eu falo em jovem quilombola o que te vem a mente? (A partir das associações, retornar as experiências pessoais)
 - a. Você se considera quilombola? Por que?
 - b. Como você acha que as pessoas em geral vêem um jovem quilombola?
 - c. Como você vê o jovem quilombola retratado pela mídia em matérias locais?
6. Pensando nisso tudo, então como você descreveria o modo de ser jovem na comunidade?

7. Para você, como é vista atualmente a juventude na comunidade quilombola de Monte Alegre? (Identificar se é valorizada, vista como um problema social, etc)
8. Quando eu falo na relação consumo e jovem, o que te vem a cabeça? O que isso tem a ver com você?
9. Para você, quando um jovem ou adolescente da comunidade entra na vida adulta? (identificar as representações de passagem para a vida adulta na comunidade)

2: Significação do tempo (tempo presente, futuro e tempo livre)

10. Como você organiza seu tempo? (Identificar relações com o tempo, atividades exercidas e tempo dedicado ao lazer, trabalho, educação)
 - a. O que você faz em seu tempo livre?
 - b. Como é a organização do tempo aqui na comunidade? Como os jovens organizam o tempo deles?
 - c. Como é o lazer dos jovens da comunidade?
11. Para você o que é mais importante, viver o presente, o aqui e agora ou pensar no futuro?
12. Você acha que precisa abrir mão de fazer coisas no presente por causa do futuro? O que você acha disso? (A partir das associações retornar as experiências pessoais tentando relacionar o tempo significativo do entrevistado)

3: Projetos de vida e tensões em relação a família, cultura

13. Quando eu falo em projetos de vida qual a primeira coisa que te vem a cabeça? (Aprofundar nas experiências pessoais)

- a. O que esses projetos tem a ver com sua família (Aprofundar buscando compreender como a família percebe os projetos individuais do jovem)
 - b. Existem conflitos entre seus projetos pessoais e os de sua família?
 - c. E em relação à comunidade?
14. Para você alcançar seus projetos o que você considera essencial? (Identificar o que facilita e o que dificulta, buscando estabelecer a ordem de importância para o jovem)
- a. Você consegue imaginar sua vida daqui a dez anos?
 - b. Quem estaria com você?
 - c. O que você precisa fazer para que isso aconteça?

4: Representações rural x urbano

15. Você considera essa comunidade em que você vive uma comunidade rural?
- a. Se sim, por quê?
 - b. Para você existem diferenças entre os jovens do meio rural e da cidade? Se sim, quais? (identificar representações da dicotomia rural x urbano)
16. Para você o fato de viver numa comunidade rural interfere em seus projetos? Como?
17. Você tem planos de permanecer ou sair da comunidade?

5: Relações de projetos e trabalho

18. Quando eu falo em trabalho, qual a primeira coisa que te vem a cabeça? (A partir das associações, retornar as experiências pessoais)
19. Com quantos anos você começou a trabalhar?

20. Atualmente, você trabalha? Em quê?

21. Qual o principal destino do seu salário?

22. Que tipos de trabalhos existem para o jovem aqui na comunidade?

- a. E você pretende exercer algum deles ou trabalhar em outra profissão?
(Aprofundar experiências pessoais)

6: Relações de projetos e educação

23. Atualmente você estuda? O que está estudando?

24. Quando eu falo em escola / educação o que te vem a cabeça? (o que isso tem a ver com você?)

- a. Como são suas experiências pessoais em relação à escola?
- b. O fato de pertencer a uma comunidade quilombola faz ou fez alguma diferença na sala de aula? (identificar se existem conflitos culturais)
- c. Segundo sua percepção como é vista a educação para a comunidade em geral?
- d. E para seus pais?

25. Se parou de estudar, quais os motivos?

26. Frente a isso tudo, o que o estudo significa para você?

7: Ações externas na comunidade e relações com os projetos

27. Mudou alguma coisa para você depois que a comunidade passou a ter atividades como o turismo étnico, bolsas de estudo e outras ações externas?

- a. Se mudou, o que mudou?

- b. Isso se reflete em seus projetos de vida? Como?
- c. Você considera a influência de alguma pessoa como fundamental para você pensar hoje nos seus projetos de vida? (buscar identificar a influências de agentes externos na significação de projetos)
- d. De um modo geral, o que hoje, a família espera de um jovem daqui?
- e. Você acha que a comunidade espera algo dos jovens daqui?
- f. Como você se vê nisso tudo?